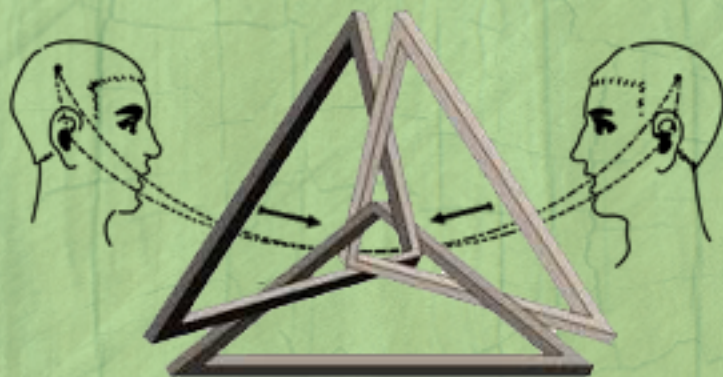


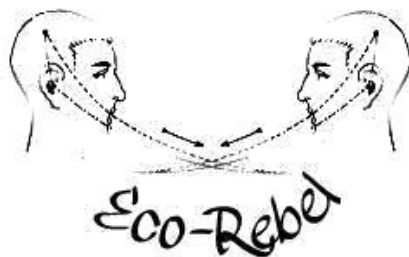
Ecolingüística

**Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem
(ECO-REBEL)**

Volume 10, número 2, 2024



**Programa de Pós-Graduação em Linguística
Departamento de Linguística
Instituto de Letras
Universidade de Brasília**



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

O presente número de ECO-REBEL contém uma seleção de textos apresentados no VI Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística, realizado de 27 a 29 de novembro de 2023, de forma remota, via ConferênciaWeb, cujo site é: <https://viebimeufg.wixsite.com/viebime>. Os artigos especificamente no contexto da antropologia do imaginário sairão no número extra, ECO-REBEL v. 10, n. 3, 2024, organizado pela editora convidada Mayara Macedo Assis.

O primeiro artigo, “A ampulheta da lexicalização e o trajeto antropológico do imaginário”, de Elza Kioko do Couto & Hildo do Couto, visa a comparar o processo de formação e transformação de palavras, visualizado na ampulheta da lexicalização, com o trajeto antropológico do imaginário de Gilbert Durand. Nota-se que há muitas afinidades entre as duas teorias, embora praticantes de ambas tenham ignorado uns aos outros. O presente artigo é uma das primeiras tentativas de sanar essa lacuna.

O segundo artigo, “Entre o humano e o animal: os discursos presentes em Os gatos te esperam, de Anderson Rodrigues”, Mayara Assis & Elza Kioko do Couto, parte das categorias e conceitos da ADE para analisar o conto Os gatos te esperam. O artigo discute a visão antropocêntrica relativamente à desejável visão ecocêntrica, mediante uma avaliação dos conflitos de um estudante frente à animalidade dos gatos.

O terceiro texto, “A guerra Israel-Hamas vista pela ADE”, de Elza Kioko do Couto & Maria Ivoneti Ramadan, faz uma análise da guerra Israel-Hamas partindo da concepção teórica da análise do discurso ecossistêmica (ADE), teoria que enfatiza a valorização da vida de preferência à política e à economia.

Em quarto lugar vem “Ecolinguística e Publicidade: análise do ecossistema mental de representação da marca KitKat”, de Ayumi Nakaba Shibayama & Hertz Wendell de Camargo, que mostram que um diálogo entre a Publicidade e a Ecolinguística, sobretudo a Linguística Ecossistêmica, pode levar a conclusões muito interessantes.

O quinto artigo, de Samuel de Sousa Silva, é “Agro é pop, o agro-é-tóxico: Análise ecodiscursiva da campanha publicitária o “Agro é tudo”. Ele discute esse assunto utilizando-se da análise do discurso francesa e a análise do discurso ecossistêmica. Mediante conceitos como dito e não dito, entre outros o autor traz à tona o fato de que a grande produção agrícola está voltada apenas à exportação com o fim de enriquecer os empresários, não necessariamente alimentar as pessoas.

O sexto artigo, “Ecologias linguísticas complexas e educação bilíngue no Senegal – ECEBS”, de Djiby Mane, discute os problemas enfrentados pelas crianças senegalesas na

ECO-REBEL

escola devido ao fato de o ensino ser basicamente em francês, língua estrangeira, e, mesmo quando o ensino é bilíngue a língua nacional pode não ser a do aluno, devido ao grande multilinguismo do país.

O sétimo artigo, *Phytomedical intervention as a double biosemiotic road do health: Towards a theoretical model*, de Marta Bogusławska, discute um novo modelo para a questão da saúde e da cura em consonância com os novos modelos científicos que vão além da visão newtoniana, mas adotando também práticas ancestrais. A comunicação tem aí um papel importante, no qual a ecolinguística pode ajudar.

O oitavo e último artigo, “A criatividade na produção escolar de gêneros textuais: uma escuta dos alunos pelo viés da ecolinguística”, de Beatriz de Castro Resende & Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, usa a ecolinguística e o conceito de redação libertadora na produção de textos e vídeos Tiktok por alunos do ensino básico, mostrando que os resultados foram altamente profícuos.

Este número de ECO-REBEL contém ainda duas resenhas. A primeira é do número monográfico do Boletim do GEPL (n. 10, 2022), inteiramente dedicado à análise do discurso ecossistêmica. A resenha foi feita por Mayara Macedo Assis e está disponível em

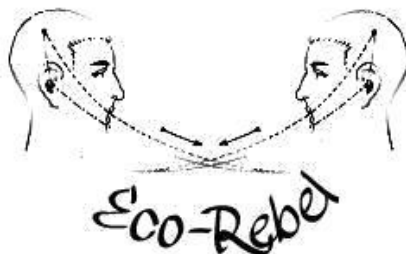
<https://www.ecoling.unb.br/images/BG10.pdf>

Esse número monográfico contém oito artigos sobre a ADE, sendo dois teóricos, um histórico e cinco de aplicação, além de uma introdução.

A segunda resenha é do livro *Análise do discurso ecossistêmica: teias e trilhas do ecossistema mental*, de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto & Maria Ivoneti Busnardo Ramadan, que saiu em 2024 pela Pontes Editores de Campinas. É o livro mais recente sobre a ADE. Ele foi resenhado por Ubirajara Moreira Fernandes.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 10, n. 2, 2024.



A AMPULHETA DA LEXICALIZAÇÃO E O TRAJETO ANTROPOLÓGICO DO IMAGINÁRIO

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM)

Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL)

- Cada palavra nos é um convite a ver a coisa que ela denomina; A palavra [...] é anúncio e promessa de coisa, é já um pouco a coisa; O nome [...] é 'referência à coisa'; A palavra é [...] presença do ausente; *Aliquid stat pro aliquo* (José Ortega y Gasset, *Origem e epílogo da filosofia*).
- O nome denota o objeto. O objeto é sua denotação; na proposição o nome substitui o objeto; A proposição é modelo da realidade tal como a pensamos; A proposição é descrição de um estado de coisas; Só a proposição possui sentido, só em conexão com a proposição um nome tem denotação (Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus*).

Abstract: The objective of this article is to show in relative detail the hourglass of lexicalization to, from there, compare the process it represents with that of the anthropological trajectory of the imaginary proposed by Gilbert Durand. More linguistic data than anthropological data are presented, but many data from this author's theory could be adduced. A good example is the case of the doctor imagined as a murderer, the lawyer as a thief and the priest as a beggar from the 1950s through the 1970s, in a small community in the interior of Minas Gerais.

Key-Words: Hourglass of lexicalization; Linguistic ecosystems; Anthropological trajectory of the imaginary

Resumo: O objetivo deste artigo é expor em relativo detalhe a ampulheta da lexicalização para, a partir daí, comparar o processo que ela representa com o do trajeto antropológico do imaginário proposto por Gilbert Durand. São apresentados mais dados linguísticos que antropológicos, mas muitos dados da teoria desse autor poderiam ser aduzidos. Um bom exemplo é o caso do médico imaginado como assassino, o advogado como ladrão e o padre como pidão dos idos das décadas de 1950 a 1970, numa pequena comunidade do interior de Minas Gerais.

Palavras-chave: Ampulheta da lexicalização; Ecossistemas linguísticos; Trajeto antropológico do imaginário.

1. Introdução

A linguística ecossistêmica reconhece que a língua apresenta três dimensões, a natural, a mental e a social. Reconhece também que a dimensão mental, representada no ecossistema mental da língua, é intermediária entre a natural e a social. Tem sido amplamente discutido na literatura linguístico-ecossistêmica que tudo que é social é, antes, também mental, mas, nem tudo que é mental é também social, compartilhado, como se pode ver nas figuras abaixo e respectivos comentários. A antropologia do imaginário também valoriza muito a dimensão psíquica, mental, como já se vislumbra no termo “imaginário”, sendo que existe também o imaginário coletivo, que seria uma somatória do que vai pelo cérebro/mente da totalidade dos indivíduos da comunidade. Como nos fenômenos da linguagem, também aqui tudo começa pelo natural. No presente contexto, o essencial é o papel de elo que o mental representa entre o social e o natural.

O objetivo principal deste artigo é mostrar que um conceito importante da linguística ecossistêmica, a chamada ampulheta de lexicalização, tem correspondente quase perfeito na antropologia do imaginário, de Gilbert Durand. Pretendemos ainda mostrar que o conhecimento subjacente, tácito dos usuários da língua prevê não apenas as construções efetivamente usadas (ativadas), mas também as potenciais, previstas pelas regras sistêmicas, ou seja, as construções que se encontram ainda inativadas, na sintaxe, na morfologia e na fonologia. Tudo isso se dá nas interações comunicativas (interação pessoa-pessoa) falando de algo fora da linguagem (relação pessoa-mundo) e é processado no ecossistema mental dos usuários. Trata-se do surgimento de palavras e frases que se dá nas interações pessoa-pessoa referindo-se a coisas extralinguísticas, interações pessoa-mundo levando a língua.

Embora esses processos se deem em todos os níveis da linguagem, é no léxico que eles são mais perceptíveis. A ponto de às vezes se pensar que a ampulheta da lexicalização trata apenas da formação e transformação do vocabulário da língua, como sugere seu nome. Porém, o que está exposto nela vale também para sintaxe, morfologia, fonologia, semântica etc.

2. A ampulheta da lexicalização no contexto da linguística ecossistêmica

Dentro do concepção de língua como interação (comunicativa) a ampulheta da lexicalização visa a mostrar como o processo de formação e transformação da língua se dá na mente de seus usuários, ao interagirem uns com os outros reportando-se a algo fora da língua, ou seja, ao mundo. Embora a ênfase seja posta no léxico, o processo é extensivo a todas esferas da língua. Ela compreende pelo menos três tipos básicos de interação. A primeira é a interação pessoa-pessoa, levando a linguagem, a interação comunicativa, mais conhecida simplesmente como **comunicação**. Como prototipicamente se comunica sobre algo fora da linguagem, referindo-se a alguma coisa, temos, em segundo lugar, a interação pessoa-mundo, que é a significação, tecnicamente conhecida como **referência**. Deve ser ressaltado que quem entra em contato com as coisas do mundo são pessoas, levando a linguagem, não a linguagem propriamente dita, como dá a entender a maioria das teorias linguísticas. Pelo contrário, a linguagem é formada e usada em função desse contato. Ela só existe nos usuários. Isso está representado na fórmula da referência exposta em Couto, Silva & Albuquerque (2024, p. 66).

Existe um terceiro tipo de interações linguísticas, as **interações sistêmicas**. Trata-se das interações entre fonemas para formar sílabas, entre sílabas para formar morfemas e/ou palavras, entre palavras para formar locuções, frases ou construções mais complexas e assim por diante. Elas constituem o que se chama gramática, como na metafunção textual de Halliday (2014), e são basicamente a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Mais abaixo voltaremos a elas.

ECO-REBEL

As interações comunicativas têm sido objeto de diversas representações, a começar pelos engenheiros da comunicação. Uma figura amplamente conhecida é a de Saussure (1973, p. 19), reproduzidas na figura 1. A despeito do fato de este modelo representar a interação comunicativa como se fosse um circuito fechado, ele é um bom ponto de partida, pois mostra que a língua é interação.

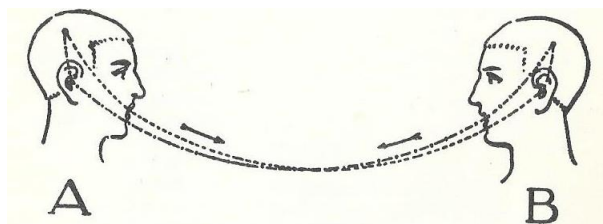


Fig. 1

Esse processo é governado pelas **regras interacionais**, às quais estão subordinadas as **regras sistêmicas** (COUTO; COUTO, 2023, p. 14).

Dirigindo o foco especificamente para a interação palavra-coisa da interação pessoa-mundo (levando a linguagem), temos o que se poderia representar como se vê na figura 2. Ela mostra que a relação entre a palavra “árvore” e a coisa árvore pode ser vista de duas perspectivas. A primeira é a onomasiológica: ao vermos uma árvore concreta ou ao imaginá-la, vem à nossa mente a palavra “árvore”. Mais, se precisarmos falar dela a alguém, é mediante essa palavra que o fazemos. A segunda perspectiva é a sugerida pelas frases do filósofo José Ortega y Gasset da epígrafe. Quando ouvimos a palavra “árvore” nossa mente a relaciona com o que está representado à direita da figura 2. É nesse processo que surgem as polissemias, metáforas (*árvore do conhecimento*, p.x.), metonímias etc. Vale dizer, após formada no processo onomasiológico, a palavra pode ser remanejada semasiologicamente para se referir a outra(s) coisa(s) que não a que lhe deu origem. A palavra *sobre*, por exemplo, surgiu para indicar a posição de uma coisa em cima da outra (*o livro está sobre a mesa*). Tempos depois, semasiologicamente, ela passou a se referir também a assunto (*Estamos falando sobre ampulheta da lexicalização*). A maioria dos vocábulos é polissêmica. Os exemplos abundam. Por exemplo, Silva (2021) é inteiramente dedicado aos usos metafóricos de nomes de partes do corpo humano para designar outras realidades, a despeito de ser um trabalho que deixa muito a desejar.

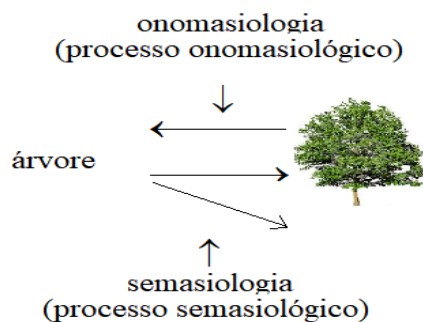


Fig. 2

Passemos às relações entre a coisa (o referente) e a palavra (o signo), começando naturalmente pelo processo onomasiológico (da coisa à palavra), seguido da virada semasiológica (da palavra à coisa).

3. A ampulheta da lexicalização e sua dinâmica

As frases de Ortega y Gasset e Wittgenstein da epígrafe adiantam com bastante propriedade um dos objetivos do presente artigo. As de Ortega y Gasset dizem respeito à relação palavra-coisa, à referência, e à importância da coisa para o entendimento da palavra. As de Wittgenstein também dizem isso, mas vão além, falando da proposição como se referindo a um estado de coisas e que “só em conexão com a proposição um nome tem denotação”, ou seja, indo um pouco além de Wittgenstein, a palavra só adquire sentido no uso. Os dois pensadores falam da relação entre linguagem e mundo. Eles só não chegam a ao ponto de deixar claro que a relação entre a palavra e a coisa se dá por meio dos falantes. Afinal, a língua não é uma coisa para se relacionar com outra. A **ampulheta da lexicalização** é um modelo proposto no contexto da linguística ecossistêmica para tentar explicar o que se passa no ecossistema mental dos falantes diante das interações mostradas na figura 2. Ela foi proposta originalmente em Couto (2007, p. 123) com a configuração reproduzida na figura 3. É de se notar que P está na zona de transição entre a do território (T), que é natural, e a da língua (L), que é abstrata, social. Vale dizer, aqui P está para o que é considerado o domínio da mente/cérebro, o ecossistema mental da língua.

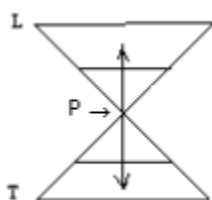


Fig. 3

A seta ascendente indica o processo de formação da palavra (onomasiologia); a descendente, o de sua transformação (semasiologia), redundando em polissemias, metáforas, metonímias etc. Em um ensaio inteiramente dedicado à uma faceta da dimensão mental da língua, foram acrescentados nomes a cada etapa do processo de lexicalização, como se pode ver na figura 4 (COUTO, 2017). Não vamos explorar em pormenores o processo que vai da percepção até a lexicalização porque ele já está exhaustivamente discutido em Couto (2023, p. 67-71).

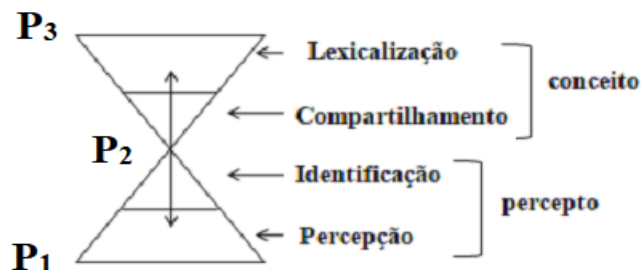


Fig. 4

ECO-REBEL

Comunicação e referência são as duas faces da moeda da linguagem. Nós nos referimos a algo comunicando (interação comunicativa, comunicação) e nos comunicamos referindo a algo (referência). As únicas fases genéticas do processo onomasiológico de lexicalização que não pressupõem necessariamente o outro (interlocutor) são a percepção e a identificação. Elas se dão inteiramente no interior da parte estritamente natural do processo. A percepção e a identificação dos fenômenos do mundo são inteiramente individuais. Só quando o indivíduo tem necessidade de compartilhar o percepto aí adquirido o fenômeno recebe um nome (lexicalização) porque virou conceito.

Posteriormente o modelo foi aperfeiçoado um pouco mais, resultando no que se vê na figura 5. Ela mostra a ligação do ecossistema natural com o social pelo ângulo P, que funciona como o agente do ecossistema mental, que pode ser encarado em sua conexão com o natural e com o social.

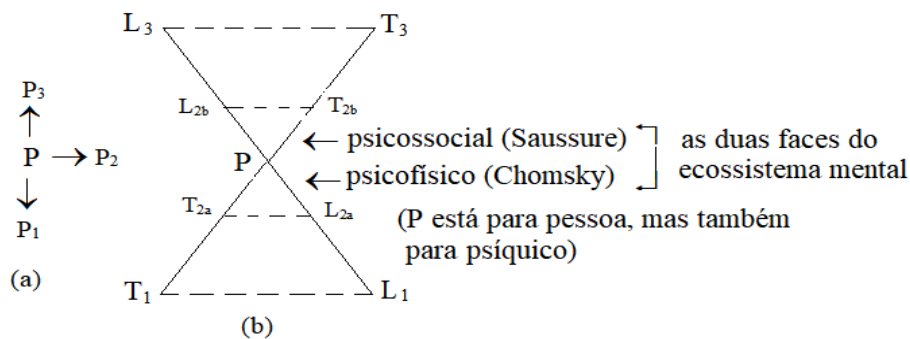


Fig. 5

A figura 5 mostra que o ecossistema mental pode ser visto partindo do lado físico (natural), representado pelo triângulo menor de base virada para baixo, constituído de L_{2a} , P , T_{2a} , que representa a faceta psicofísica da língua, como defendida por Noam Chomsky. Pode ser olhado também a partir da dimensão social, o que está representado pelo minitriângulo de base virada para cima, constituído de L_{2b} , P , T_{2b} , que representa a face psicossocial da língua, como se vê em Saussure. Há muita coisa a mais a comentar sobre essa figura, como o fato de que P representa o ponto de transição entre a dimensão natural e a social. Na figura 5, P está para P_1 de natural e P_3 de social, sendo que ele próprio (P_2) compreende as duas dimensões, ou seja, $(P_2) = P_1 + P_3$, como se vê na subfigura (a) à esquerda. Em suma, a figura 5 mostra as duas dimensões do ecossistema mental: a que está no domínio do natural (L_{2a} , P , T_{2a}) e a que se encontra no domínio do social (L_{2b} , P , T_{2b}). O ecossistema mental só fica completo se dobrarmos os dois triângulos menores no eixo de P , fazendo dele um único triângulo.

Tudo que é social só o é porque passa pelo mental, porque existe e subsiste nele, mas a recíproca não é verdadeira. Tudo que é mental só o é porque tem uma base natural (o cérebro e todo o sistema nervoso), porque existe e subsiste nele, mas a recíproca não é verdadeira. A única dimensão que existe sem as duas outras é a natural, a despeito da arrogância humana, que tenta camuflar o fato de sermos antes de tudo seres animais de carne e osso como todos os outros.

Veremos que o processo descrito lembra o trajeto antropológico do imaginário que, segundo Gilbert Durand (DURAND, 2000; 2012), é um "incessante intercâmbio que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social".

4. A ampolheta de lexicalização e a endoecologia da língua

Além do processo onomasiológico-semasiológico de formação de palavras (léxico), o que se vê na ampolheta de lexicalização vale também para os demais setores da língua. Após formada ela pode se referir a muita coisa além daquilo que lhe deu origem. Isso se deve em parte ao fato de as regras sistêmicas que fazem parte do ecossistema mental da língua preverem não apenas as formas ativadas, as que são usadas no dia a dia dos falantes. Esse ecossistema inclui também as formas inativadas previstas pelas regras sistêmicas, aquelas que poderiam ser usadas, mas ainda não o foram. Nesta seção do artigo vamos examinar esse tópico na sintaxe, na morfologia e na fonologia. Se pensarmos na virada semasiológica, pode ser que o princípio se aplique também à evolução semântica da língua, assunto que não será investigado aqui.

Na sintaxe, as regras sistêmicas permitem formar não apenas frases e orações tidas como “normais” pelos falantes (ativadas), mas todas as inativadas, inclusive as que nunca serão usadas e as que não têm sentido, como o famoso exemplo dado por Chomsky, reproduzido em (1).

(1) *Colorless green ideas sleep furiously*

A estranheza em relação a essa oração existe também em sua versão portuguesa, mostrada e (2).

(2) *Ideias verdes incolores dormem furiosamente*

Como já adiantado, ela é parte do ecossistema mental dos falantes. Tanto que tem a mesma estrutura que (3), que pode perfeitamente ocorrer, e frequentemente ocorre, em uma aula de fonologia. Esse paralelismo é uma prova cabal de que (1) e (2) são “gramaticais”, entendendo “gramatical” como “previsto nas regras sistêmicas inscritas no ecossistema mental da língua em questão”.

(3) *Fonemas oclusivos surdos ocorrem frequentemente*

Na morfologia, o conhecimento que os falantes têm das regras de formação de vocábulos prevê a formação de muito mais exemplos do que os que o tempo lhes permite formar, como se pode inferir do quadro a seguir, que expõe a estrutura de alguns vocábulos, embora, para economia de espaço, só estejam apresentadas algumas possibilidades de combinação de prefixos, radicais e sufixos. Esse pequeno quadro prevê muitos vocábulos, a maioria deles inativados, alguns até mesmo sem sentido, como o exemplo sintático de (1) e (2). Vale dizer, ele mostra que, além de *inconstitucionalismo*, as regras sistêmicas morfológicas preveem palavras inativadas como **antirretracionalismo*, **intribucionalismo*, **prostitucionalismo*, **antiprostitucionalista* e muitas outras. Entre parênteses é bom esclarecer que usamos o termo “vocábulo” para a palavra vista da perspectiva apenas formas, como combinação gramatical de morfemas.

Estrutura do vocábulo

in	con	stitu	cion	al	ismo	s
anti	re	tra	ir	ista	
etc.	des	stru	etc.	etc.	etc.	
	pro	tribu				
	etc.	etc.				

O princípio tem validade também na fonologia. Embora em menor quantidade, as regras sistêmicas fonológicas preveem a combinação de fonemas em sílabas (ativadas e inativadas) e combinação de sílabas em morfemas e palavras (ativadas e inativadas). Muitas palavras inativadas estão previstas no quadro da estrutura das palavras. Sobre a combinabilidade de fonemas e de sílabas, todos os fonemas e todas as sílabas usadas no presente texto são ativadas. Mas, uns tempos atrás foi detectado pelo menos um exemplo de sílaba inativada, formada pelas regras sistêmicas fonológicas, mas que ainda não foi usada (ativada), pelo menos até onde pudemos investigar. Trata-se da sílaba /flès/, com “e” aberto. Ela é tão bem formada sistemicamente como a sílaba /frès/, também com “e” aberto, ativada em palavras como *fresta*. Tem sido argumentado que, mesmo não sendo usada, se alguma fábrica de chocolate desse o nome de *Taflés* a um de seus produtos os falantes não estranhariam. Isso é prova cabal de que /flès/ é parte do componente fonético-fonológico do ecossistema mental da língua portuguesa conhecido pelos falantes.

De modo geral, o que está armazenado no ecossistema mental dos falantes é muito maior do que o que cada um deles é fisicamente capaz de produzir, felizmente. A língua surge para falarmos do mundo, filogenética e ontogeneticamente, momento onomasiológico, mas, após formada ela pode ser redirecionada para outros potenciais referentes, permitindo falar de muitas coisas além daquelas que provocaram seu surgimento, como nas polissemias. Por exemplo, a já mencionada palavra *sobre* surgiu para indicar a posição de alguma coisa em cima de outra, o que já valia para a palavra latina que lhe deu origem, *super*. No entanto, após formada ela passou a designar também “assunto”, como em *estamos falando sobre fonologia*.

Enfim, de uma perspectiva mais ampla, tudo isso leva a que a língua permita falar não apenas do que existe, mas até do que não existe (ficção), permite fazer poesia, filosofia, enfim, como disse Umberto Eco, permite mentir (ECO, 1979, p. 6-7, 58-59).

5.A ampulheta da lexicalização e o trajeto antropológico do imaginário

A primeira vez que se associou imaginário e ecolinguística foi no livro *Ecolinguística e imaginário* (Elza K. N. N. do Couto, Brasília: Thesaurus, 2012). No IV EBIME (27-29/11/2023) o assunto foi retomado na comunicação “A memória e a existência da comunidade”, publicada em Couto & Couto (2020).

O fato de no trajeto antropológico do imaginário o domínio do psicológico ser o do grande eixo que integra tudo mais é perfeitamente compatível com o papel central e intermediador que a dimensão mental tem entre o natural e o social. É passando por ele que se dá a “gênese recíproca, que permite a oscilação do gesto pulsional ao ambiente social e material, e vice-versa (DURAND, 2012, p. 41). As “pulsões” estariam no nível inferior da ampulheta; as “intimações objetivas”, no superior.

ECO-REBEL

No triângulo grande inferior da figura 5 (repetida a seguir como figura 6), com a base para baixo (L_1, P, T_1), temos o equivalente do pólo das “intimações biopsíquicas”, que são dadas pela natureza; no superior, com a base virada para cima (L_3, P, T_3), o das “intimações do social”, ou seja, dos contextos históricos, sociais e culturais.

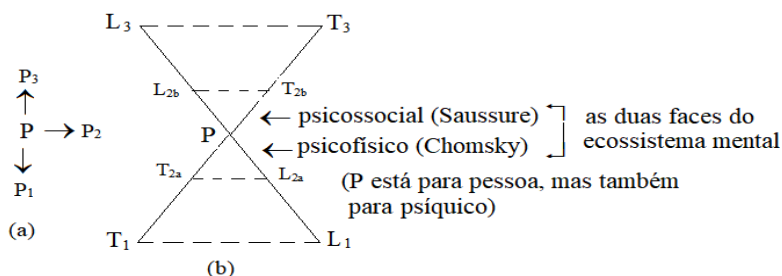


Fig. 6

Intermediando os dois triângulos maiores, que correspondem ao ecossistema social e ao natural da língua, respectivamente, temos as conexões biopsicossociais, representadas pelos dois triângulos menores. Elas não estão explicitadas como tais na teoria de Durand, embora indiretamente tudo esteja lá.

As bases dos triângulos estão sempre marcadas por linha segmentada para mostrar que não há interação direta entre os dois extremos. Eles são mediados pelo que está indicado no vértice dos triângulos. Isso é válido tanto para os triângulos virados para baixo quanto para os virados para cima, tanto os dois maiores (superior e inferior) quanto os dois menores intermediários. Todos eles são de caráter ecossistêmico, pois, todos são formados pelos elementos formadores do ecossistema, que são uma ação (I~L), seus agentes (P) e o *locus* (T) em que isso se dá, como previsto no conceito original de ecossistema na ecologia biológica (TANSLEY, 1935).

6. O ecossistema mental e a memória

É no ecossistema mental dos indivíduos de P que se encontra a memória onde se dá a formação, armazenamento e gestão de toda a cultura da comunidade. Essa cultura inclui a língua, o imaginário dos membros da comunidade e toda a cultura imaterial e material. O historiador israelense Yuval Noah Harari, por exemplo, falou disso de modo bastante convincente. De acordo com ele, "Os Estados se baseiam em mitos nacionais partilhados. Dois sérvios que nunca se conheceram podem arriscar a vida para salvar um ao outro porque acreditam na existência da nação sérvia". O autor continua: "Não há deuses no universo, nem nações, nem dinheiro, nem direitos humanos, nem leis, nem justiça fora da imaginação coletiva dos seres humanos". Por fim, ele pergunta: "Em que sentido podemos dizer que a Peugeot SA existe?". Logo a seguir responde que "a Peugeot SA parece não ter conexão alguma com o mundo físico" (HARARI, 2020, p. 47-49). Ela só existe no imaginário das pessoas.

É importante ressaltar que a memória é dinâmica, evolui ao longo do tempo. Vejamos a questão da memória e do imaginário coletivo em uma narrativa contada pelo senhor Amadeu Cassiano conhecido como Ferro Veio que, quando forneceu a narrativa em 1974 estava com 70 anos:

O PIDÃO, O LADRÃO E O ASSASSINO

por Amadeu Cassiano (o Ferro Veio)

Um homem (H) recebeu a visita de um estranho (E), que disse pa ele:

- F: Ocê tem três fio. Todo os três com a sorte muito ruim.

- H: Mais, por que que o senhor sabe que a sorte dees é ruim?

- E: Uai, porque um vai sê pidão, o oto vai sê ladrão e o oto vai sê assassino.

O home ficô muito dimirado e disse:

- H: Isso num é possive, num pode sê! Meus fio é tudo ativo, vô estudá es tudo.

E garrô estudô os menino tudo, gastô quase tudo que tinha pa estudá os menino. Um formô pa padri, oto pa divogado e oto pa dottor. I formô tudo.

Passado uns vinte e tantos anu, já tava tudo home, habilitado, cada um nos seus ofiço, chegô o estranho lá travez e perguntô:

E: Cum é que é?

Como e vê, a figura do médico foi representada como assassino, ao lado do padre como pidão e do advogado como ladrão. Uns 20 anos antes de 1974 tinha estado lá um médico "prático" que, segundo se dizia, fazia cirurgias sem anestesia, a frio, com o que muitos pacientes seus teriam morrido. Isso pode até não ser inteiramente verdadeiro, mas é o que estava na memória das pessoas, era parte de seu imaginário. Hoje (2023), no entanto, ninguém se lembra mais do fato narrado pelo Ferro Veio, exceto os mais velhos, como ele. Por isso hoje médico não é mais associado a assassino, mas àquele que cura as pessoas. A memória do "médico que mata" desapareceu. Não foi possível verificar se a memória do padre pidão e do advogado ladrão ainda subsiste. Pode ser que mesmo na época do fato narrado os dois não fossem vistos assim pela maioria dos membros da comunidade. Mas, o simples fato de entenderem o que o Ferro Veio disse atribui uma certa veracidade a esse dado do imaginário coletivo.

7. Observações finais

O que acaba de ser dito mostra a importância da **mente**, e do **ecossistema mental**, para a existência da comunidade. É na mente (P_2) que está armazenada a história das comunidades, sobretudo as ágrafas, como ecossistemas mentais cujo *locus* é o cérebro (T_2), que está em cada um dos e em todos os indivíduos. Por isso, o sábio do Mali, Hampaté Bâ, disse que quando morre um velho na África é como uma biblioteca que se incendia. Nas comunidades letradas, pelo menos parte da memória pode ficar armazenada em bibliotecas em museus e assemelhados.

Enfim, aqui nós apenas tangenciamos algumas das possíveis conexões que existem entre a dinâmica dos três ecossistemas linguísticos, cujo percurso genético está representado na ampulheta de lexicalização, e o trajeto antropológico do imaginário. Pesquisas mais aprofundadas e detalhadas podem revelar muitas coisas interessantes para as duas áreas, além de contribuir para uma salutar interdisciplinaridade, já que a linguística ecossistêmica é declarada e conscientemente multidisciplinar.

Referências

COUTO, Elza K. K. N. do; COUTO, Hildo Honório do. A memória e a existência da comunidade. *Travessias* v. 14, n. 1, 2020.

<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/24114>

ECO-REBEL

COUTO, Elza Kioko do; COUTO, Hildo Honório do. Por uma gramática ecossistêmica do português brasileiro. *ECO-REBEL* v. 9, n. 3, p. 14, 2023.

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/50278/38177>

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. Mapa mental. *ECO-REBEL* v. 3, n. 1, 2017, p. 205-226. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/10482/9235>

COUTO, Hildo Honório do. *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecossistêmica*. Campinas: Pontes, 2021.

_____; SILVA, Anderson Nowogrodzki da; ALBUQUERQUE, Davi Borges. Onomatopeias brasileiras: Uma visão linguístico-ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 10, n. 1, p. 56-70, 2023.

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/52503/39483>

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed., 2012.

ECO, Umberto. *A theory of semiotics*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. Londres/N. York: Routledge, 4ª ed., 2014.

HARARI, Yuval Noah. 2020. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 5ed., 1973.

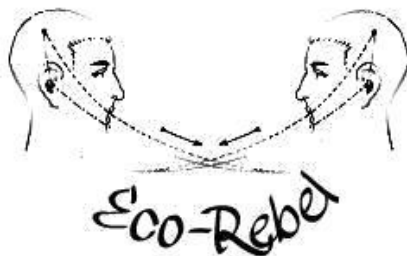
SILVA, Eduwesley Pereira da. *O corpo no léxico da língua portuguesa: uma análise pelo viés da Ecolinguística e do Imaginário*. Dissertação de Mestrado, UFG, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/07a70b24-742e-42a4-8495-c81b355a2ce7/content>

TANSLEY, Arthur G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* v. 16, n. 3, p. 284-307, 1935.

Aceito em 15 de maio de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.



ENTRE O HUMANO E O ANIMAL: OS DISCURSOS PRESENTES EM OS GATOS TE ESPERAM, DE ANDERSON RODRIGUES

Mayara Macedo Assis (UFG/PPGLL/NELIM/CAPES)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/PPGLL/NELIM/CNPq)

Abstract: The general objective of this article is to investigate the discourses present in the short story *Os gatos te esperam* (*The cats are waiting for you*), by Anderson Rodrigues. The story addresses the urban legend according to which students who fail to graduate from UnB (University of Brasília) turn into cats and start living in the institution. As a specific objective, the analysis focuses on the dichotomy between ‘human x animal’ in the narrative and the world-views that result from this opposition. The essay is based on Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) and, to address the issue of humanity and animality, Ecofeminism in its animalist perspective is also employed. This theme is justified by the scarcity of essays addressing non-human forms of life in EDA. The analysis focuses on the fictional interactions that occur in the narrative, observing how discourses emerge from them. It is evident, in general, that usually the human being is not seen as just another animal species, but rather as antagonistic to animals, contradicting the principles of EDA, which proposes ecocentrism over anthropocentrism.

Key-words: Ecosystemic Discourse Analysis; Humanity; Animality.

Resumo: O objetivo geral deste trabalho é investigar os discursos presentes no conto *Os gatos te esperam*, de Anderson Rodrigues. O conto aborda a lenda urbana segundo a qual alunos que não conseguem se formar na UnB se transformam em gatos e passam a viver na instituição. Como

objetivo específico, tem-se a análise da dicotomia entre humano x animal na narrativa e as visões de mundo que decorrem dessa contraposição. O trabalho é embasado na Análise do Discurso Ecológico e, para se abordar a questão da humanidade e animalidade, recorre-se também ao Ecofeminismo em sua vertente animalista. Tal temática justifica-se pelo fato dos trabalhos que falam sobre formas de vida não humanas na ADE ainda serem escassos. Na análise, foca-se nas interações ficcionais que acontecem na narrativa, observando de que modo os discursos emergem a partir delas. Evidencia-se, de modo geral, que normalmente o ser humano não é visto como mais uma espécie animal, mas sim como antagônica aos animais, contrariando os princípios da ADE, que propõem o ecocentrismo em detrimento do antropocentrismo.

Palavras-chave: Análise do Discurso Ecológico; Humanidade; Animalidade.

1 Introdução

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma forma de se fazer análise do discurso partindo da Ecologia (COUTO; FERNANDES, 2021), assim como a Linguística Ecológica (LE), sendo esta a vertente da Ecolinguística (COUTO, 2007) que é praticada no Brasil. Como o nome já indica, o conceito de ecossistema é central para a teoria, de modo que todos os discursos são analisados partindo das interações que ocorrem no ecossistema linguístico (COUTO; COUTO; BORGES, 2015). Ecossistema, na LE, é entendido como o conjunto de três elementos: um povo (P) em determinado território (T) interagindo por meio da língua (L), no qual a língua é a própria interação.

O que diferencia a ADE das demais teorias é justamente o seu viés ecológico, em outras palavras, a Visão Ecológica de Mundo (VEM). Trata-se de uma forma de ver o mundo que leva em consideração todas as formas de vida, visando ao equilíbrio e à harmonia entre os ecossistemas (COUTO; FERNANDES, 2021). Quando se fala em todas as formas de vida, não se estabelece uma hierarquia entre elas. Ou seja, na VEM, todas as espécies têm igual direito à vida e à autorrealização.

Partindo desse princípio, é possível recorrer aqui às ideias do Ecofeminismo, principalmente em sua vertente animalista. Ao contrário do que o nome sugere à primeira vista, o Ecofeminismo não trata apenas de questões de gênero, mas propõe uma conexão entre a

ECO-REBEL

opressão de gênero e do meio ambiente e, indo além, reconhece ainda que todas as formas de opressão existentes estão interconectadas (CARROBREZ; LESSA, 2019).

Na sua vertente animalista, reconhece-se não apenas que as mulheres e a natureza são tratadas como se estivessem a serviço do homem, mas que todas as formas de vida – humanas ou não – também estão sujeitas a esse processo de subordinação. Assim, surgem os binarismos que tanto impactam as visões de mundo e as relações sociais. Como exemplo, tem-se a dicotomia entre homem e mulher, natureza e cultura, humano e animal, dentre outras.

É a partir da dicotomia humano x animal que surgiu o tema aqui proposto neste trabalho. Apesar da ADE frisar a importância das vidas não humanas, há poucos trabalhos desenvolvidos que de fato abordam essa temática. Dentre os encontrados, os corpus analisados foram notícias e programas televisivos, como se vê nos trabalhos de Forte (2020) e Jacobs e Suwondo (2023), não havendo ainda uma ênfase na literatura.

Aqui ptou-se então por textos literários não apenas para suprir essa lacuna, mas também porque a literatura representa aspectos do contexto sociocultural no qual se insere (COSSON, 2009), evidenciando assim visões de mundo e modos de conduta da sociedade que podem ser revistos conforme a necessidade. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é investigar os discursos presentes no conto *Os gatos te esperam*, de Anderson Rodrigues, parte da coletânea *O gato e outros contos felinos*, publicado em 2021 pela editora Pulp Fiction!. O foco é a dicotomia humano x animal na narrativa e as visões de mundo que decorrem dessa oposição, observando-se assim as interações ficcionais que acontecem na narrativa e os discursos que emergem delas.

Para além desta introdução, este artigo está dividido em mais três seções. Na primeira, abordam-se os pressupostos teóricos que embasam o trabalho, evidenciando os principais pontos da Análise do Discurso Ecológico e do Ecofeminismo animalista. Em sequência, há a apresentação do conto e a análise propriamente dita, em que as relações entre humano e animal são evidenciadas. Por fim, tecem-se as considerações finais sobre o assunto, com a intenção de esperançosamente abrir as portas para futuros estudos.

2 Análise do Discurso Ecológico (ADE) e Ecofeminismo

Conforme já mencionado na introdução, a Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma nova forma de se fazer análise do discurso, uma disciplina que compartilha vários conceitos com a Ecolinguística, cujo marco no Brasil é a publicação de Couto (2007). Como já indicado pelo próprio

ECO-REBEL

nome, a Ecolinguística tem sua base epistemológica na Ecologia e estuda as interações nos ecossistemas linguísticos, lembrando que a língua é a própria interação, e não um instrumento para a interação.

A ADE, por sua vez, estuda os discursos e as construções de sentidos nos ecossistemas linguísticos, considerando o discurso como “a relação entre os modos de ver/interpretar o mundo (perspectivas) em dado ecossistema linguístico e como se pode interagir comunicativamente/agir a partir deles” (SILVA, 2022, p. 19). O seu grande diferencial é a Visão Ecológica de Mundo (VEM), que consiste em ver o mundo (o meio ambiente e todas as espécies vivas – humanas, animais e vegetais) de modo ecocêntrico e não antropocêntrico, valorizando a autorrealização de todas as espécies, a diversidade e o bem-estar coletivo.

A ADE é pautada na ideologia da vida ou ecoideologia. Dessa forma, seus princípios básicos são: amenizar o sofrimento, superar a vulnerabilidade e preservar a vida (COUTO; FERNANDES, 2021). Sendo assim, a ADE considera nos seus estudos as dimensões natural, mental e social, defendendo a vida de todos os seres vivos e lutando contra o sofrimento evitável (COUTO; COUTO; BORGES, 2015; COUTO; FERNANDES, 2021), pois “o ser humano é apenas um dos constituintes do meio ambiente, um ser microcômico que, na relação com todos os outros seres, integra o macrocosmo” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 8).

Tendo como ponto de partida a harmonia nos ecossistemas e a preservação da vida, há alguns conceitos e categorias que se tornam importantes em uma análise, como podem ser vistos em Couto (2013). Para o propósito desta análise, serão considerados os conceitos de comunhão e os elementos da interação comunicativa. A comunhão é um estado de abertura para a comunicação, é a harmonia entre os interactantes que permite com que haja a interação (COUTO, 2013).

Os elementos da interação comunicativa, por sua vez, são os interactantes, o tempo e o espaço, podendo variar a depender do tipo de interação, que são: face a face – prototípica, virtual – por intermédio das tecnologias e potencial – por meio da leitura/escrita (COUTO; FERNANDES, 2021). Entretanto, a interação potencial ocorre entre escritor e leitor, não se confundindo com aquela que ocorre dentro da própria narrativa. Essa é a interação ficcional, que ocorre na narrativa em sua imanência, cujos elementos estão sintetizados abaixo:

ECO-REBEL

Quadro 1. Interação ficcional

Aspectos da interação	Interação ficcional
Interactantes	Personagem-personagem Personagem-espço Personagem-narrador
Tempo	Datado Não datado
Espço	Espço realista Espço imaginativo Espço fantasista

Fonte: Assis; Couto; Pinheiro (2023)

É a partir desses elementos que a narrativa aqui em análise será estudada, em consonância com os pressupostos teóricos de Ecofeminismo animalista. Conforme já explanado, o Ecofeminismo propõe uma conexão entre as dicotomias homem-mulher e cultura-natureza: o feminino é associado ao mundo natural e ambos são colocados em uma posição subalterna, como objetos de domínio. Diante da conexão entre as diversas formas de opressão, o ecofeminismo animalista questiona não apenas a relação opressiva entre os gêneros, mas também o domínio dos seres humanos sobre a natureza e sobre outras espécies (KHEEL, 2019).

Dessa forma, combater um tipo de opressão significa combater todas, pois a visão de mundo que as sustenta é a mesma. Trata-se também da visão de mundo que sustenta o pensamento dicotômico, aqui representado pelo antagonismo entre humano x animal. Conforme afirma Ingold (1995), na nossa sociedade não se pergunta o que torna os humanos animais de determinada espécie, mas sim o que os torna diferente dos outros animais.

A partir dessas teorias, é possível olhar com outra perspectiva para as dicotomias que predominam em nossa sociedade, em especial aquela entre humanidade x animalidade. Inclusive, vale ressaltar que, na antiguidade clássica, “anima” designava o princípio da vida de todo ser animado, humano ou não. É a partir do século XVII, com o racionalismo cientificista moderno, que a palavra “animal” passa a pressupor a exclusão dos humanos e contraponto a eles (MACIEL, 2023).

Segundo Maciel (2023), os sentidos da palavra “animal” variam em diferentes línguas e culturas e, para além dos contextos nos quais se inserem – científicos, filosóficos, políticos etc. – são também perpassados pela imaginação, superstições e preconceitos. Os animais fazem parte do imaginário da humanidade, lembrando que é por meio da imaginação que se cria, distingue e

reproduz imagens simbólicas, enquanto que o imaginário é a forma como essa faculdade humana é operacionalizada (COUTO, 2012).

A partir da presença dos animais em configurações poéticas e artísticas, surge o que se chama de zooliteratura: “o conjunto de práticas literárias ou obras (de um autor, de um país, de uma época) que priorizam o enfoque de animais a partir de diversos recursos ficcionais e estratégias narrativas” (MACIEL, 2023, p. 27). Todas essas simbologias e representações, entretanto, estão a serviço dos valores humanos, como se verá adiante.

É importante ressaltar também que essas simbologias diferem conforme a época e o local. No que diz respeito aos felinos, especificamente, Machado e Paixão (2014) afirmam que a representação simbólica dos gatos e a interação do ser humano com eles parecem andar juntas, se relacionando ainda a questões éticas e impactando nas visões especistas e antropocêntricas.

As autoras afirmam ainda que o simbolismo representa a admiração ou medo do ser humano em relação a determinada espécie. Por isso, por exemplo, no Egito Antigo gatos eram endeusados e, na Idade Média, eram demonizados. Essa representação simbólica determinava o tratamento que seria dispensado a eles, e conseqüentemente como se daria a relação humano-animal. Independente de serem adorados em alguns contextos e temidos/desprezados em outros, os gatos continuam instigando a curiosidade, pois têm sido vistos como criaturas místicas que fogem da compreensão humana, como se notará na seção seguinte.

3 Os gatos te esperam: análise

O conto aqui em análise, *Os gatos te esperam*, de Anderson Rodrigues, faz parte da coletânea *O gato e outros contos felinos*, organizado por DerMond e Gutenberg Löwe e publicado em 2021 pela editora Pulp Fiction!. Trata-se do volume 5 da série *Clássicos & Contemporâneos*, que reúne contos clássicos e contemporâneos de autores estrangeiros e brasileiros, selecionados e agrupados dentro de uma determinada temática. O volume 5 tem como temática os gatos e conta ao todo com nove histórias, sendo uma delas um conto clássico de um autor estrangeiro e oito contemporâneos de autores brasileiros.

O autor do conto escolhido, Anderson Rodrigues, é um profissional de educação física que se formou na Universidade de Brasília (UnB). Escreve diversos gêneros e já participou de outras antologias e revistas. As experiências vividas durante a sua formação na UnB com certeza foram a motivação para a escrita da narrativa, visto que o conto em questão aborda, a partir da perspectiva

de um estudante, a lenda urbana segundo a qual alunos que não conseguem se formar na UnB se transformam em gatos e passam a viver na instituição.

Essa temática foi inclusive decisiva na escolha deste conto em específico dentre os nove presentes no livro, visto que a lenda é um assunto conhecido entre estudantes e servidores não apenas da UnB, mas de todo o país. Trata-se de um assunto que já chegou a ser noticiado em veículos de grande circulação, como o G1, conforme mostra a imagem abaixo:

Figura 1. Notícia G1

Gatos da UnB são alunos que não se formaram? Estudantes falam sobre lenda na universidade

Nos corredores do campus, felinos chamam atenção pela quantidade. Boato é que alunos que não conseguem se formar se transformam em gatos; no aniversário de Brasília g1 mostra lendas da capital.

Por Bruna Yamaguti, g1 DF
21/04/2023 05h59 · Atualizado há 7 meses



Fonte: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/aniversario-brasilia/noticia/2023/04/21/gatos-da-unb-sao-alunos-que-nao-se-formaram-estudantes-falam-sobre-lenda-na-universidade.ghtml>

O conto narra a história de um estudante prestes a fazer uma prova que vai decidir os rumos da sua vida acadêmica. Enquanto confronta a grande possibilidade de reprovar, ele evoca as alegrias e angústias da sua trajetória na universidade e relembra também a lenda que circula pela instituição, pensando se virar gato seria o seu destino. No decorrer da narrativa, a sua metamorfose vai ocorrendo gradualmente e as relações entre humano e animal vão sutilmente se tornando evidentes.

Antes de adentrar as minúcias do enredo, é importante explicitar os elementos da interação ficcional presentes no conto, sendo eles: interactantes, tempo e espaço. O protagonista do conto é um estudante chamado Hugo. Não se sabe a idade que ele tem nem o curso que ele faz, mas ele relata estar no décimo semestre, em termos de tempo cursado. No que diz respeito às disciplinas concluídas, ele acredita estar no sétimo ou oitavo, demonstrando incerteza acerca de quanto falta para se formar. Considerando-se essas informações e pressupondo que ele tenha entrado na universidade logo após terminar o ensino médio, Hugo deve ter cerca de 21 ou 22 anos.

Além dele e dos gatos da instituição, apenas um veterano de Hugo aparece, mas apenas nas lembranças do protagonista. O conto é narrado em terceira pessoa mas se concentra nas vivências do protagonista, pois se passa como um fluxo de consciência

ECO-REBEL

do personagem. Isso não impede a análise da interação, pois como já dizia Benveniste nos estudos enunciativos, mesmo o monólogo tem um caráter dialógico (BENVENISTE, 1989).

O tempo da história não é datado, o que confere atemporalidade à lenda que circula pela universidade. Como não se sabe exatamente quando os primeiros gatos surgiram na instituição e começaram a se multiplicar, o enredo se torna verossímil em qualquer momento da história em que a lenda se faça presente e seja difundida entre as pessoas, universitárias ou não.

A história se passa em dois espaços diferentes: na casa do estudante, mais especificamente no quarto e na cozinha, e na própria UnB. O espaço da universidade é o que mais tem impacto na narrativa, pois é evocado mesmo quando o estudante está em casa e é onde de fato o destino de Hugo é selado.

Apresentados esses elementos, parte-se agora para a narrativa em si. Em primeiro lugar, vale aqui uma menção ao título da história, no qual há uma espécie de interlocução com o leitor. O uso do pronome pessoal oblíquo na segunda pessoa, *te*, em os gatos *te* esperam, mostra que o encontro com a animalidade pode acontecer com qualquer um de nós. É como se dissesse: os gatos não se encontram apenas à espera de Hugo, mas estão à *sua* espera também.

O conto se inicia com Hugo estudando, no seu quarto de madrugada, para uma prova decisiva. Já nas primeiras linhas, seu desconforto físico e emocional é evidenciado: o estudo é marcado por suor, tremor, respiração acelerada e privação de sono – todos esses sintomas de ansiedade. O trecho abaixo relata a sua vontade de arrancar as roupas e sumir, abandonando o estudo e toda a vida como ele conhece para trás:

Era madrugada, e ele se sentia mais desperto do que durante o dia. Daqui a pouco o despertador iria tocar e avisar que era hora de ir fazer a prova que definiria sua vida acadêmica, mas a sua vontade naquele momento era arrancar as roupas do corpo e fugir pelos telhados para nunca mais ser encontrado. Os miados vindos de lá eram convidativos (RODRIGUES, 2021, p. 50).

No início da história, a lenda que circula pelos corredores da UnB sequer é mencionada, mas já é possível notar que Hugo exibe algumas características felinas, visto que gatos são conhecidos por serem noturnos. Independente de residirem na rua ou em casas e apartamentos com seus tutores, aqueles que já conviveram com a espécie podem relatar que o pico de sua energia e de suas atividades é sempre pela madrugada, assim como para Hugo. Dessa forma, sua vontade de

ECO-REBEL

arrancar as roupas e sumir pelos telhados é na verdade um desejo de encontro com a animalidade e, em consequência, com a liberdade e anonimato que lhe são privados enquanto ser humano.

Diante da incapacidade de revisar o conteúdo por causa de todos os sintomas relatados, Hugo vai para a cozinha procurar algo para comer e escuta o barulho de um rato vindo de algum lugar indistinto:

Em algum lugar da casa, um rato roía algo, o barulho era irritante e o distraía de seu desespero. O silêncio da madrugada amplificava aquele som incômodo. Hugo desligou o computador – não conseguiu revisar o conteúdo, de qualquer forma – e foi procurar algo para comer. Encontrou presunto cru e achou bastante satisfatório. Enquanto comia, mapeava mentalmente por onde o ratinho se movia. Era impressionante como conseguia identificar cada movimento do roedor. Algo em seu corpo dizia que ele conseguiria capturar o pequeno animal, caso quisesse (RODRIGUES, 2021, p. 50).

O incômodo com o barulho do rato, o gosto pelo presunto cru, a percepção dos movimentos do animal e o pensamento sobre captura são sinais da metamorfose por vir, da animalidade começando a se sobrepor à humanidade. Não é característico dos humanos identificar os movimentos de roedores com tanta clareza, mas, em contrapartida, o ruído funciona como uma distração do desespero. Tal fato também pode ser um indicativo da transmutação iminente, visto que uma preocupação acadêmica se esvai para dar lugar a algo completamente banal: a atenção a um barulho (algo que comumente deixa os felinos em alerta).

A sua humanidade volta a se sobrepor à animalidade quando chega a hora de ir para o campus. Durante o caminho, ele começa a se questionar sobre os rumos que a vida acadêmica tomou – onde ele errou, o que ele queria para a sua vida etc. Esse remoer o passado e antecipar o futuro são peculiaridades dos homens, inclusive os atrapalhando em seus afazeres diários, visto que Hugo relata ter reprovado antes por crises de ansiedade e consequentes doenças advindas da imunidade baixa.

Já no *campus*, ele relata se sentir mais em casa do que na sua própria moradia e se questiona onde estaria o veterano que o apadrinhou no primeiro semestre da universidade, lembrando-se inclusive de uma fala dele: “em faculdade pública não se paga mensalidade, mas você acaba pagando com a alma”. Apesar de ter sido uma fala proferida por um estudante em específico, é possível afirmar que ele não é a origem do enunciado. Trata-se de uma concepção enraizada naquele ambiente, advinda de vozes distintas e origens indefinidas, que acaba sendo assimilada por novos alunos. Assim, todos eles acabam por reproduzir a máxima de que a faculdade se

ECO-REBEL

alimenta da alma de seus alunos. O mesmo pode ser dito sobre o ditado segundo o qual "aluno que não se forma vira gato":

“Aluno que não se forma vira gato”, lembrou-se do ditado, sempre repetido pelos colegas, uma piada pela quantidade de gatos que circulavam pelo campus, em quantidade pouco menor que a de formandos. Hugo nunca gostara daquele tipo de brincadeira. Ela ignorava o individual, não fazia diferença o que cada um havia passado, e, no final, o julgamento era igual para todos (RODRIGUES, 2021, p. 52).

Nota-se que o dizer é simplesmente repetido e repassado sem se conhecer a sua origem. Além disso, há dois aspectos a serem destacados nessa passagem. Em primeiro lugar, a superpopulação de gatos no *campus* é motivo para brincadeiras e piadas, e não preocupação e ação. Ninguém parece questionar de onde esses animais vêm, se estão recebendo os cuidados necessários (tais como atendimento médico e alimentação) e o que poderia ser feito para o seu bem-estar.

Em segundo lugar, Hugo encara o ditado como um julgamento, como se virar gato fosse a punição pelo desempenho acadêmico insatisfatório. Tal visão advém do antropocentrismo, a concepção de que a espécie humana é superior às demais. Dessa forma, ser transformado em outra espécie é visto como um rabaixamento, um castigo. Esse momento em que ele confronta o que acredita ser o seu destino – virar gato – é quando de fato a transmutação começa a ocorrer lentamente. Ele relata o desejo de vagar pela instituição, “como um espectro num recorte de tempo deslocado da realidade” (RODRIGUES, 2021, p. 52), de um modo que os felinos costumam fazer, pois são animais que às vezes parecem alheios ao seu redor. O que inclusive é demonstrado no conto, quando Hugo estranha um gato roçando a sua perna, “visto que todos eram tão alheios aos transeuntes” (RODRIGUES, 2021, p. 52).

Ao fazer contato com esse gato misterioso, o protagonista começa a se sentir mal: ânsia de vômito, ondas de calor, suor e possível febre. Ele vai para a sala de aula acompanhado pelos felinos, “cada dia mais próximos, cada vez o reconhecendo mais como um deles” (RODRIGUES, 2021, p. 53). Após a prova, com a certeza de ter sido reprovado, o deslocamento da realidade, dissociação do próprio corpo e reconhecimento cada vez maior de barulhos e dos próprios gatos o acompanham.

A rememoração de momentos marcantes de sua vida – ser aprovado no vestibular, abraçar a família, andar no *campus* pela primeira vez, beber com seu veterano etc. – são os últimos

ECO-REBEL

momentos que marcam a sua experiência enquanto humano. Após a prova, no banheiro, enquanto lida com sintomas estranhos e encara seu reflexo no espelho, a transmutação de fato acontece:

A sua cabeça coçava, e, ao passar os dedos, tufo de cabelo saíram junto com as unhas, que se soltaram dos dedos com facilidade. Seus ossos estalavam como se fossem quebrar, uma dor quente irradiava pela sua coluna. Sentia gosto de sangue nas gengivas, os dentes pontudos machucavam sua boca. A pele do seu corpo parecia descolada da sua carne, suas roupas, folgadas e desnecessárias, mas em momento algum sentiu medo ou estranheza com aquilo (RODRIGUES, 2021, p. 54).

A falta de estranheza com o processo pode ser devido ao fato de que era um destino esperado e de que, após se tornar gato, esqueceu-se o que era ser humano. Ele tenta se lembrar por que estava angustiado antes e não consegue. Se questiona se passou na prova ou não, e logo descarta o pensamento devido à sua desimportância. Aqui, cabe refletir que habitar o corpo do animal é também assumir seus sentimentos, desejos e pensamentos, o que, segundo Maciel (2023, p. 140), "desestabiliza nossa racionalidade e nos possibilita divisar nossa própria animalidade". Dentro do corpo de um animal, todas as angústias humanas se dissiparam e deram lugar ao modo de viver e de enxergar o mundo do felino.

Para Castro (2002 *apud* MACIEL, 2023), pontos de vista estão no corpo e animais veem as coisas diferentes porque têm corpos diferentes, no que diz respeito às capacidades e não à anatomia. Dessa forma, a capacidade de pensar, sentir e ter uma visão de mundo não são exclusivamente humanas e, com inventividade e empatia, é possível capturar algo da subjetividade animal (MACIEL, 2023). É exatamente o que ocorre aqui quando as preocupações de Hugo se esvaem após a transmutação: no corpo de um felino, só é possível uma visão de mundo felina, mesmo que conjecturada a partir de uma perspectiva humana.

Por fim, Hugo olha o gato que o estava acompanhando desde cedo e reconhece seus olhos: o veterano que o havia recepcionado anos atrás. E o conto se encerra com o seguinte trecho: "Hugo já não chorava, não sentia mais vontade. Apenas se levantou e se espreguiçou. O gato que o vigiava iria apadrinhá-lo mais uma vez" (RODRIGUES, 2021, p. 55). Hugo descobre que o veterano que o apadrinhou nunca o abandonou, mas sim se transformou em gato e o recebeu não uma, mas duas vezes na universidade. É apenas como gato que Hugo o reconhece, demonstrando que o reconhecimento entre espécies diferentes é praticamente inexistente.

Esse encontro final entre calouro e veterano, ambos metamorfoseados, leva a uma inquietação a respeito da comunhão. A comunhão é um conceito indispensável quando se pensa

ECO-REBEL

em interação comunicativa. Trata-se de uma predisposição à comunicação, pois a antecede. É um entendimento prévio, uma abertura do canal para a comunicação. “Comunhão não pressupõe uma língua em comum. Pelo contrário, é a comunicação e, por extensão a língua, que pressupõem algum tipo de comunhão prévia” (COUTO, 2013, p. 46). Nota-se assim que, sem comunhão, não há interação.

Em Couto (2017), há uma extensa reflexão acerca das origens da palavra e os significados que ela tem, tanto em contextos gerais quanto na linguagem. O autor afirma que a palavra remete ao sentido religioso e à partilha de crenças e ideias, bem como ao ato de participar de algo e estar em contato. No contexto da comunicação, os primeiros estudiosos que falaram em comunhão se referiram ao vínculo estabelecido por meio das palavras (COUTO, 2017). Entretanto, conforme já mencionado, a comunhão precede a interação verbal, pois é ela que permite que haja a troca de palavras. Na verdade, ela pode existir até mesmo sem a troca de palavras, que é o caso da comunhão entre espécies diferentes.

É inegável que os animais se comunicam entre si e possuem sistemas próprios para isso – movimentos corporais, cantos, ruídos etc. Entretanto, não possuem um código linguístico tal como os humanos, o que significa que não pode haver troca verbal entre diferentes espécies. Entretanto, considerando-se que, na comunhão, o compartilhamento não importa de quê é mais importante do que o código em comum (COUTO, 2017), é possível existir comunhão e interação entre diferentes espécies, como certamente tutores de *pets* e pessoas que estudam e trabalham com animais podem atestar. Mas para que isso ocorra, é preciso que haja abertura dos dois lados: por parte do humano e do animal não humano.

É justamente nesse ponto que o conto em análise traz uma indagação inquietante: a comunhão entre diferentes espécies é possível e desejável em um visão ecológica de mundo, mas será que ela ocorre? Quando um gato roça nas pernas de Hugo momentos antes da prova, como já mencionado anteriormente, não há comunhão entre eles, como se evidencia no trecho: “Ele se agachou para acariciá-lo, mas, ao tocar no felino, uma onda de calor irradiou por todo o seu corpo, e o susto espantou o gato, que fugiu em disparada” (RODRIGUES, 2021, p. 53). A tentativa de aproximação do felino pode ser encarada como um esforço em direção à comunhão, mas o estranhamento que ocorre em sequência impede que ela seja concretizada.

Após a transmutação ocorrida no banheiro, entretanto, Hugo reencontra o mesmo gato que ele havia tentado acariciar mais cedo e se dá conta de quem ele é: “Percebeu o que era tão familiar

ECO-REBEL

no gato que o encarava: seus olhos. Os olhos daquele que o recepcionara dez semestres antes”. Apenas quando Hugo também se transforma em gato é que ele reconhece seu antigo veterano no corpo do felino. Mas, antes de entrar no reconhecimento entre os personagens, cabe aqui uma reflexão acerca dessa troca de olhares entre eles:

A seguinte questão se apresenta: o que sabem, de fato, os cães (e outros animais) sobre nós, humanos? O que eles são capazes de nos perguntar sem palavras? Dado que somos incapazes de chegar, pela razão, a uma resposta, cabe-nos capturar, pelos sentidos, algo do que eles dizem sem propriamente dizerem [...] Os seres não humanos também possuem um saber próprio sobre o que olham, e, mesmo que não compartilhem uma linguagem comum, a comunicação com eles se torna possível por outros jeitos que não através de palavras articuladas (MACIEL, 2023, p. 77-78).

Conforme a autora atesta acima, a ausência de palavras não implica a ausência da comunicação ou mesmo da comunhão, como tem sido discutido. A troca de olhares entre os personagens deixa uma incógnita a respeito do que o felino percebe naquele que encara. A partir de um exercício imaginativo – do leitor, visto que o próprio autor não entra nas percepções do felino – é possível apenas conjecturar o que aquele felino já sabia sobre o protagonista ou o que estava tentando lhe comunicar durante as tentativas de contato. De modo geral e não apenas no âmbito literário, ainda há muito o que ser descoberto sobre linguagens não humanas e comunicação interespecie.

Voltando ao reconhecimento entre os personagens, o trecho transcrito da obra evidencia o não reconhecimento entre as espécies diferentes, ressaltando que esse reconhecer vai muito além de apenas identificar de quem se trata. É também a falta de entendimento e de conexão, que levam à dissociação entre as diferentes espécies, como se a coexistência de diversos seres no mundo fosse pautada apenas no afastamento e na diferença. A não comunhão entre o protagonista e o gato antes do desfecho da história provavelmente advém da visão de que entre um humano e um animal não podem haver semelhanças que levem a uma aproximação.

Dessa forma, o discurso predominante no conto é o de estranhamento e não compreensão entre gato e humano. A respeito dos significados da transmutação, ora tendem para a punição, ora tendem para a libertação. No primeiro caso, o protagonista parece encarar o seu destino como um castigo, como uma penitência a ser sofrida por não ter correspondido à expectativa de ser um bom aluno. Expectativa essa que não se sabe de onde vem: de seus pais, familiares, amigos, colegas,

ECO-REBEL

professores ou de si mesmo. É provável que seja mais uma voz social presente na narrativa, visto que a ideia de que jovens devem priorizar os estudos é uma concepção difundida em sociedade.

O segundo caso, a transmutação enquanto libertação, começa a ser sutilmente sugerido no começo da história, quando Hugo sente o desejo de subir nos telhados e não mais ser encontrado. É confirmado ao final, quando ele se espreguiça e não mais se lembra de nada do que o afligia. Ser um felino, nessa perspectiva, parece ser uma emancipação, como se a vida que ele tentava levar – ser bom aluno, tirar boas notas, corresponder às expectativas – fosse uma prisão. Enquanto felino, não há nenhuma ansiedade em ter bom desempenho acadêmico, há apenas o vaguear pela universidade.

Em ambos os casos, é possível concluir que os gatos não chegam a ser inferiorizados, mas sim antagonizados: humano e animal não se associam, apenas se opõem, reforçando a visão dicotômica que predomina na nossa sociedade e o misticismo normalmente associado aos felinos. Não há mutualidade na relação humano-animal, enxerga-se apenas o que os tornam diferentes.

4 Considerações Finais

Quando a transmutação do protagonista se encerra, a desimportância da prova se instaura e as angústias dos últimos meses são esquecidas. Hugo não consegue se lembrar o que o afligia e apenas se espreguiça tranquilamente. O fato de sua ansiedade dissipar com a metamorfose evidencia que a pressão de ser bem sucedido é essencialmente humana; na animalidade, há apenas paz, aceitação e liberdade.

O reencontro com seu veterano, também gato, mostra que o reconhecimento só existe entre indivíduos da mesma espécie, pois o antagonismo existente entre humano e animal não permite que haja uma aproximação entre eles. Importante ressaltar, também, que esse antagonismo advém da visão dicotômica que predomina na sociedade ocidental.

O conto também parece reforçar o misticismo que tem sido associado aos gatos no decorrer da história. Aqui eles não chegam a ser endeusados ou demonizados, mas certamente são incompreendidos. Há uma distância entre o humano e o animal não humano justamente pela falta de compreensão entre eles. Não se entende suas formas de ver o mundo e de existir nele, logo também não se interage.

Segundo Machado e Paixão (2014, p. 244), “a representação cultural que fazemos dos animais não-humanos afeta, positiva ou negativamente, a propensão das pessoas em modificar ou

continuar agindo de acordo com uma concepção especista". Isso significa que não precisamos nos sujeitar às percepções que foram historicamente construídas na nossa cultura e na nossa sociedade, mas podemos intervir nelas de modo a construir novas percepções e levar a uma convivência mais harmoniosa. Trata-se de um processo no qual a literatura pode ter uma contribuição valiosa.

Maciel (2023, p. 28) afirma que “graças às experiências ficcionais e poéticas dos escritores, atravessamos as fronteiras entre as espécies e acedemos à outra margem, a dos animais não humanos, num encontro também com a animalidade que está dentro de nós”. É exatamente essa experiência que o conto proporciona aos seus leitores: talvez não uma ascensão à outra margem, mas certamente um convite a pelo menos olhar a animalidade que existe em cada um de nós.

Referências

ASSIS, Mayara Macedo; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; PINHEIRO, Zilda Dourado. A interação ficcional pela perspectiva da Análise do Discurso Ecosistêmica: um estudo de fábulas. In: *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 9, n. 2, 2023, p. 5–18.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

CARROBREZ, Mayara; LESSA, Patrícia. Por um ecofeminismo animalista: contribuições de Carol Adams e Greta Gaard. In: ROSENDO, Daniela et al. (Ed.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Ape'Ku Editora, 2019.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

COUTO, Elza Kioko Nakayama do. *Ecolinguística – Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 4. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. *Análise do discurso ecosistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: Programa de Pós- Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.

COUTO, Hildo Honório do. Comunhão. *Blog Meio Ambiente e Linguagem*, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://meioambienteilinguagem.blogspot.com/2017/12/comunhao.html>. Acesso em: 2 fev. 2024.

ECO-REBEL

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. *Análise do discurso ecológica – (ADE)*. Coleção: Linguagem e Sociedade vol. 9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FORTE, Diego. Pandemics and non-human animals in the Argentine press: extended carnism and industrial fatalism. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 06, n. 04, p. 38-61, 2020.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 10, p. 39-53, 1995.

JACOBS, George; SUWONDO, Aji Seno. Analysis of a television episode on the intelligence of pets. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 9, n. 1, p. 20–36, 2023.

KHEEL, Marti. A contribuição do ecofeminismo para a ética animal. In: ROSENDO, Daniela et al. (Ed.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Ape'Ku Editora, 2019.

MACHADO, Juliana Clemente; PAIXÃO, Rita Leal. A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, vol. 11, n. 1, p. 231-253, 2014.

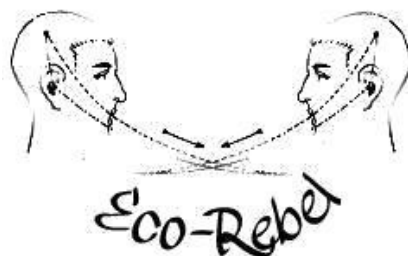
MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Editora Instante, 2023.

RODRIGUES, Anderson. Os gatos te esperam. In: DERMOND; LOWË, Gutenberg (orgs.). *O gato e outros contos felinos*. Clássicos & Contemporâneos. Brasil: Ficções Pulp!, 2021.

SILVA, Anderson Nowogrodzki da. O conceito de discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológico. *BOLETIM DO GEPEL (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)*, n. 10, 2022.

Aceito em 30 de abril de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.



A GUERRA ISRAEL-HAMAS VISTA PELA ADE

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto
Maria Ivoneti Busnardo Ramadan

Si vis pacem para bellum

Abstract: Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) has as its fundamental principles the unconditional defense of life and the fight against avoidable suffering. Our objective in this communication goes beyond the idea that all war is absurd and brings suffering to many people. We will talk about a specific case, the war between Israel and the Palestinian group Hamas. First, there was the kidnapping of innocent Israelis by members of Hamas. In retaliation, Israel began a relentless war against this group. These are two types of suffering. On the one hand, we have the suffering of the families of Israeli people, including children and the elderly, who were kidnapped by Hamas and taken to the Gaza Strip. On the other hand, we have the catastrophic effects of Israel's attack on Hamas, not just bombing buildings, devastating entire neighborhoods and invading the territory of the Gaza Strip. ADE predicts degrees of suffering and we intend to take a stance on the war, regardless of the discourse on both sides. To do so, we will use not only the two principles mentioned above, but also the discussion about suffering, pain, respect, compassion and fear in EDA, made by Fernandes (2021).

Key-words: Israel-Hamas war; Suffering; EDA.

Resumo: A Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE) tem como princípios fundamentais a defesa incondicional da vida e a luta contra sofrimento evitável. Nosso objetivo nesta comunicação vai além da ideia de que toda guerra é absurda e traz sofrimento a muita gente. Falaremos de um caso específico, a guerra entre Israel e o grupo palestino Hamas. Primeiro, houve o sequestro de inocentes israelenses por membros do Hamas. Como represália, Israel iniciou uma guerra sem tréguas contra esse grupo. Trata-se de dois tipos de sofrimento. Por um lado, temos o sofrimento dos familiares das pessoas israelenses, inclusive crianças e idosos, que foram sequestradas pelo Hamas e levadas para a Faixa de Gaza. Por outro lado, temos os efeitos catastróficos do ataque de Israel ao Hamas, não apenas bombardeando prédios, devastando bairros inteiros e invadindo o

território da Faixa de Gaza. A ADE prevê graus de sofrimento e nós pretendemos nos posicionar sobre a guerra, independentemente do discurso dos dois lados. Para tanto nos valeremos não só dos dois princípios supramencionados, mas também da discussão sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na ADE, feita por Fernandes (2021).

Palavras-chave: Guerra Israel-Hamas; Sofrimento; ADE.

1. Introdução

Se queres a paz, prepara a guerra. Essa é a tradução da popular frase latina da epígrafe. A expressão remonta à filosofia militar romana, segundo a qual a paz só poderia ser alcançada se houvesse prontidão para a guerra. Para tanto os exércitos deveriam ser bem treinados, as táticas militares rigorosamente desenvolvidas, como formas de proteger o Estado e de garantir estabilidade e segurança.

Os romanos tinham convicção de que a guerra era inerente à vida, daí a ênfase na disciplina e na superioridade militar, base do soerguimento do império que atravessou cinco séculos da história ocidental, tributária da herança romana. Alia-se a essa vocação beligerante, um espírito pragmático em inventar leis, implantar dispositivos legais para melhor administrar o império.



Imagem símbolo do Império Romano (www.google.com.br, acesso em 25/11/2023)

Não é sem pudor que talvez possamos dar razão aos romanos, quanto à inevitabilidade da guerra, a considerar a mentalidade belicista, perpetuada na cultura ocidental, como atestam o espírito expansionista e a conquista de territórios pelas nações europeias.

Outro dado também nos desconcerta: paleontólogos comprovaram que os primeiros *homo sapiens* já produziam lâminas que funcionavam como armas e utensílios. Uma incursão pela História permite encontrar na China Antiga a produção de tipos diversos de pólvora a ser usada em foguetes

ECO-REBEL

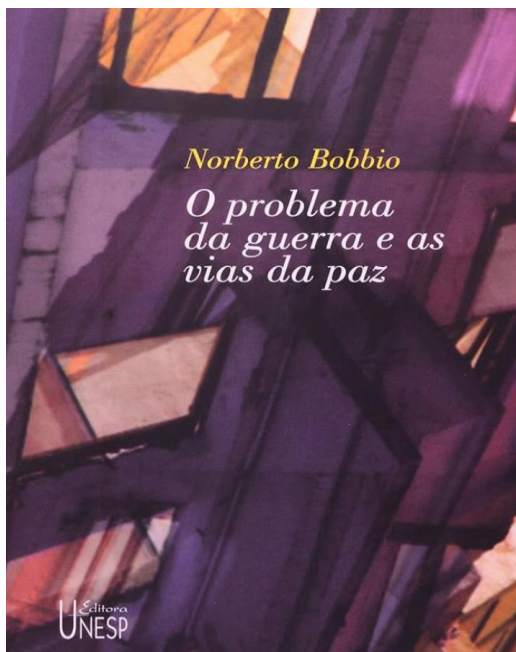
de artilharia, em canhões e em lanças de fogo. (<https://veja.abril.com.br/ciencia/homens-da-caverna-produziam-armas-antes-do-que-se-imaginava>, acessado em 18/11/2023)

O século XV permitiu que muitos povos adquirissem armas de fogo, vindas direta e indiretamente dos europeus. Os japoneses até 1500 não dispunham de armas de fogo, quando as adquiriram dos portugueses. Canhão, pistola, bacamarte, fuzil, mosquete, rifle, espingarda, o arsenal bélico foi-se aprimorando ao longo dos tempos, até chegar às armas químicas, nucleares, aos mísseis supersônicos, com velocidade superior à do som. As potências militares, seguindo o pendor belicista dos romanos, têm dobrado o orçamento para a produção de armas. A bomba atômica lançada pelos Estados Unidos contra civis em Hiroshima e Nagasaki matou instantaneamente mais de 100 mil pessoas.

“Agora eu me tornei a morte, a destruidora de mundos”, declarou o físico Julius Robert Oppenheimer, reproduzindo trecho da escritura sagrada hindu *Bhagavad Gita*. Oppenheimer foi diretor do Laboratório Nacional Los Alamos, ligado ao projeto Manhattan, desenvolvido pelos Estados Unidos com a finalidade de construir as primeiras bombas atômicas.

Sem nenhum dilema moral, os países têm-se aperfeiçoado em deflagrar guerras motivados por interesses econômicos, apropriação de território e por imposição ideológica, determinantes das duas guerras no século passado.

Norberto Bobbio (2003), na obra inspiradora *O problema da guerra e as vias da paz*, escreve:



ECO-REBEL

O único aspecto da ação humana em que o progresso foi constante e contínuo, digamos até triunfal, foi aquele que se refere à potência dos instrumentos com os quais o homem pode dar morte ao homem. À sombra das negociações sobre o desarmamento, os arsenais de todo o mundo continuam a aumentar” (p. 34).

Tomando por base a afirmação de um especialista como Bobbio, é tentador configurar o mundo com uma metáfora onipresente na história da humanidade: uma bomba prestes a explodir por todos os cantos, homens massacrando homens, causando dor, violência e sofrimento.



BOMBA: metáfora das relações humanas

A volúpia na fabricação de armas está na contramão do que afirma Durand (2012), quanto ao uso de armas distintivas, purificadoras, que integram o regime diurno das imagens e exemplificam o arquétipo do bom combatente. Heróis combatentes como São Miguel e São Jorge protagonizam a simbologia do bom combate com o objetivo de separar as trevas da luz. Por isso são chamados de heróis solares, a luta contra as trevas, inscrita em um esquema de verticalização, rumo a uma transcendência.

Longe de redundar em uma lição a ser aprendida, as guerras do século XX, retomadas no alvorecer deste século XXI, simbolizam as forças titânicas que têm dominado o destino dos homens: brutalidade e fúria em oposição “à espiritualidade harmonizante” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 886)

ECO-REBEL



TITÃ: símbolo da irracionalidade contemporânea

A metáfora da bomba não comporta eufemismo, ao contrário, vai se tornando hiperbólica, à medida em que a tendência beligerante do homem foi-se acentuando. A produção de armamentos se sofisticou com a tecnologia de guerra, combinada com os códigos algorítmicos.

É justo lembrar o empenho do diplomata brasileiro José Maurício Bustani, que foi eleito, em 1997, para dirigir a Organização para a Proibição de Armas Químicas, mas dois anos depois foi derrubado pela pressão de John Bolton, a serviço dos Estados Unidos, que não hesitam em destruir governos que não pensam como eles e adotam ideologias contrárias às do governo americano.

No entanto, quando se fala em guerra, inevitavelmente se projeta a paz, ou vice-versa, como sugerido na frase da epígrafe: *Si vis pacem para bellum* (Se queres a paz, prepara a guerra). Trata-se de termos dicotômicos, porém complementares, o que permite vislumbrar momentos de trégua em meio à violência das guerras. Foi o que aconteceu no final dos anos 1980. Acreditava-se que com o fim da Guerra Fria começaria um mundo marcado pela paz. Pura ilusão. Tempos depois, novos focos: no Oriente, na Europa Oriental e na Ásia, além de guerras civis espalhadas pelo continente africano. Mais uma vez a humanidade presenciou centenas de mortos, milhões de feridos e refugiados.

O século XXI mal começou, e a guerra da Ucrânia, as tensões entre EUA e China levaram os países a incrementar os gastos com armamentos. A novidade do momento é que não se contesta a

ECO-REBEL

emergência de uma crise vivida pelo ocidente: crise econômica, ecológica, política, demográfica e psíquica. Como consequência, sofrimento existencial, medo e terror em relação ao outro.

Pois bem, nossa finalidade principal neste artigo é comentar o conflito Israel-Hamas tendo por pano de fundo a Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE), como exposta em Couto (2020), Couto & Fernandes (2021). Fernandes (2022) não só traça um perfil histórico da teoria como referencia quase toda a literatura pertinente.

Gostaríamos de adiantar que os dois princípios caracterizadores da ADE são:

- 1) Defesa incondicional da vida de todos os seres;
- 2) Essa defesa implica uma luta constante contra o sofrimento evitável.

O primeiro princípio pressupõe mudança de paradigma, não só no que se refere à organização das sociedades, mas também no nosso modo de agir cotidiano. Não se trata de virar a página definitivamente, mas ter o devido discernimento entre o que pode ser preservado e o que deve ser descartado. Temos de fazer trocas: mudar a competição para a parceria; a ganância para a suficiência e o cuidado. Temos de nos desapegar de nossas rígidas categorias de crenças, costumes e nos abirmos a pensamentos mais flexíveis e corajosos.

Tenhamos cuidado, como pesquisadores da ADE, em abordar os fatos e, de pronto, declaramos que apoiamos a criação do Estado de Israel, na verdade, a criação de dois estados, o israelense e o palestino. Esse entendimento procede de uma trajetória humanista como professoras de escolas públicas e de universidades, enriquecida por teorias de cunho humanitário e, hoje, pelos princípios da Ecologia Profunda, que embasam a ADE: defesa da vida, recusa a todo tipo de violência, esforços em favor do sofrimento evitável. Em outras palavras, isso significa adotar outra escala de valores, segundo a qual os indivíduos e as nações se vejam como membros da comunidade humana, pautada pela não violência e pela solidariedade.

Por essa razão não pactuamos com os métodos terroristas perpetrados pelo HAMAS, em 07 de outubro, que levaram à morte em torno de 1.200 israelenses. A ofensiva de Israel pela Faixa de Gaza, na tentativa de capturar os líderes do Hamas, já ocasionou 23,8 mil mortes, entre elas muitas crianças, sem levar em conta os desaparecidos sobre os escombros, conforme a *Folha de S. Paulo*, de 14 de janeiro de 2024. A mesma edição registra que 23 dos 36 hospitais de Gaza já não têm

ECO-REBEL

condições de funcionamento, e os médicos não conseguem lidar com as doenças que se espalham pela falta de água potável.

Evidente que, diante dessa desproporcionalidade de vítimas, a comunidade internacional comece a apontar desrespeito às leis internacionais de guerra, em decorrência do método com que Israel tem conduzido os ataques, dizimando civis indiscriminadamente.

O segundo princípio – luta constante contra o sofrimento evitável – abarca amplas considerações que escapam do alcance destas linhas.

Viver e sofrer é um binômio inseparável. Esse entendimento começa dentro de cada um de nós. Temos de aceitar que cada um tem o seu sofrimento, que é intransferível, uma tarefa única. Há que se saber sofrer. O sofrimento no âmbito individual pode se converter em uma conquista humana. A partir daí é que se pode pensar no sofrimento do outro. Sofre-se no plano individual e no coletivo. Ambos nos desafiam a buscar uma fórmula para atenuar o sofrimento próprio e o do outro. Quando se trata de um sofrimento coletivo, seria justo pensar em uma lei, colocar a questão no âmbito jurídico? Por exemplo, como diminuir legalmente o sofrimento de populações inteiras vitimadas por acidentes, guerras etc? Sofrimento evitável não significa eliminar o sofrimento, o que seria negar a lógica da existência, mas amenizá-lo e extrair dele um sentido e um ensinamento.

2. O conflito Israel-Hamas

É neste cenário de desordem mundial e de crise da humanidade que assistimos à deflagração da guerra entre Israel e Hamas. Não pretendemos recuperar as causas que a detonaram, já que a problemática é complexa e toca em questões históricas, morais, geopolíticas e religiosas. No entanto, o compromisso com os princípios da ADE exige que nos apoiemos em fontes fidedignas. Não se pode confundir judaísmo com sionismo. A criação do Estado de Israel, que determinou a partilha da Palestina, é um projeto sionista, aprovado em 29 de novembro de 1947 em uma assembleia geral da ONU, presidida pelo brasileiro Oswaldo Aranha. A fundação do Estado de Israel se deu em 14 de maio de 1948. No entanto, a ideia de um estado sionista vem de longe. Nos anos 1940, foi deflagrado um plano secreto para mapear o território palestino: levantar em cada aldeia o tipo de produção agrícola, as fontes de água, o número de árvores, a população masculina adulta. Os dados foram usados para a elaboração do plano D- Dalet, plano de guerra do exército israelense para a limpeza étnica da Palestina. Essas informações estão contidas em matéria

ECO-REBEL

publicada na *Folha de S.Paulo*, de 26 de novembro de 2023, escrita por Arlene Clemesha, professora de História Árabe da USP.

É evidente que não foi com a máquina burocrática da ONU que o Estado de Israel foi implantado. Os mentores da criação de um estado israelense trataram de organizar um exército poderoso para fazer frente a qualquer resistência dos árabes. É com júbilo que ainda hoje se comenta sobre a formação do exército israelense. A Revista *Morashá*, ano XXX, edição 121, dezembro de 2023, editada pelo Instituto Morashá de Cultura, em São Paulo, publica matéria em tom ufanista sobre como as armas tchecas salvaram Israel: 400 toneladas de morteiros, bombas aéreas, metralhadoras, lança-chamas, explosivos, tanques, 86 aviões de combate, 25 caças, além de dispor o aeroporto de Jatech para a delegação israelense treinar os pilotos. Tudo isso rendeu aos cofres da Checoslováquia, hoje República Tcheca, 14 milhões e 500 mil dólares. De 1948 até hoje o armamento bélico dos países foi-se aprimorando e não é de se estranhar que, em poucos dias, 85% da população palestina foram deslocados da Faixa de Gaza pelos bombardeios israelenses.

Há 75 anos, a criação do Estado de Israel produziu ressentimentos e feridas incuráveis que reverberaram na escrita do poeta palestino Mahmud Darwich. A aldeia em que ele nasceu, Birwa, foi uma das muitas aldeias destruídas pelos ataques israelenses. Ele registrou em seu livro *A terra nos é estreita e outros poemas*:

Os tiros que atingiam uma aldeia pacífica, Birwa, naquela noite de verão de 1948 não poupavam ninguém. Eu me vi (no dia em que completava seis anos) caçado até o olival, escalando aquela montanha íngreme, por vezes me rastejando. Depois de uma longa noite de sangue, terror e sede, cheguei a uma aldeia estrangeira com crianças desconhecidas (...). Hoje sei que aquela noite pôs fim à minha infância (2012, p, 13).

A foto, extraída do livro acima, é uma criação artística do momento vivido pelo poeta e indica a fuga forçada imposta aos palestinos.

ECO-REBEL



A verdade é que a Guerra Israel-Hamas reacendeu em todo o mundo sentimentos que nunca deixaram de existir, mas estavam em estado de dormência: xenofobia, islamofobia e antissemitismo.

3. Comentários

Evidente que, diante da desproporcionalidade de vítimas, a comunidade internacional começa a apontar desrespeito às leis internacionais de guerra, em decorrência do método com que Israel tem conduzido os ataques, dizimando civis indiscriminadamente.

Devemos atentar também para o fato de que, desde há muito tempo, as notícias sobre o Oriente Médio são filtradas por agências internacionais de notícias, que as manipulam como lhes convém. Por isso nossas referências vêm de fontes independentes, como as veiculadas por Heloisa Vilella, jornalista do ICL (Instituto Conhecimento Liberta), em 15/11/2023, pelos canais do YouTube, em parceria com a rede TVT 44.1 e TVA 98.9, televisão aberta. Segundo esses canais, o alvo preferido

ECO-REBEL

do exército israelense tem sido o hospital AL-Shifa, em Gaza, por se acreditar que nele está o centro de comando das operações do Hamas. A jornalista relata cenas catastróficas: soldados israelenses passando de sala em sala, pelos corredores do hospital interrogando os doentes e pacientes esparramados em macas. Os médicos tentando improvisar covas rasas para sepultar 180 corpos que começavam a se decompor. Mulheres, crianças e bebês constituem a maioria dos mortos civis. A fúria bélica não está poupando ninguém.

A cena dos bebês na mesma cama (abaixo), retirados das incubadoras, porque não havia mais energia no hospital, alinha-se em horror a outras protagonizadas por crianças: a do menino refugiado sírio na praia, morto em naufrágio, a da menina vietnamita, de corpo nu e queimado, gritando de dor, atingida por uma bomba napalm americana, em 1972. E o que dizer das filas de crianças judias no Holocausto? E as crianças israelenses, reféns do Hamas?



Bebês foram retirados de incubadoras por falta de energia elétrica no hospital — Foto: Reprodução do jornal *O Globo*, edição de 13/11/2023

Os senhores da guerra não hesitam em cometer infanticídio, a fim de atingir seus objetivos, mas por que nos esquecemos dessas tragédias? As fotos não são perturbadoras o suficiente, a ponto de as fixarmos em nossas consciências? Susan Sontag, no livro *Diante da dor dos outros*, problematiza as fotos de guerra e sentencia:

Alguém que se sinta surpreso com a existência de fotos degradantes, (...) diante de provas daquilo que os seres humanos são capazes de infligir, em outros seres humanos, em matéria de horrores e de crueldades a sangue frio, ainda não alcançou a idade adulta em termos morais e psicológicos (2003, p, 93).

ECO-REBEL



Vejam-se outras fotos relativas à guerra.

O tom contundente de Susan Sontag nos incita a rever os pressupostos que têm sustentado nossa cultura, o que está em consonância com o que preceitua a ADE: a recomendação de que as políticas precisam ser mudadas, assim como a submissão às leis do capitalismo e à ganância por lucros, donde “a urgência de se reverter os paradigmas mercantis para se preconizar a defesa da existência” (COUTO; FERNANDES, 2021).

Ao pesquisador da ADE impõem-se duas considerações:

- a. Ainda que se reconheça a fotografia como registro da realidade, vivemos em um mundo em que o trabalho fotográfico está a serviço de manipulações consumistas, e as imagens chocantes passaram a ser normalidade, anestesiando nossa capacidade de compaixão para com o sofrimento do outro. Como sedimentar na memória e na consciência fotos de atrocidades, imagens de sofrimento, como romper o cerco da morte (*tanatos*) em favor da vida (*eros*) aspiração última e primeira da ADE? Não nos cabe aqui explorar o assunto, a despeito de oportuno para nosso tema.
- b. O que nos impõe neste trabalho é recuperar algumas pesquisas realizadas por especialistas quanto ao momento em que se deu a criação do Estado de Israel. Em nome da defesa da democracia de Israel, em oposição às ditaduras dos países árabes, muitas

ECO-REBEL

vezes se ignoraram os métodos adotados pelo país sionista para ocupar a Palestina. Uma dessas constatações vem das pesquisas do filósofo e historiador italiano Domenico Losurdo, analista sensível das relações entre a guerra e a paz.

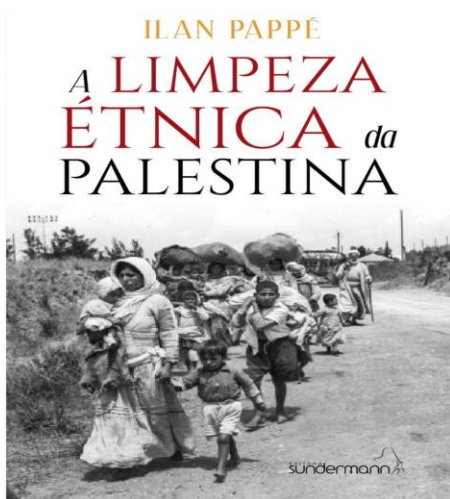
Losurdo (2018) é enfático, ao classificar a ocupação do território palestino como um ato de guerra praticado pela superioridade do exército de Israel. Para ele, “as verdadeiras guerras contra o Líbano e Gaza, quando não se justificam, são julgadas com indulgência ou minimizadas: como se pode condenar Israel como belicista e militarista se se trata da única democracia do Oriente Médio?” (p. 329). Ao contrário, afirma Losurdo, guerras coloniais e imperiais demonstram que, mesmo que institucionalmente um país seja democrático, ele não atua democraticamente. Haja vista o modo como procede o país considerado a maior democracia do mundo, impondo sua soberania aos demais, arrogando-se o direito de declarar o fim do governo de outro país: os Estados Unidos da América, o país guia do Ocidente ou o “xerife internacional”, como Losurdo os designa.

A laboriosa pesquisa de Losurdo aprofunda-se, ao apontar o embargo econômico como uma arma de guerra, uma guerra militar se entrelaça com a econômica e se torna um “instrumento privilegiado por uma potência colonial ou imperial, que controla de forma mais ou menos ampla a economia mundial ou uma importante região do mundo, para garantir a obediência ou a submissão de um país em condições coloniais...” (op. cit: 332).

Ora, o tipo de apagamento que o exército de Israel praticou no território palestino não deixa de ser uma forma de colonialismo, violando os direitos e as garantias de liberdade de civis. Quanto a esse aspecto, fiquemos com o historiador israelense Ilan Pappé, obrigado a se radicar na Inglaterra, por receber ameaças de morte pelas conclusões de suas pesquisas. Em *Dez Mitos sobre Israel*, publicado pela editora Tabla, Ilan Pappé redefine o sionismo como um movimento colonialista, semelhante ao aplicado pelos europeus. A mitologia fundacional de Israel negava aos palestinos o direito moral de resistir à colonização, iniciada em 1882. As pesquisas de Pappé não deixam espaço a dúvidas. Iniciado ainda durante o período britânico, o impulso colonialista era se fechar em comunidades e ignorar a realidade dos palestinos. Confirmamos a afirmação:

Em 1945, o sionismo já havia atraído mais de meio milhão de colonos para um país cuja população total era de mais ou menos dois milhões. Alguns chegaram com autorização do Mandato Britânico, outros sem. A população nativa local não foi consultada, tampouco foi levada em conta sua objeção ao projeto de transformar a Palestina em um Estado judeu” (2022,p. 102)

Mas é com *A limpeza étnica da Palestina*, que Pappé relata os atos de barbárie, praticados pelo nascente Estado sionista de Israel, tais como desarabização da Palestina, destruição das aldeias palestinas, massacre em mesquitas. Cenas de inenarrável selvageria, das quais reproduzimos apenas uma. Um sobrevivente da aldeia de Tantura relata: “ Nós, o povo de Tantura, fomos colocados em uma jaula, despejaram óleo nas nossas roupas e levaram embora nossos cobertores” (PAPPÉ, 2006, p. 238).



É certo que o Hamas não representa a maioria dos palestinos, mas cabe-nos perguntar: que sentimentos, emoções foram-se acumulando na mente dos palestinos desterrados, a ponto de desaguar no terrorismo do Hamas? Não se justificam as ações terroristas do Hamas, assim como as condições violentas impostas aos palestinos, desde a criação de Israel, no entanto, temos de assumir uma posição perante a dor e o sofrimento das pessoas vitimadas pelas guerras.

À medida em que a corrida armamentista e os equipamentos de vigilância foram-se sofisticando, aumentou a insegurança entre as nações, com a ameaça de uma terceira guerra. O medo, o ódio, a raiva se instalaram com a falência das ideias construtivas, com a ineficácia das vias diplomáticas e a submissão do Estado às leis do mercado (FERNANDES, 2021). Qual o valor da vida diante disso tudo?

Há de se considerar que no ciclo vida-morte há um fio que se tece e se desfaz. Morre-se um pouco a cada dia em que se vive. De acordo com Fernandes (2021) “vida e morte são como os dois

ECO-REBEL

extremos do diâmetro de uma circunferência, logo, partes dele, articulam-se ao longo do mesmo eixo. Um extremo não existe sem o outro”. Diante da finitude irreversível, aceitamos que se morra de doenças, de acidentes, de velhice – sofrimentos inevitáveis segundo a ADE –, mas não de atrocidades cometidas por homens contra outros. A morte pela guerra animaliza a espécie e avilta a consciência. No entanto, hoje, o medo, a insegurança, a morte contabilizada nas guerras se tornaram *commodities*, produtos à venda, como os corpos e as postagens das redes sociais.

É inerente à vida a dor e o sofrimento, até como instâncias de amadurecimento existencial. Oportuno lembrar que a palavra “sofrer” deriva do latim *sufferre*, literalmente “sob ferros”, isto é, acorrentado, submetido a opressão, a submissão (www.brainlycom.br, acessado em 20/11/2023). Sofrimento pressupõe dor, seja de ordem física ou psíquica. Essa distinção é importante ao pesquisador da ADE, para que ele pondere sobre como proceder “diante da dor dos outros”, retomando o título do livro de Sontag.

Não dispomos de nenhuma fórmula salvífica, mas frente à dor e ao sofrimento alheio, podemos nos apropriar de **dois dispositivos** ao alcance de qualquer ser humano. O **primeiro** é a sensibilidade e, não, a indiferença, mas uma sensibilidade ativa, que redunde em uma postura, em um compromisso. No mundo pragmático de hoje, sensibilidade pode parecer fraqueza, inabilidade para a vida utilitária de hoje. Mas, ao contrário, é uma ferramenta que permite distinguir o bem do mal e substituir a hostilidade pela hospitalidade, como abertura para o outro, seres submetidos ao mesmo desamparo diante da finitude irreversível.

O **segundo** é a indignação e não a acomodação e apatia, mas, sim, coragem para denunciar a crueldade humana. Infelizmente, perdemos a capacidade de nos indignar diante da corrosão dos valores. Carecemos de figuras exemplares, de estadistas e nestes tempos preferimos nos submeter aos ditames do mercado, à produtividade sem limite, aos excessos de trabalho e de informação. Nossas múltiplas atividades não nos impelem para algo fora de nós mesmos.

Lembremo-nos de Stéphane Hessel, diplomata francês e pioneiro dos direitos humanos na ONU. Aos 93 anos, ele publicou o panfleto *Indignai-vos*, com o qual se insurgiu contra tudo que solapava a liberdade e os direitos universais do homem. Escreveu Hessel que na “sociedade do dinheiro é necessário engajar-se em nome de sua responsabilidade como pessoa humana” (2011, p. 19).

ECO-REBEL

Coincidentemente em 1948, ano da Declaração dos Direitos Humanos e também da criação do estado de Israel, Hessel defendia a existência de um estado palestino, reconhecido internacionalmente, pois, somente assim poderia reinar a paz entre as nações.

INDIGNAI-VOS

“... Sociedade do dinheiro é necessário engajar-se em nome de sua responsabilidade como pessoa humana” (2011, p. 19).

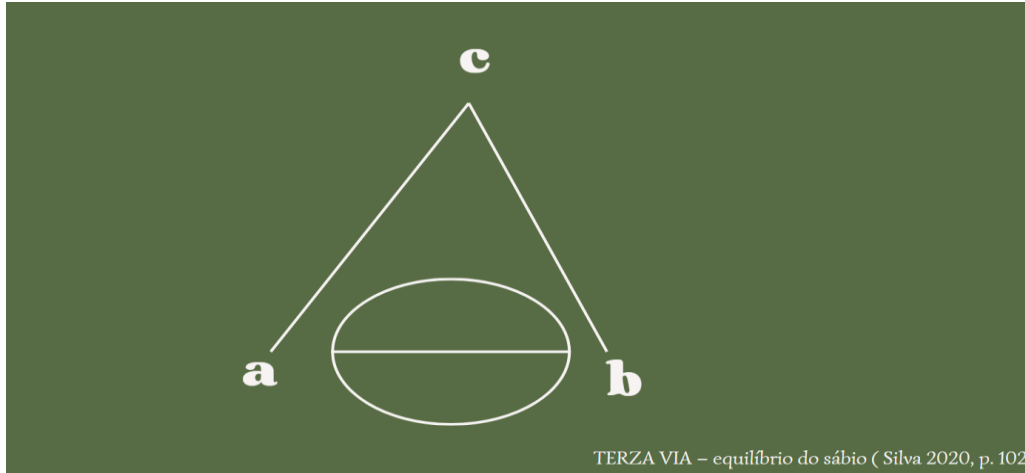
-STÉPHANE HESSEL

O ideal de paz entre as nações não é algo que não tenha sido vislumbrado em vários momentos na história, mas ainda está longe de alcançar os princípios universalizantes, de modo a estendê-los a toda a humanidade. Isso pressupõe a eliminação do flagelo da guerra. Esse é um ideal a ser sedimentado por meio de uma conduta civilizatória de cada um de nós.

Ao defender a ética do cuidado, a ADE propõe um olhar amoroso para com os vulneráveis e os sofredores. Para tanto, cabe-nos suportar o olhar infernal da Medusa, encarnação do terror, contorná-lo em suas dimensões, se pretendemos, de fato, sair do nível do discurso e propor uma intervenção real, trocando a apatia pela compaixão. Essa nos parece uma das mais elevadas tarefas do gênero humano.

Mas, enquanto isso não acontecer, continuaremos a ser, cotidianamente, consumidores de violência, adoecidos por todos os tipos de desvarios e de extremismos, dos quais a guerra é o maior deles.

É insano afirmar que em uma guerra haja um lado vencedor, motivo pelo qual Silva (2020, p. 102) mostrou que há uma *terza via*, a do equilíbrio do sábio. Como se vê na figura a seguir, da posição *c* é possível ter uma visão do todo, diferentemente das partes em conflito *a* e *b* que só veem o seu lado. Isso é unilateralidade, parcialidade, o que pode levar aos radicalismos e fundamentalismos que bem conhecemos.



Basarab Nicolescu (2008), estudioso da transdisciplinaridade, tece considerações sobre as hermenêuticas instauradoras. Ele não exclui os axiomas A e B, inclui um terceiro termo, o terceiro incluído, e integra-os para formar uma unidade mais ampla. Dito de outra forma, na formação do universo, nos sistemas que o compõem, há uma constante, que é a lei dialógica, “baseada na complementaridade dos antagonismos” (MORIN, 2020).

4. Observações finais

Começamos estas linhas com os romanos e finalizamo-las com os gregos. Como na guerra de Troia, em todas as guerras só há perdedores. Na Ucrânia, em Gaza, em Israel, corpos dilacerados, multidões em fuga, algumas em cima de burrinhos, como os civis palestinos, crianças em prantos, cadáveres jogados no chão, crueldade em última potência, tal como fez Aquiles com o corpo de Heitor na *Iliada*. Daí a importância da perspectiva holística, terceira posição (c) da figura supra, que vê os dois lados da questão.

ECO-REBEL



Imagem- símbolo da guerra de Troia

Talvez nós, pesquisadores da ADE, para insuflar os princípios que a sustentam, devêssemos temperar o arcabouço teórico com os imperativos éticos e estéticos que ainda podem emoldurar a vida. E vêm da arte as fontes que nos abastecem para sustentar esse propósito. Em meio às emoções incendiárias de nossos tempos, a tragédia grega nos dá uma pista: não nos apequenemos como seres pensantes. Olhemos o terror, o sofrimento e os horrores do mundo e purifiquemos nossas emoções com piedade e compaixão. Um ideal de vida bela para Schiller consiste em conjugar a moral do dever ser com as finalidades estéticas da existência. A cultura estética, escreve Schiller “é aquilo que deve conduzir a natureza humana à plenitude de seu desenvolvimento, à conjugação de suas forças sensíveis e racionais, enfim, à união de dignidade moral e felicidade” (1990, p.125) Para tanto, precisaremos também de uma dose de esperança, mas uma esperança comedida, a ponto de não descartar as ilusões, nem de se entregar a elas cegamente. Como escreveu Machado de Assis em *Iaiá Garcia*: “Alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões”. Talvez seja isso que a foto abaixo queira expressar.



“Encheram a terra de fronteiras, carregando o céu de bandeiras, mas só há duas nações. A dos vivos e a dos mortos...” Mía Couto in. “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”.

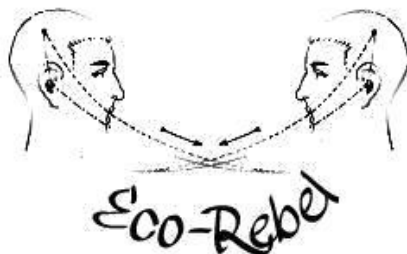


Apis Cultural

Referências

- BOBBIO, Norberto. *O problema da guerra e as vias da paz*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- CHEVALIER, J e Gheerbrant. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- COUTO, Hildo Honório do. *Análise do Discurso Ecológico* (ADE). *Árboles y rizomas* v. II, n. 2, p. 1-14, 2020 (Universidad de Santiago de Chile). Disponível em: <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/rizomas/article/view/4634/26003658>
<https://doi.org/10.35588/ayr.v2i2.4634>
- COUTO, Elza Kioko Nenoki Nakayama do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. *Análise do discurso ecológico* (ADE): teoria e prática, 2021. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/E5.pdf>
- DARWICH, Mahmud. *A terra nos é estreita e outros poemas*. São Paulo: Edições Bibliaspa, 2012.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FERNANDES, Ubirajara Moreira. Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na Análise do Discurso Ecológico. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, p. 46-53, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36698/29027>
- _____. Breve histórico da jovem Análise do Discurso Ecológico. *Boletim do GEPL* n. 10, p. 62-66, 2022. Disponível em <http://www.ecoling.unb.br/images/BG10.pdf>
- LOSURDO, Domenico. *Um mundo sem guerras. A ideia de paz. Das promessas do passado às tragédias do presente*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- MORIN, Edgar. *Conhecimento, Ignorância, Mistério*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- PAPPÉ, Ilan, *A Limpeza Étnica da Palestina*. São Paulo: Editora Sundermann, 2006.
- PAPPÉ, Ilan. *Dez Mitos Sobre Israel*. Rio de Janeiro: Editora Tabla, 2022.
- NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora Triom, 2008.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecológico. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, p. 90-106, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- STEPHANIDES, Menelaos. *Iliada: a Guerra de Troia*. São Paulo: Odysseus Editora, 2000.
<https://veja.abril.com.br/coluna/neuza-sanches/armas-de-fogo-o-tema-e-tratado-de-forma-politica-e-ideologica/>
<https://veja.abril.com.br/ciencia/homens-da-caverna-produziam-armas-antes-do-que-se-imaginava/>

Aceito em 15 de maio de 2024.



ECOLINGUÍSTICA E PUBLICIDADE: ANÁLISE DO ECOSSISTEMA MENTAL DE REPRESENTAÇÃO DA MARCA KITKAT

Ayumi Nakaba Shibayama (UFPR)

Hertz Wendell de Camargo (UFPR)

Abstract: Ecolinguistics emerged in the 1970s with the work of Haugen (1972). In Brazil, the first Ecolinguistics manual was published by Couto (2007). Also called Ecosystemic Linguistics, it involves the study of the relationships between language and its natural, mental and social environment, each considering specific aspects (COUTO, 2007, 2013; COUTO E., 2022). The social considers the organization of members of society to use the language; the mental, the way it is formed, stored and processed in the brain; and the natural, its communicative and structural structure (COUTO E., 2013). This work starts from theoretical assumptions of Ecolinguistics for an analysis, involving ecolinguistics and advertising, of the *KitKat* brand in different contexts, in Brazil and Japan. It starts from data campaigns and advertising pieces, for a study of the mental ecosystem of representation of lexemes (ALBUQUERQUE, 2014, 2018) using, for this purpose, the term *KitKat* in the lexeme position within a multimethodological proposal. Lexemes can be processed mentally as a network that involves varied relationships between the environment, the individual, language, concept formation, psychological experiences. Thus, the analysis covers motor, tactile, visual and conceptual information. We conclude that, considering these elements, the processing of the term *KitKat* in Japanese is different from the meaningful construction in Portuguese due to the varied mental information relationships in each language.

Keywords: Ecolinguistics. Advertising. *KitKat* brand. Mental Representation. Lexeme.

Resumo: A Ecolinguística surge na década de 1970 com o trabalho de Haugen (1972). No Brasil, o primeiro manual de Ecolinguística foi publicado por Couto (2007). Denominada, também, Linguística Ecolinguística, envolve o estudo das relações entre língua e seu meio ambiente natural, mental, social cada um considerando aspectos específicos (COUTO, 2007, 2013; COUTO E., 2022). O social considera a organização dos membros da sociedade para utilizar a língua; o mental, a maneira como ela é formada, armazenada e processada no cérebro; e o natural, sua estrutura comunicativa e estrutural (COUTO E., 2013). Este trabalho parte de pressupostos teóricos da

Ecolinguística para uma análise, envolvendo ecolinguística e publicidade, da marca *KitKat* em contextos diferentes, no Brasil e no Japão. Parte do recorte de dados de campanhas e peças publicitárias, para um estudo do ecossistema mental de representação de lexemas (ALBUQUERQUE, 2014, 2018) utilizando, para isso, o termo *KitKat* na posição de lexema dentro de uma proposta multimetodológica. Os lexemas podem ser processados mentalmente como uma rede que envolve variadas relações entre o meio ambiente, o indivíduo, a língua, formação de conceitos, experiências psicológicas. Assim, a análise abarca informações motoras, tácteis, visuais e conceituais. Concluímos que, considerando tais elementos, o processamento do termo *KitKat* em japonês é diferente da construção significativa em português por conta das relações de informações mentais variadas em cada língua.

Palavras-chave: Ecolinguística. Publicidade. Marca *KitKat*. Representação Mental. Lexema.

1. Introdução

Este estudo estabelece algumas aproximações teóricas entre a ecolinguística e a publicidade. A Ecolinguística surge na década de 1970, mais especificamente, da sociolinguística, com o trabalho de Haugen (1972) e teve como principal impulsionador da Alwin Fill (1993), da área de linguística aplicada (COUTO E., 2022). No Brasil, o primeiro manual de Ecolinguística foi publicado por Couto (2007). Envolve o estudo das relações entre língua e seu meio ambiente natural, mental, social cada um considerando aspectos específicos (COUTO, 2007, 2013). O social leva em consideração a organização dos membros da sociedade para utilizar a língua; o mental, a maneira como ela é formada, armazenada e processada no cérebro; e o natural, seu alicerce comunicativo e estrutural (COUTO E., 2013).

Conhecida, também, como Linguística Ecolinguística, a Ecolinguística envolve estudos das interações que se dão no interior de um ecossistema linguístico. Segundo Couto (2007), o ecossistema, conceito mais básico da ecologia, estuda o denominado ecossistema fundamental da língua no qual a língua (L) é parte de um ecossistema linguístico. Para que ela exista, “é necessário que haja um conjunto de pessoas, uma população (P) que use. Essas pessoas têm que estar convivendo em determinado espaço ou território (T).” (COUTO, 2007, p. 89).

O ecossistema é composto das interações entre as pessoas cujos membros interagem entre si e com seu meio considerando três aspectos: a) O ecossistema natural da língua, em que P_1 é um conjunto de pessoas, que convivem em seu meio ou território (T_1) e interagem, através da linguagem (L_1); b) o ecossistema mental, o cérebro de cada pessoa, lugar onde as regras interacionais da língua são formadas, armazenadas e processadas, ou seja, ele é o “território” (T_2) em que se encontram os neurônios que interagem entre si (P_2) na produção dessas regras que são

ECO-REBEL

a língua (L₂) como fenômeno mental, assim temos o ecossistema mental da língua; c) o ecossistema social da língua, em que língua (L₃) são as interações sociais verbais. Os agentes dessas interações sócio-verbais são pessoas (P₃) como entidades sociais, em seus diferentes papéis etc. O lugar em que se dão essas interações sócio-verbais, seu território (T₃) é a sociedade (COUTO E.; DA FONSECA FERNANDES, 2016, p. 24). Este ecossistema linguístico como o conjunto de interações que se dão pelo uso da língua (L) entre um povo (P), que constitui fisicamente o território de uma comunidade (T), para se comunicar ou para construir significados (COUTO, 2007) compõe uma acepção que considera os sentidos construídos em diferentes cenários, podendo ser aplicado também na Publicidade, pois esta também se realiza na linguagem, através do ambiente natural; na perspectiva mental, com seus processos cognitivos; e no contexto social, através das interações entre as pessoas.

2. Objetivos

Este trabalho parte de pressupostos teóricos da Ecolinguística para uma análise da marca *KitKat* em contextos diferentes, no Brasil e no Japão. Parte do recorte de dados do produto, de campanhas e peças publicitárias, para uma análise específica do ecossistema mental conforme proposto por Albuquerque (2014, 2018) utilizando, para isso, o estudo do nome *KitKat* dentro de uma proposta multimetodológica.

3. Metodologia

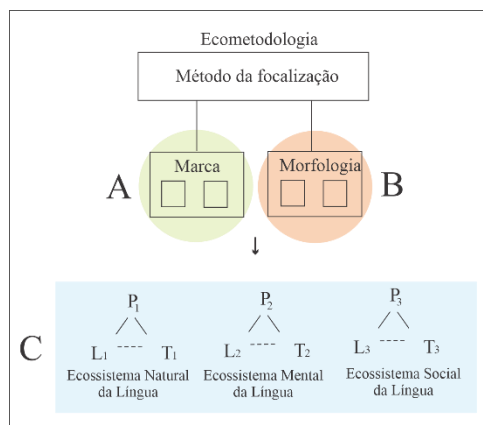
Este estudo utiliza o método da focalização - *focussing method* - (COUTO, 2018). A focalização se aproxima do objeto de estudo em nível microscópico e macroscópico utilizando métodos específicos das disciplinas em nível microscópico e uma visão holística em aspectos macroscópicos. Trata-se de estudo multimetodológico por envolver disciplinas da Publicidade e Linguística. No presente trabalho é feita, inicialmente, uma análise microscópica da marca e da morfologia para, na sequência, uma análise abrangente, macroscópica, da população, língua e território no ecossistema natural, mental e social, enfatizando, mais especificamente, o segundo.

Apresentamos as análises em partes A, B e C, na seção 5 deste texto, conforme ilustrado na FIGURA 1. Em A e B nos aproximamos do objeto de estudo, a marca *KitKat*, em uma visão microscópica e em C, em um olhar macroscópico, holístico. Em A realizamos um estudo de *KitKat* na perspectiva publicitária de construção marcária. Em B, investigamos *KitKat* na perspectiva

ECO-REBEL

linguística morfológica. Em C, analisamos *KitKat* do ponto de vista de visão ecológica de mundo (VEM). Utilizamos, para isso, o termo *KitKat* na posição de lexema da representação mental de Albuquerque (2014, 2018).

FIGURA 1: Ecometodologia e método da focalização



Fonte: Baseado em Couto (2018)

Desta forma, este artigo inicia com a apresentação do contexto da investigação teórica, e depois, seguindo a metodologia da focalização, se organiza na seção 5, em partes A, B e C como ilustrado na FIGURA 1.

4. Investigação Teórica

Este estudo da marca *KitKat* examina o contexto do mercado publicitário no Brasil e no Japão. A análise linguística, na perspectiva da Ecolinguística, considera o estudo da interação da língua e o meio ambiente, seja natural mental ou social. A construção significativa faz uso da percepção das pessoas, do povo (P.) A percepção é uma das etapas do processo de construção de significados, noção amplamente explorada na Publicidade. A linguagem publicitária explora sensações e percepções para a construção de significados. Segundo Schiffman (2005), a sensação refere-se ao processo inicial de “detecção e codificação da energia ambiental.” (p.2). Ela seria o contato inicial entre o organismo e seu ambiente. Neste processo, sinais de energia provenientes do ambiente como luz, pressão, calor, substâncias químicas são recebidos por nossos órgãos dos sentidos transformando-se em códigos neurais bioelétricos e enviados ao cérebro. A sensação envolve o estudo desses fatos biológicos e certas experiências imediatas, fundamentais e diretas. A percepção abrange organização, interpretação e atribuição de sentido àquilo que os órgãos

sensoriais processaram inicialmente, “refere-se ao produto dos processos psicológicos nos quais significado, relações, contexto, julgamento, experiência passada e memória desempenham um papel” (2005, p.2).

Relacionamos, neste estudo, noções de identidade marcária, conforme Perez (2016), aspectos morfológicos nas propostas de Silva (2010), Flôres e Vernes (2004), Maingueneau (2005) e Azeredo (2002) e a Ecolinguística, mais especificamente aos conceitos de visão ecológica de mundo exposto por Couto (2018) e representação mental de lexemas conforme estudos de Albuquerque (2014, 2018).

5A. *KitKat* e Marca

Um dos primeiros aspectos relacionados à marca é o termo que designa seu nome. O processo de nomeação, denominado *Naming* considera os aspectos cognitivos, semióticos e emocionais para escolhas de nomes de marca. O nome é um designativo que prenuncia um caminho, dá uma ideia, nos leva, muitas vezes, a um entendimento prévio a respeito daquilo a que estamos nos referindo. O nome, na perspectiva mercadológica, é a parte da marca constituída de palavras ou letras que compreendem uma designação usada para identificar e distinguir as ofertas da empresa e as dos concorrentes. Os nomes podem ser produzidos mediante diferentes mecanismos linguísticos e, portanto, adotam diferentes aspectos: desde um signo arbitrário abstrato até uma expressão claramente denotativa da identidade da empresa, passando por uma ampla gama de variantes intermediárias (PEREZ, 2016). Segundo Maingueneau, (2000, p. 210) “Não basta criar um bom nome para um produto ou categoria, é preciso elaborar os discursos que sustentam essa denominação”. A partir deste entendimento, analisamos a marca *KitKat*.

Segundo a publicação sobre História das Marcas da empresa de importação EFX (2023), *Kit Kat* surge no mercado em 1935 como *Rowntree's Chocolate Crisp*, de propriedade da empresa britânica *Rowntree Limited of York*. O produto consistia de um *wafer* crocante coberto com uma camada grossa de chocolate ao leite. A ideia surgiu depois de uma sugestão feita por funcionários da empresa para criar um lanche saboroso e nutritivo que pudesse ser levado na marmita pelos trabalhadores. Em 1937, esse chocolate recebeu oficialmente o nome de *KitKat Chocolate Crisp*. Atualmente, os direitos de uso são compartilhados entre a multinacional suíça *Nestlé* e a fabricante americana de doces *The Hershey Company*.

ECO-REBEL

O logotipo original do *KitKat* em 1935 era uma composição de gostos e estilos da época. O logotipo apresentava letras brancas com um fundo vermelho vivo. O texto “*Chocolate Crisp*”, escrito em letras maiúsculas em uma fonte serifada robusta e graciosa, transmitia tradição e confiabilidade. A escolha de uma fonte serifada enfatizava um apelo refinado e sofisticado, tendência na década de 1930. Acima das letras em negrito, “*Rowntree's*” foi arqueado, utilizando uma fonte mais leve e delicada. Em 1940, *KitKat* começou a ser exportado para outros países. Em 1958, o redator Donald Gilles criou uma das campanhas mais conhecidas e duradouras da publicidade mundial com o famoso slogan “*Have a Break, have a KitKat*”, que acompanha o chocolate até os dias de hoje. No período de 1945 e 1947, a Segunda Guerra Mundial causou interrupções em vários setores, incluindo o de chocolate, levando à criação da versão de chocolate amargo “*Blue Label*” do *KitKat*. O fundo vermelho, sinônimo da marca, foi substituído por um tom azul brilhante. Em 1988, há uma mudança corporativa. A aquisição da marca pela Nestlé levou a uma reformulação imediata do logotipo, refletindo a nova propriedade e, ao mesmo tempo, respeitando a identidade visual já estabelecida. O período de 2004 a 2017 é caracterizado por uma exploração de profundidade visual. O oval, elemento central no design do logotipo *KitKat*, foi colocado um pouco na diagonal. Esta inclinação acrescentou dinamismo e movimento ao design, criando uma sensação de modernidade. Para realçar o apelo visual, tons gradientes foram delicadamente integrados ao logotipo. A partir de 2017, o design do logotipo *KitKat* iniciou um caminho de rejuvenescimento, fortalecendo sua presença e alinhando-se ao paladar moderno. Uma transformação notável foi a intensidade da cor vermelha, que se tornou mais profunda e escura. Este tom ousado de vermelho deu nova vitalidade ao emblema. Este breve histórico é ilustrado na FIGURA 2

FIGURA 2: Logomarcas *KitKat*



Fonte: SK&B LLC, 2023

A trajetória de diferenças nas escolhas e mudanças em relação à apresentação de *KitKat* revela o quanto os elementos de expressão marcária são publicizados com a “intenção de penetrar em nossos sentidos e causar sensações agradáveis e até afetivas que nos levem a uma aproximação” (PEREZ, 2016, p.65). A autora defende que uma marca existe em um espaço psicológico, na mente das pessoas, dos consumidores. Este espaço dinâmico, orgânico e flexível é definido como entidade perceptual. A publicidade é o meio que “permite ter acesso às pessoas, criar o “estoque” perceptual de imagens, símbolos e sensações que passam a definir a entidade perceptual que chamamos marca” (2016, p.66). Dentro desse espaço perceptual da marca é possível criar mundos imaginários que, através de ferramentas e estratégias do ecossistema publicitário, ficam associados ao produto e que finalmente passam a definir a marca.

5B. *KitKat* e Morfologia

A morfologia, segundo Amaral (2003), é a parte da gramática que se dedica ao estudo e análise da palavra sob o ponto de vista de sua forma. Trata da estrutura e dos processos de flexão, classificação e formação das palavras. Seu objeto de estudo é a formação das palavras e a análise da sua estrutura interna.

A morfologia pode ser estudada em uma perspectiva de construção de significados. Para Azeredo (2002), o processo de criação de lexemas e locuções referentes a marcas industriais ou artigos comerciais, denominado oneonímia, pode ser orientado semanticamente. Segundo o autor, lexemas podem ser criados como palavras compostas ou derivadas, guardando, dessa maneira, uma relação morfossemântica entre o nome ou marca do produto e suas aplicações ou na área de atividade. Considerando a marca estudada neste contexto, *KitKat* faz duas referências: a primeira seria a Kit-Cat Club, um clube literário da cidade de Londres fundado em 1690, onde eram expostos quadros retangulares e largos, conhecidos como “Kit Kats”; a segunda referência seria derivada dos sons iniciais do nome do proprietário desse clube, Christopher Catling.

No artigo “Morfochocologia: os processos de formação dos nomes de achocolatados em pó”, Silva (2010) nos apresenta um estudo relacionando morfologia e nomes de achocolatados utilizando, para isso, aprofundado referencial teórico que conduziu a presente análise para uma visão detalhada do termo *KitKat*. Segundo a autora, existem diferentes tipos de processos de formação de palavras. Os principais são a derivação e composição (AZEREDO, 2002). Além

ECO-REBEL

disso, Flôres e Vernes (2004) apresentam uma abordagem funcionalista da formação de palavras considerando contexto de uso e significado. A perspectiva funcionalista da linguística propõe uma explicação da língua baseada em escolhas relacionadas às diferentes expressões disponíveis no sistema linguístico (paradigmas próprios de cada língua). Conforme essa abordagem, as escolhas feitas são influenciadas, principalmente, pela situação de uso da língua, a pragmática, seguida pela sintaxe e, por último, pela semântica. Para as autoras, a língua é concebida como uma rede de relações e as estruturas presentes nessa rede são vistas como formas de interpretar tais relações. Assim, as relações entre semântica e gramática não são fixadas previamente, mas interpretativas. Além dos processos de formação de palavras através de derivação e composição, o funcionalismo linguístico identifica outros processos como reduplicação, onomatopeia, ampliação de significado, abreviação (truncação e cruzamento vocabular), uso de palavras estrangeiras e criação de neologismos.

O cruzamento vocabular, também conhecido como amálgama lexical, é um tipo de composição em que dois ou mais lexemas são combinados de forma arbitrária e inesperada. Nesse processo, duas bases (ou apenas uma delas) são reduzidas, resultando em um novo item lexical (FLÔRES E VERNES, 2004). Um exemplo é "brasiguai", formado pela fusão de "brasileiro" e "paraguaio". (SILVA, 2010).

Outro processo de formação de palavras é o estrangeirismo. O contato entre pessoas de diferentes culturas e línguas, através das palavras, resulta em uma maior troca de influências culturais produzindo efeitos de novidade e interesse. Uma cultura costuma ser a doadora, e a outra, a incorporadora mais frequente. A assimilação de palavras estrangeiras acontece como parte de um processo de assimilação que não é apenas linguístico, mas cultural (FLÔRES & VERNES, 2004).

A respeito da denominação *KitKat* podem ser identificados processos de derivação, composição, cruzamento vocabular, estrangeirismo e extensão de sentido. Estes três últimos são estudados a partir da perspectiva funcionalista.

Em português, o termo *KitKat*, "Kit" é um substantivo que denota um conjunto de itens ou ferramentas reunidos em uma unidade para uma finalidade específica. É uma palavra de origem inglesa. "Kat" é uma palavra que pode ser uma variante ortográfica de "cat", que em inglês significa "gato", ou uma abreviação informal para "kitten", que também significa "gatinho".

ECO-REBEL

Assim, "*KitKat*", em processo de composição, é uma denominação formada pela junção de dois lexemas, sendo "Kit" o primeiro elemento e "Kat" o segundo elemento.

Na língua japonesa, atualmente, são utilizados três tipos de grafia: *hiragana*, *katana* e *kanji*. Os três são necessários na escrita japonesa cada qual com diferentes formas de uso, propósitos e características. "Hiragana e katakana são símbolos fonéticos que representam sílabas, enquanto os kanji são ideogramas que têm seu próprio significado." (NHK WORLD JAPAN, 2019, n.p.). O hiragana é utilizado para palavras gramaticais e desinências flexionais próprias da língua japonesa; o katakana para termos estrangeiros e o kanji para registrar palavras com conteúdo semântico (SUZUKI, MUKAI, 2016). Assim, na língua japonesa, por se tratar de uma palavra estrangeira, o termo *KitKat*, é escrito em katakana.

O cruzamento vocabular é identificado em Kit e Kat através da junção de lexemas para a utilização comercial do produto. O termo resultante desta junção origina o termo *KitKat*, muda a grafia e mantém o som e pode se referir aos quadros retangulares e largos, conhecidos como "Kit Kats". Esse fenômeno é um recurso utilizado na função poética da linguagem, frequentemente com o objetivo de expressar algo de maneira particular e circunstancial. Ele pode ser encontrado em diversos contextos, como na literatura, em discursos humorísticos ou satíricos, e em peças publicitárias (AZEREDO, 2002). Identifica-se ainda a combinação inesperada dos dois lexemas no cruzamento vocabular que podem se referir a Christopher Catling.

Considerando o nome da marca proveniente do inglês, o estrangeirismo acontece no contexto brasileiro e no japonês, podendo, através dos idiomas português brasileiro e japonês, serem considerados, neste caso, como culturas incorporadoras, e a língua inglesa representante da cultura doadora.

Na obra "Análise de textos de comunicação", Maingueneau (2005) discorre sobre as implicações dos nomes atribuídos a marcas e produtos. Para o autor, os nomes de marcas somente adquirem sentido ao serem relacionados a dois outros tipos de denominações, situadas em planos distintos: a "denominação da categoria de produto" e a "denominação do produto". Os nomes das categorias seriam os nomes considerados comuns no que se refere a classes como por exemplo leite, massa, arroz, suco, panela, televisão, celular etc. Eventualmente, o nome de uma marca pode se transformar em nome de categoria, como em Maisena (produto)/Maizena (marca) e Leite Moça.

Os nomes dos produtos, segundo a classificação, utilizam nomes próprios que se distinguem dos nomes de seres humanos, por designar não uma individualidade, mas um número

ECO-REBEL

ilimitado de mercadorias idênticas, como acontece com diferentes categorias de chocolates: Sonho de Valsa, *Suflair* etc.

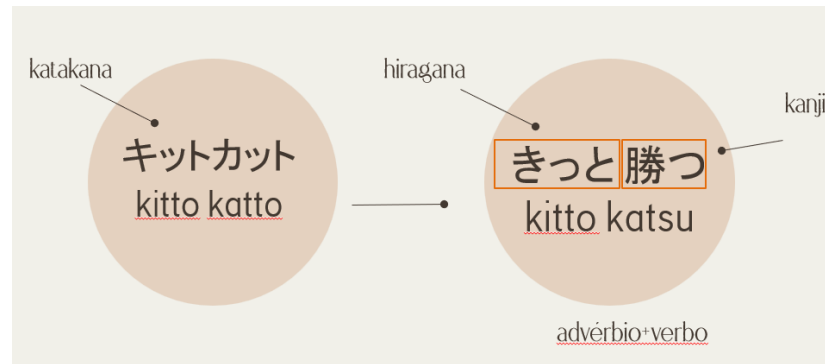
Quando se introduz um produto no mercado, deve-se levar em conta o fato de os consumidores já possuírem uma grade de categorias, as quais correspondem a usos reconhecidos. Para Maingueneau (2005), existem nomes de marca que procuram ressaltar as características dos produtos. Essas designações dividem-se em dois conjuntos:

- as designações neológicas são as que fazem circular novos nomes, podendo se construir de várias maneiras e explora o imaginário. Como exemplo, podemos citar o termo estudado aqui, *KitKat*, ou ainda outros nomes de chocolates, como *Twix*;

- as designações desviadas, que exploram os valores semânticos de unidades já em circulação, quer se trate de nomes próprios ou de palavras da língua, por exemplo, termos relacionados a chocolates como as palavras “garoto” e “batom”, a primeira seria uma palavra existente no português e a segunda, proveniente do francês, que recebem outra conotação quando se referem à marca *Garoto* e *Baton*, esta segunda mantém a pronúncia com uma diferença de grafia.

Em uma análise na perspectiva da morfologia da língua portuguesa do termo *KitKat* em língua japonesa, podem ser identificadas a extensão de sentidos e as designações tanto neológica quanto desviada conforme proposto por Maingueneau (2005). No lançamento do produto, o termo estrangeiro gera um efeito surpresa ao utilizar um termo que não existia em japonês que é pronunciada como “kittokatto”. Na grafia, o “t” duplicado se refere a um processo fonético denominado “germinação”, o *sokuon*, resulta em um som cortado ou uma leve pausa, quando se pronuncia uma palavra do japonês. Após a circulação deste novo nome na cultura japonesa, o mesmo termo, motivado pela semelhança com outros termos da língua, explora o imaginário apresentando um desvio de pronúncia de “kittokatto” para “kittokatsu”. A troca de um sinal gráfico “t” por “s” muda o significado do termo caracterizando o processo de extensão de sentido. Na escrita “kittokatto” é grafado em katakana por se referir a uma palavra estrangeira: O termo “kittokatsu” é redigido com hiragana e kanji resultando em: きっと勝つ. Este segundo se refere a uma expressão formada de duas palavras: “kitto” que pode ser traduzido como “certamente, com certeza” e “katsu” que pode ser traduzido como o infinitivo do verbo vencer. A expressão une um advérbio e um verbo resultando em uma expressão próxima ao português: “a vitória é certa”, “com certeza vencerá” ou “boa sorte”, conforme ilustrado na FIGURA 3:

FIGURA 3: O termo *KitKat* em japonês



Fonte: A autora (2023)

A respeito de *KitKat*, a denominação categoriza um produto pois designa uma categoria de produtos idênticos e constitui uma designação neológica por apresentar uma nova nomenclatura explorando o imaginário do consumidor Maingueneau (2005).

5C. *KitKat*: Visão Ecológica de Mundo (VEM) e Representação Mental

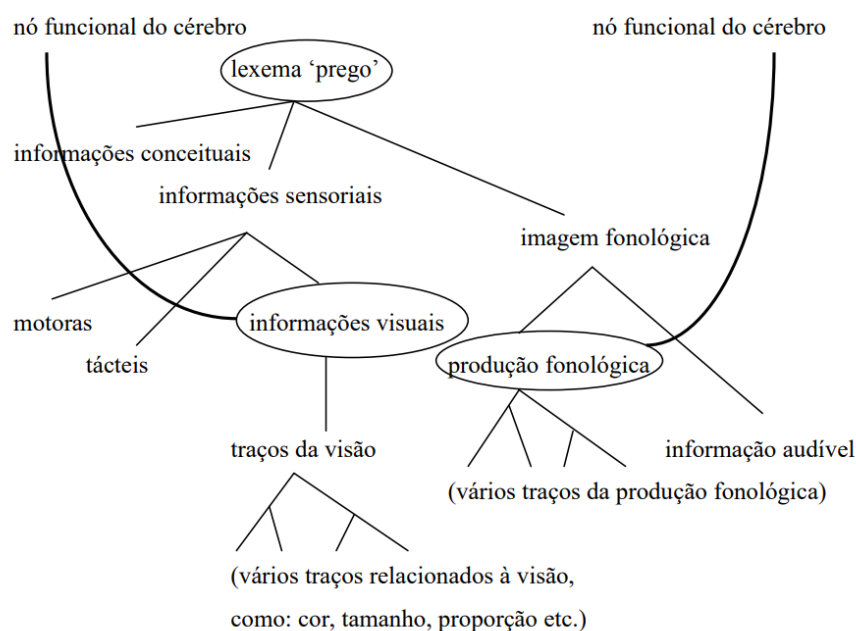
Partindo de uma postura holística, a visão ecológica de mundo (COUTO, 2018) possibilita a investigação mediante uma aproximação do foco e, em seguida, retornando à posição englobante para avaliar os resultados. Após um olhar mais detalhado da marca *KitKat* na perspectiva da Publicidade (seção A) e da Morfologia (seção B), partimos para uma visão macroscópica (seção C) para entendimento das construções de sentidos possíveis na perspectiva ecossistêmica. A visão ecológica de mundo permite considerar a possibilidade de criações imaginárias diversas a partir da mesma marca. Adotamos, para isso, uma perspectiva englobante para avaliar resultados segundo estudos acerca da representação mental de lexemas conforme proposto por Albuquerque (2014, 2018)

Um lexema, do grego *lexis*, "vocábulo", pode ser definido como unidade linguística que combina a forma (gráfica ou fonética) e o significado, o qual não é divisível em unidades menores (PORTO EDITORA, sd). Os lexemas podem ser processados mentalmente como uma rede que envolve variadas relações entre o meio ambiente, o indivíduo, a língua, formação de conceitos, experiências psicológicas. Assim, a análise abarca informações motoras, tácteis, visuais e conceituais (ALBUQUERQUE, 2018).

Albuquerque (2014, 2018) propõe uma análise do ecossistema mental da língua através da representação mental de lexemas. O autor exemplifica sua análise através do lexema “prego”,

entretanto, reforça que a análise pode ser expandida para qualquer lexema da língua” (ALBUQUERQUE, 2014, p. 218). O autor ilustra os variados processos que ocorrem no ecossistema mental do falante conforme a figura 4.

FIGURA 4: Representação mental do lexema prego



Fonte: Albuquerque (2018)

Na figura 4, as setas representam as direções dos processos do ecossistema mental. Estes processos estão relacionados com o ecossistema natural por algo que o autor denominou nós do cérebro. Na figura, há o nó de informação sensorial ou o nó de produção fonológica. Segundo Albuquerque (2014, 2018), a informação sensorial pode ser qualquer estímulo (motor, táctil e/ou visual) que o ecossistema natural pode enviar ao cérebro. A produção fonológica pode ser a produção dos sons da fala, audição de diferentes sons, como o processamento dos sons existentes no meio ambiente. O léxico e a semântica são formados a partir desses dois ecossistemas. Assim, dentro deste raciocínio, existe a possibilidade de duas interações com o ecossistema natural, por meio de informações visuais ou informações audíveis.

Na informação visual, o indivíduo recebe a informação visual do ecossistema natural e, através de sua experiência com o meio ambiente, faz associações mentais entre as diferentes informações sensoriais. Quando o elemento do ecossistema natural encontra relevância no

ECO-REBEL

ecossistema social, é nomeado o ‘lexema’ por meio da produção fonológica. “Os processos mentais percorrem o caminho ‘traços da visão’ > ‘informações sensoriais’ > ‘informações motoras e tácteis’ > ‘lexema’ > ‘produção fonológica’ > ‘nó cerebral’.” (ALBUQUERQUE, 2018, p. 138)

Na informação audível, o indivíduo interage através de uma informação audível com o ecossistema natural. Caso esta informação audível seja importante no processo de adaptação ao meio ambiente, o indivíduo a nomeia e associa aos demais tipos de informações conceituais e/ou sensoriais.

Desta

forma:

O caminho percorrido será o inverso ao processo anterior: ‘informação audível’ ou ‘produção fonológica’ > ‘imagem fonológica’ > ‘lexema’ > ‘informações conceituais e sensoriais’ > ‘informações motoras e tácteis’ > ‘informações visuais’ > ‘nó cerebral.’ (ALBUQUERQUE, 2018, p. 138)

Assim, os lexemas são processados na mente como uma rede que envolve relações entre o meio ambiente, o indivíduo, a língua, formação de conceitos, experiências psicológicas etc. Um lexema pode ser processado por suas informações conceituais e sensoriais, motoras, tácteis e visuais, permitindo que o indivíduo associe a produção fonológica a variadas informações. Desta maneira, para acionar o significado de um lexema, o indivíduo necessita relacionar as informações mentais que possui a respeito. Tais informações, sejam motoras, tácteis, visuais e/ou conceituais, estão localizadas em diferentes regiões do cérebro humano (LAMB, 1999). Desta forma, o processamento de cada lexema da língua acontece como a construção de uma teia que se espalha e conecta diferentes partes do cérebro do indivíduo, “já que os quatro tipos diferentes de informação precisam estar inter-relacionados para ser alcançado seu processamento” (ALBUQUERQUE, 2018, p. 142). Conforme o indivíduo, o meio ambiente ou lexema analisado, o papel de um dos tipos de informações torna-se um diferencial importante na construção do significado.

Perez pontua que “diferentes questões relacionadas a sabor, aroma, textura, sons etc. também formam impressões em nossa memória, porque são responsáveis por associações mentais que colaboram para a construção de sentido” (2016, p.65). A formação de conceitos sógnicos como entidades perceptuais na acepção de Perez (2016) se alinha à representação mental das informações e da produção fonológica. O processo mental de produção de sentido é semelhante em ambos os casos, independente de se tratar de um lexema, palavra, termo ou mesmo marca. Assim, neste

ECO-REBEL

estudo, utilizamos a marca *KitKat* em posição de lexema na representação mental. Neste contexto, *KitKat* pode realizar diferentes associações mentais, como:

- Motoras: através de diferentes pontos de distribuição e venda de seus produtos. Em 2014, em Tóquio, conforme FIGURA 5, foi inaugurada uma loja conceitual do produto oferecendo sabores exclusivos assinados por *chefs* reconhecidos com a venda de produtos de diversos sabores com embalagens refinadas.

FIGURA 5: Chocolatory *KitKat*, 2014



Fonte: Baggett (2020)

O nome “Chocolatory” une as palavras *chocolate* e *factory*, traduzidos como chocolate e fábrica em português, ou seja, uma fábrica de chocolates diferenciados e exclusivos. Atualmente, é possível, aos visitantes, preparar seu próprio *KitKat*. A loja, neste caso, passa a oferecer uma experiência de consumo do produto que se alia à representação da entidade marcária.

FIGURA 6: *KitKat* Factory



Fonte: Baggett (2020)

ECO-REBEL

- Tácteis: há diferentes tipos de embalagens que servem como caixas de presentes, oferecendo, também uma experiência diferenciada ao consumidor conforme FIGURA 7.

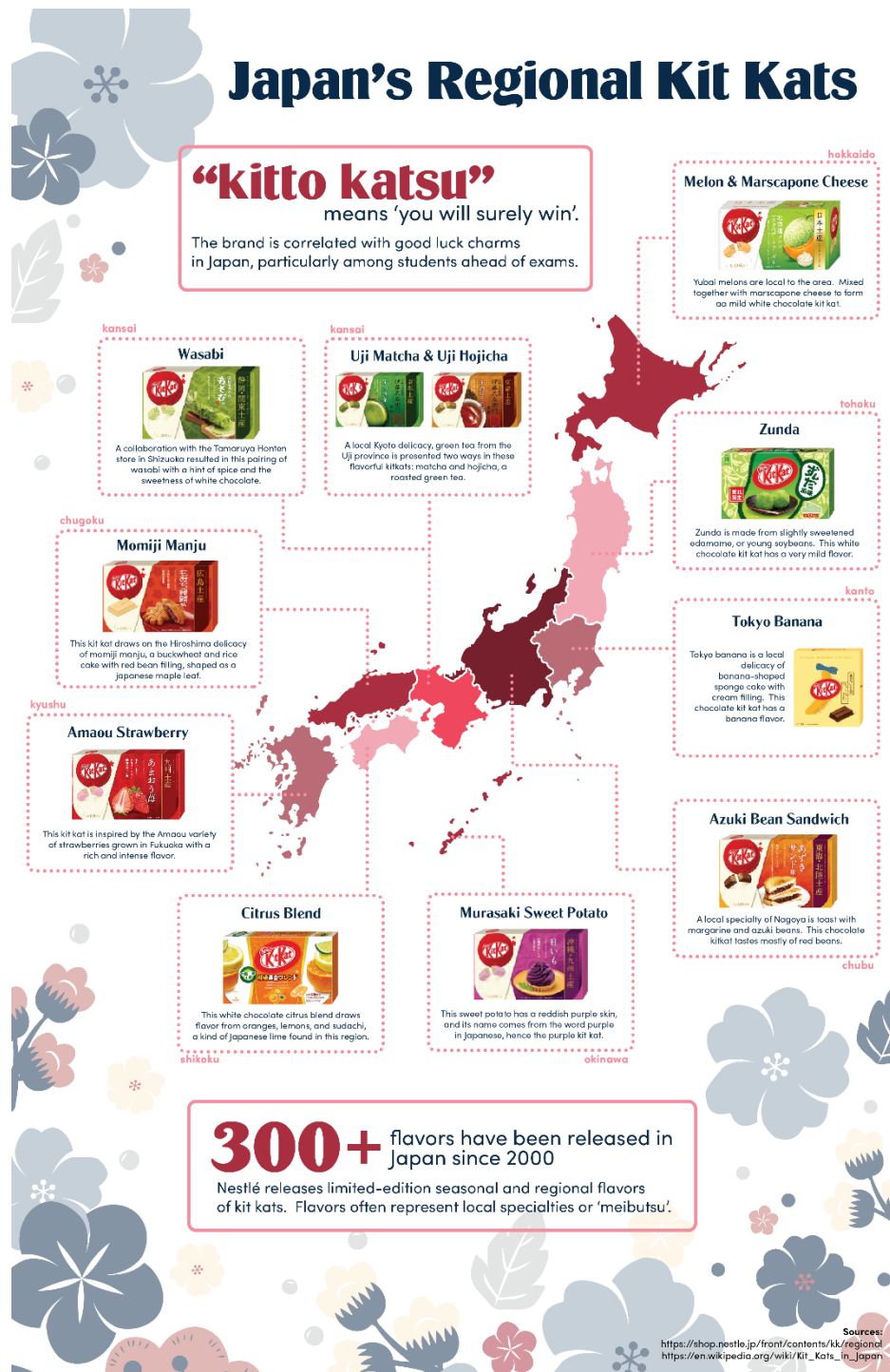
FIGURA 7: *KitKat* presentes



Fonte: Bokksu (2021)

- Visuais: há diferentes versões do produto em tamanho miniatura ou padrão, cores diferenciadas, com mais de 300 sabores conforme ilustrado na FIGURA 8.

FIGURA 8: KitKat, sabores regionais do Japão



Fonte: Best with Chocolate (2020)

- Conceituais: a aproximação com o termo *kitto katsu*, que pode ser entendido como “Boa sorte”, permite relações categoriais, socioculturais e psicológicas com os produtos. Os

ECO-REBEL

KitKats são frequentemente dados aos alunos que fazem exames como amuletos da sorte. Ações mercadológicas a partir disso, impactaram cultural e socialmente. A Nestlé aproveitou esta oportunidade criando espaços na embalagem para que as pessoas pudessem escrever mensagens como nos produtos apresentados na FIGURA 9.

FIGURA 9: Kitto Katsu, "Boa sorte"



Fonte: Best with Chocolate (2020)

O efeito dessa construção de sentidos em relação ao nome *KitKat* pode ser analisado com o impacto do produto no mercado brasileiro e japonês. No Japão, segundo a Nestlé, foi o chocolate mais vendido no país entre 2012 e 2014. No Brasil, foi retirado do mercado sendo relançado em 2011 com forte estratégia publicitária para maior alcance no segmento (VEJA, 2011). Em 2023, nove anos após a inauguração da “Chocolatory” em Tóquio, acontece a abertura da primeira loja *KitKat* do Brasil, em São Paulo (NESTLÉ, 2024). A diferença nas redes de relações informacionais motoras, tácteis, visuais e conceituais construídas acerca da marca nos diferentes contextos pode ajudar a explicar as formas distintas de aceitação do produto nos mercados.

6. Considerações finais

A análise realizada enfatizou o elemento mental existente na Ecolinguística, principalmente na Linguística Ecolinguística, em que o ecossistema mental da língua possui um espaço de destaque, nesta teoria e nas análises conduzidas. Assim, com objetivo de não se limitar apenas à teoria, foi elaborada uma análise de como ocorre o processamento mental de *KitKat* em posição de lexema de representação mental. Concluímos que, considerando tais elementos, o processamento de *KitKat* em posição do lexema em japonês é diferente da construção significativa em português por conta das relações de informações mentais variadas em cada língua.

Através do estudo dos autores citados, é possível perceber que o processamento dos elementos linguísticos ocorre por meio das inter-relações de vários tipos de informações motoras, tácteis, visuais e conceituais que se localizam em diferentes partes do cérebro, e estas informações acabam por se conectar também a uma imagem fonológica. Isto revela que os processos mentais podem ter início na própria mente em direção ao meio ambiente, ou ter início com estímulos do meio ambiente que partem em direção à mente, sendo reconhecidos por ela (ALBURQUERQUE, 2014, 2018). Dados analisados em dimensões micro e macroscópica permitem concluir que a mesma marca, em contextos diferentes, realiza construções, gera percepções e aciona imaginários diversos. Morfologicamente, a mesma formação, em línguas diferentes, gera sentidos diversos.

Na perspectiva da criação publicitária, é possível dizer que conhecer o processo da focalização com visões micro e macroscópica (COUTO, 2018), apoiada em diferentes disciplinas, possibilita o exercício da criatividade. Da mesma maneira, conhecer Ecolinguística e visão ecológica de mundo pode contribuir no processo criativo para a construção de marcas.

Esta análise almejava estabelecer algumas aproximações teóricas entre a Ecolinguística e a Publicidade. Há poucos estudos relacionando as duas áreas que possuem variados espaços em intersecção. Algumas questões podem ser bastante interessantes como a condução da percepção de marcas pela publicidade; as construções linguísticas e os processos de criação de marcas e nomes de marcas; as diferentes relações sociais e culturais na construção de sentidos etc. O estudo dos temas pode contribuir para as pesquisas na área, para um aprofundamento teórico e, especialmente, para uma visão holística do processo de criação, planejamento e definição de estratégias para a comunicação publicitária.

Referências

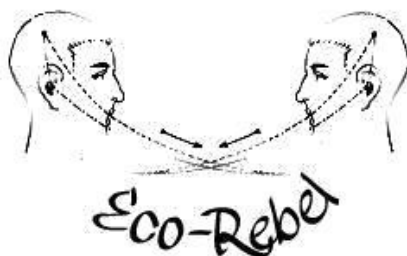
- ALBUQUERQUE, Davi B.; A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística. 2014. xiv, 362 f., il. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- ALBUQUERQUE, Davi B. *Ensaio de ecolinguística teórica e aplicada*. Brasília: ANS editor, 2018.
- BAGGETT, Aaron. Gaijin Pot Blog. Make Your Own Kit Kat at Miyashita Park's Kit Kat Chocolatory. 02/10/2020. <https://blog.gaijinpot.com/make-your-own-kitkat-at-miyashita-parks-kitkat-chocolatory/>. (acesso: 27/02/2024)
- BEST WITH CHOCOLATE. Japan's Regional Kit Kats, 1/08/2020. <https://bestwithchocolate.com/japanese-regional-kitkats/> (acesso: 27/02/2024)
- BOKKSU. Why Are Kit Kats So Popular in Japan? 12/02/2021 <https://www.bokksu.com/blogs/news/why-are-kit-kats-so-popular-in-japan> (acesso: 27/11/23)
- COUTO, Hildo H. *Ecolinguística*. Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. A metodologia na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018.
- _____. Linguística ecossistêmica. 2012. <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2012/06/linguisticaecossistemica.html>. (acesso: 26/06/12)
- _____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.
- COUTO, Elza. K. N. N do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- _____. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013.
- HAUGEN, Einar. *The Ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- LAMB, Sydney. *Pathways of the Brain: The Neurocognitive Basis of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- COUTO, Elza. K. N. N do.; DA FONSECA FERNANDES, Eliane Marquez. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática*. 2021.
- PEREZ, Clotilde. *Signos da marca: expressividade e sensorialidade*. Minha Biblioteca, (2nd edição). Cengage Learning Brasil, 2016.
- Porto Editora – lexema no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-11-23 22:01:24]. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lexema>
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*; trad. Cecília P. de Souza e Silva, Decio Rocha. SP, 2005.
- SCHIFFMAN, Harvey R. *Sensação e Percepção*, 5ª edição. Minha Biblioteca, Grupo GEN, 2005.
- SILVA, G. C. Morfochocologia: os processos de formação dos nomes de achocolatados em pó. *Revista Ideias (UFSM)*, v. 26, p. 15, 2010.
- SK&B LLC. Kit Kat Logo. 8 de junho, 2022. <https://logosmarcas.net/kit-kat-logo/> (acesso: 27/11/23)
- EFX Importação. História das nossas marcas: *KitKat*. 13 de abril de 2023 <https://www.linkedin.com/pulse/hist%C3%B3ria-das-nossas-marcas-kitkat-efx-importacao/?originalSubdomain=pt> (acesso: 27/11/23)

ECO-REBEL

- KitKat* *Japan*. <https://kitkatjapan.com/blogs/news/kit-kat-popular-japan#:~:text=Kit%20Kat%20was%20first%20introduced,began%20to%20soar%20in%20Japan>. (acesso: 27/11/23)
- NHK WORLD JAPAN. Curso de Japonês. Caracteres Japoneses, 2019. <https://www.nhk.or.jp/lesson/pt/letters/hiragana.html#:~:text=Hiragana%20e%20katakana%20s%C3%A3o%20s%C3%ADmbolos,Para%20estudar%20mais%2C%20clique%20aqui.&text=O%20%22Curso%20de%20Japon%C3%AAs%22%20est%C3%A1,e%20no%20nosso%20aplicativ%20gratuito>. (acesso: 17/11/23)
- NESTLE. KITKAT inaugura segunda loja em São Paulo, no Shopping Pátio Paulista, 16/02/2023. <https://www.nestle.com.br/media/pressreleases/allpressreleases/kitkat-inaugura-segunda-loja-em-sao-paulo-no-shopping-patio-paulista> (acesso 27/02/24)
- VEJA. Nestlé vai relançar o Kit Kat no Brasil, 14 jun 2011. <https://veja.abril.com.br/economia/nestle-vai-relancar-o-kit-kat-no-brasil> <https://veja.abril.com.br/economia/nestle-vai-relancar-o-kit-kat-no-brasil> (acesso: 27/02/2024)
- YŪKI, Mukai; TAE, Suzuki. *Gramática da língua japonesa para falantes do português*. 2016. Campinas: Pontes, 2016.

Aceito em 26 de abril de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.



O AGRO É POP, O AGRO-É-TÓXICO: ANÁLISE ECODISCURSIVA DA CAMPANHA PUBLICITÁRIA O “AGRO É TUDO”

Samuel de Sousa Silva (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

Abstract: In this essay I will analyze the ecosystemic relationships between the economic operations established by large agricultural conglomerates and their media discourses conveyed by the Roberto Marinho Foundation. The data will be some advertising pieces broadcast on TV Globo with the slogan: “Agro is Pop, Agro is Tech, Agro is Everything” and its reverberations through some memes broadcast on social networks in which agribusiness is defended, suggesting that it is responsible producing the food that reaches the tables of the Brazilian people. I will seek to highlight the silences in relation to the concrete operations of agribusiness in its advertising campaigns, using for this purpose French discourse analysis through its concepts of said/unsaid and language equivocation, and with the help of Ecosystemic Discourse Analysis demonstrate the non-correspondence of the practices and structuring model of agribusiness to an Ecological World View (EWV), as well as a mismatch between an advertising discourse that presents agribusiness as a sustainable activity and its practices production focused on the market of commodities.

Key-words: Ecosystemic relationships; Ecological productive practices; Discursive silencing.

Resumo: Neste trabalho analisaremos as relações ecossistêmicas entre as operações econômicas estabelecidas pelos grandes conglomerados agropecuários e os seus discursos midiáticos veiculados pela fundação Roberto Marinho. O material de análise serão algumas peças publicitárias veiculadas na TV Globo com o *slogan*: “O Agro é Pop, O Agro é Tech, O Agro é Tudo” e suas reverberações por meio de alguns memes veiculados nas redes sociais em que se defende o agronegócio demonstrando-o como o responsável por produzir os alimentos que chegam

ECO-REBEL

nas mesas do povo brasileiro. Nessa análise procuraremos evidenciar os silenciamentos em relação às operações concretas do agronegócio nas suas campanhas publicitárias, utilizando para esse fim a Análise do discurso de linha francesa por meio dos seus conceitos de dito/não dito e equívoco da língua. E a partir da Análise do discurso ecossistêmica demonstrar a não correspondência das práticas e do modelo estruturante do agronegócio a uma Visão de Mundo Ecológica (VEM), assim como um descompasso entre um discurso publicitário que apresenta o agronegócio como uma atividade sustentável e as suas práticas produtivas voltadas para o mercado de *commodities*.

Palavras-chave: Relações Ecológicas. Práticas produtivas ecológicas. Silenciamento discursivo.

Introdução

Nesse artigo pretendemos analisar o discurso publicitário de promoção do agronegócio como grande indústria de produção de riqueza no Brasil, tendo como *corpus* de análise o *slogan* da série de peças publicitárias da fundação Roberto Marinho “Agro: A indústria – riqueza do Brasil” de 2016 até o presente. As duas principais peças publicitárias na televisão aberta de divulgação das operações do agronegócio são as peças *Sou agro*, e *Agro: a indústria riqueza do Brasil*.

A peça *Sou agro* foi elaborada em 2011 pela agência Nova/SB sob encomenda da Fiesp, da Bunge e da União da Indústria de Cana-de-Açúcar e sob o financiamento de um grupo amplo de empresas, indústrias e cooperativas ligadas ao núcleo do agronegócio, e objetivava apoiar o *lobby* operado por esse conglomerado do agronegócios enfraquecendo os instrumentos de proteção ambiental do Código Florestal, conforme apontou Bruno (2014). Já a peça *Agro: a indústria riqueza do Brasil* começou sua circulação em rede nacional no ano de 2016, na Rede Globo – empresa associada à Abag (Associação Brasileira do Agronegócio, 2019) –, como estratégia de negócio no ramo publicitário. Seus patrocinadores são a Ford e a JBS (Agro..., 2019; Schmidt, 2017). Desde então, essa campanha da Globo tem operado para dar sustentação ideológica à intensificação do pacto de economia política do agronegócio nos governos Temer e Bolsonaro. Valendo lembrar também que várias entidades ligadas ao agronegócios, CNA, FAEG, Sistema

ECO-REBEL

Famasul, Fiems, Fecomércio, Faems e OAB/MS fizeram campanha pelo impeachment da então presidente eleita Dilma Rousseff, conforme comunicado publicado no *site* <https://www.sna.agr.br/entidades-do-agro-sao-favoraveis-ao-impeachment-da-presidente-dilma-rousseff/>, em 06/04/2016, *site* da Sociedade Nacional da Agricultura com sede no Rio de Janeiro. A campanha publicitária da rede Globo começou a ser veiculada logo após o *impeachment* ser concretizado em 2016, como forma de garantir apoio nacional a um dos principais grupos apoiadores ao golpe de estado executado nesse ano.

Sendo assim, iremos focar nossa análise na peça publicitária da Rede Globo; *Agro a indústria riqueza do Brasil*, na qual procuraremos vislumbrar o texto de análise dois princípios norteadores de uma análise a partir da perspectiva da Análise do Discurso Ecológica e do princípio discursivo que fundamentado na Análise do Discurso de linha francesa, que procura verificar a inscrição histórica e material do discurso e o princípio ecológico que, conforme Silva (2022),

“significa estar sempre verificando no seu objeto dois princípios constituintes: suas inter-relações e sua relação com a totalidade, pois o ecossistema é antes de tudo um sistema de inter-relações de indivíduos entre si e desses indivíduos com algum princípio de totalidade” (A César o que é de Deus: Análise Discursiva Ecológica do slogan publicitário-político: “Brasil acima de Tudo, Deus acima de Todos”, *Boletim do GEPEL*, n. 10, 2022, disponível em: <http://www.ecoling.unb.br>)

Com esse intuito, iremos focar a análise no enunciado “Agro, a indústria riqueza do Brasil” e, a partir do princípio discursivo, reconstruiremos o discurso desse enunciado, nos seus entremeios interdiscursivos, e assim faremos a análise do discurso do Agro.

Esse enunciado ao ser parafraseado, de forma a ficar mais claras as suas afirmações, poderia ficar assim; *o agronegócios é a principal indústria de produção de riquezas do Brasil*. A partir dessa paráfrase podemos extrair as duas afirmações feitas nesse enunciado; 1) o agronegócio é a principal indústria do Brasil e 2) o agronegócio é o principal produtor de riquezas do Brasil.

1. Agro, o simulacro de indústria do Brasil.

Conforme a primeira afirmação do enunciado analisado, o agronegócio é a principal indústria do Brasil, essa afirmação por si só já é uma reivindicação, pois tradicionalmente haveria essa repartição entre produtos industrializados e produtos advindos do campo, seja da produção agrícola ou pecuária. Então a primeira pergunta a ser feita é o porquê dessa reivindicação.

Sendo assim, partindo do princípio da inscrição histórica desse enunciado, segundo as elaborações de Wallerstein (2000) a principal característica da economia-mundo capitalista é a divisão internacional do trabalho em expansão, impulsionada pelo objetivo de vender a produção nos mercados mundiais, sempre visando a maximizar lucros. À medida que as diferentes regiões são incorporadas aos mercados mundiais, diferentes modos de produção são desenvolvidos em atividades especializadas conforme a distribuição local de recursos humanos e naturais, para melhor adequá-las às demandas da economia-mundo capitalista, em uma forte tendência à especialização regional. Assim teria se originado uma estrutura de regiões desigualmente poderosas que determinou um processo de acumulação no núcleo e um ciclo de atraso na periferia. Isto teria incentivado “trocas desiguais” entre Estados fortes (“núcleo”) e áreas fracas (“periferia”), o que acarreta uma apropriação do excedente da economia-mundo inteira por certas regiões que formavam seu “núcleo”.

Nesse ínterim, essa divisão internacional das economias de cada país no mercado global geralmente se dá entre os núcleos de cada região (geralmente o país mais industrializado daquela região) e a periferia (geralmente países exportadores de *commodities*, ou seja, cuja principal atividade é a agropecuária). Essa divisão se repete em um cenário ainda mais global; um ou dois núcleos em todo o planeta; EUA e China por exemplo, os países mais industrializados do planeta, e a imensa periferia subdividida em periferia intermediária e a grande periferia; geralmente países exportadores de matéria prima, *commodities*, para os grandes centros (WALLERSTEIN, 2000).

Portanto, pressupondo que essa análise da economia global citada acima esteja correta, qualquer país que queira arrogar para si um protagonismo no cenário econômico mundial deve

ECO-REBEL

automaticamente ter uma economia mais voltada para a produção industrial do que para a exportação de *commodities*.

Sendo assim, ao arrogar para si essa classificação como indústria, o objetivo do agronegócio brasileiro é já de antemão rechaçar qualquer crítica que surja aos governos do país em privilegiar o agronegócio ao invés de estimular a produção industrial brasileira. Pois partindo da constituição histórica das relações econômicas brasileiras, o movimento progressista brasileiro, que pretendia fazer do Brasil um país moderno, tinha como uma das suas principais metas a industrialização do Brasil.

Ao retomarmos essa construção histórica do movimento progressista brasileiro, temos como um dos seus marcos históricos fundamentais a participação de alguns intelectuais brasileiro como Monteiro Lobato, que em 1914 publicou um artigo no jornal o *Estado de São Paulo* intitulado “Velha praga”. Artigo no qual o autor – fazendeiro interiorano de São Paulo, da cidade de Taubaté – atribui ao caboclo a culpa pelo atraso do Brasil e a não entrada do país na era moderna, caracterizando o trabalhador do campo como um sujeito preguiçoso e vagabundo e que, portanto, era o principal responsável pela pouca produtividade do Brasil (PARK, 1999, p. 144). O artigo de Lobato veio bem ao encontro do que também pensava a elite brasileira e que passou a apoiar e financiar as suas publicações. A figura do jeca generalizou-se no imaginário social como a caracterização do homem do campo, devida a sua grande divulgação por meio do *Almanaque biotônico Fontoura*, concebido e ilustrado por Monteiro Lobato e que circulou pelo Brasil da década de 30 até a década de 70 (PARK, 1999, p. 143).

A figura do jeca também se tornou o principal símbolo da política brasileira rumo ao progresso e modernização do país, pois representava o homem brasileiro que deveria deixar de existir para que surgisse o novo brasileiro. Essa política brasileira chamada pela história de processo civilizatório e, por áreas ligadas a medicina e a biologia, de higienização racial, tinham por lema saúde e educação e o objetivo de fato era de escancarar a diferença entre o “burguês

ECO-REBEL

desodorizado” e o “povo infecto”, a fim de exaltar o burguês desodorizado como o ideal do homem que a educação brasileira seria reproduzir (1999, p. 145). Para isso;

“Seria necessário tirar o cheiro da terra e dos excrementos que acompanha o habitante do campo, limpando e arejando suas residências, organizando os espaços, regularizando relações, abrindo caminho da casa do camponês até a casa do futuro operário” (PARK, 1999, p.145).

Nesse “processo civilizatório”, o homem do campo (caipira/jeca), assim como sua linguagem, passa a fazer parte da história de formação do povo brasileiro como aquele a ser aniquilado, um resíduo de tempos vergonhosos da história do Brasil que deve ser apagado.

Sendo assim, faz parte da história da modernização do Brasil um discurso que atrela o serviço no campo como sinônimo de atraso e a indústria como sinônimo de modernização. Esse discurso não só classifica o homem do campo como alguém atrasado como também procura inferiorizá-lo e humilhá-lo, para que o próprio homem do campo procure se desatrelar desse estereótipo do “jeca” ao se tornar o “operário” das fábricas e não mais o agricultor, ou tratador de gado.

Portanto, esse discurso do “Agro: a indústria ...”, tanto responde previamente aos questionamentos de que focarmos como nação no agronegócio é abrir mão de um protagonismo global, como ao mesmo tempo lida com essa carga discursiva da história do Brasil de atribuir ao homem do campo a responsabilidade pelo atraso do Brasil.

Porém, essa afirmação do Agro como indústria é um discurso simulacro, aquele que pretende ao assumir um lugar de verdade, tomar o lugar do real, um dito, um discurso, que é tomado pelos seus destinatários como o próprio real (BAUDRILLARD, 1991).

Conforme a definição mais básica de indústria, ela seria “o conjunto de atividades que visam a manipulação e transformação de matérias-primas em bens de consumo” (<https://dicionario.priberam.org/ind%C3%BAstria> [consultado em 23-02-2023]). Já o agronegócio

ECO-REBEL

brasileiro é praticamente um exportador de *commodities*, ou seja, ele não transforma a matéria-prima, mas geralmente a vende na sua forma bruta sem passar pelo processamento industrial.

Na lista dos dez produtos mais exportados pelo Brasil aparecem a soja em 1º lugar (no seu grão *in natura*), carne bovina em 5º, celulose em 6º, carne de aves em 7º, e em 8º aparece os farelos de soja e outros grãos que são minimamente processados, praticamente se mistura e mói alguns desses grãos, ou seja, os principais produtos de exportação do Brasil são produtos *in natura*, sem praticamente nenhum processamento industrial

(fonte: <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/exportacao-e-comercio-externo/#:~:text=Exporta%C3%A7%C3%B5es%20Brasil&text=Em%202020%2C%20as%20exporta%C3%A7%C3%B5es%20brasileiras,os%20exportadores%20mundiais%20de%20bens.>)

A contestação do Agro como indústria pode ser observada nos próprios discursos dos representantes do agronegócio quando querem exacerbar a relevância do agro para a economia brasileira, como podemos ver nesse discurso da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto (ABAGRP);

“O saldo da balança comercial do Brasil só é positivo graças ao agro. Em 2021 o superávit foi de 61,2 bilhões de dólares, mas o do agronegócio foi bem maior, 105,1 bilhões de dólares, porque os demais setores (indústria e serviços) foram deficitários em 43,8 bilhões de dólares” em: <https://www.abagrp.org.br/numeros-do-agro/#:~:text=Balan%C3%A7a%20comercial%20do%20Brasil&text=Em%202021%20o%20super%C3%A1vit%20foi,43%2C8%20bilh%C3%B5es%20de%20d%C3%B3lares>. Acessado em 23/02/2023.

Como podemos ver acima, as próprias cooperativas representantes do agronegócio contabilizam a sua produção de lucro em comparação e oposição à produção da indústria e do comércio, colocando, portanto, o agro e a indústria em categorias diferentes.

Da mesma forma, os representantes da indústria compartilham a mesma visão;

“Em 2020, as exportações brasileiras atingiram US\$ 209,921 bilhões e as importações, US\$ 158,926 bilhões. Hoje o Brasil é a 13ª maior economia global, mas ocupa a 25ª posição entre os exportadores mundiais de bens.” <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/exportacao-e->

ECO-REBEL

[comercio-
exterior/#:~:text=Exporta%C3%A7%C3%B5es%20Brasil&text=Em%20
2020%2C%20as%20exporta%C3%A7%C3%B5es%20brasileiras,os%20
exportadores%20mundiais%20de%20bens](#). Acessado em 23/02/2023),
ou seja; segundo os representantes da indústria o Brasil é o 13º maior exportador do mundo, mas
quando o *ranking* é dos maiores exportadores de bens industrializados o Brasil é o 25º, portanto,
a produção agropecuária brasileira não é contada como exportação de bens industrializados. Sendo
assim, é praticamente estabelecido entre os próprios protagonistas da produção econômica que
agronegócios não é indústria.

Sendo assim, o discurso do agro como indústria pode tranquilamente ser classificado como
um simulacro discursivo, uma tentativa de vender um discurso como substituto do real.

2. Agro: a riqueza para quem? do Brasil.

Apesar de o slogan promover o agronegócio como a principal produtora de riquezas do
Brasil, é interessante pensar que Brasil é esse para quem o Agro é um grande produtor de riquezas.

Na história recente do Brasil, apesar de a economia brasileira ter se constituído
principalmente por ciclos de exportação de matéria prima – primeiro a cana de açúcar, depois o
café e depois o ouro – essa denominação de agronegócio tem o seu grande marco na lei Kandir
promulgada no ano de 1996.

A Lei Kandir tinha como objetivo legal regulamentar a incidência de Imposto sobre
Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e Prestações de Serviços de Transporte
Interestadual, Intermunicipal e de Comunicação (ICMS), transformando-se posteriormente na Lei
Complementar 87/96, que por sua vez já passou por várias alterações por meio de outras leis
complementares. A lei tem este nome em virtude do seu autor, Antônio Kandir, à época ministro
do Planejamento do Governo Fernando Henrique Cardoso. A lei tinha como intuito estimular as
exportações, inclusive sendo utilizado em sua campanha o lema "Exportar é o que importa"
(Agencia Senado; em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/lei-kandir>).

ECO-REBEL

Uma das especificações da Lei Kandir é a isenção do pagamento de ICMS sobre as exportações de produtos primários e semielaborados ou serviços. Por conta disso, sempre houve várias reclamações sobre a lei por parte dos governadores de estados exportadores, que sempre vislumbraram a perda de arrecadação devido à isenção dos impostos nesses produtos.

Por causa disso, um adendo a essa lei é a compensação por essas perdas na arrecadação dos estados feita por parte do governo federal, com isso há uma espécie de desvio de receita de um setor para outro. A grosso modo, o governo federal paga aos estados o ICMS que deveria incidir sobre a produção do agronegócio, recursos esses que o governo federal poderia investir em educação, saúde, estradas etc. A Lei Kandir garantiu esses repasses aos estados dos valores perdidos com o intuito de compensá-los pelas perdas decorrentes da isenção de ICMS até 2003, no entanto, a partir de 2004, a Lei Complementar 115 alterou essa legislação, deixando de definir o valor, apesar de manter o direito de compensação. Sendo assim, os governadores necessitam negociar anualmente junto ao governo federal o montante a ser repassado, mediante recursos alocados no orçamento geral da União (Agência Senado; em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/lei-kandir>).

A Lei Kandir, ao conceder isenção do ICMS às exportações de produtos primários e semielaborados, significou grosso modo que empresas como a JBS e a Vale paguem menos ICMS nos bilhões de reais que exportam do que os cidadãos comuns nas suas contas básicas como a de energia. Ou seja, a mesma Vale, responsável pelas catástrofes de Mariana e Brumadinho paga menos impostos percentualmente do que a grande maioria da população, já que a extração de minérios é um produto *in natura*, e na sua grande maioria com vistas a exportação, o tipo de produto que encaixa perfeitamente nos benefícios da lei Kandir, cuja extração na sua grande maioria causa grandes prejuízos ambientais.

Da mesma forma a grande maioria dos produtos do agronegócio, como o plantio de soja, eucalipto e a criação bovina, também degradam o meio ambiente, seja pelo desmatamento, emissão de gases que aumentam o efeito estufa ou o uso excessivo de agrotóxicos. Sendo que grande parte

ECO-REBEL

dessa produção é destinada à exportação, gerando o mínimo possível de impostos, que poderiam ser aplicados em políticas de saneamento básico, saúde, segurança e educação.

A isenção de impostos de produtos primários os torna mais lucrativos em comparação aos produtos industrializados desestimulando a indústria nacional. Afinal fica mais barato o custo da venda da soja em grão do que a produção de óleos e margarinas, ou a venda de celulose ao invés do papel e assim por diante; milho ao invés de ração, cana-de-açúcar em vez de etanol. O último produto citado, a preferência dos produtores na exportação de cana, ou mesmo na produção de açúcar, gera maior lucro dependendo das condições de mercado, mas impede o Brasil de ser autônomo em termos de combustível, com o que temos que importar petróleo, o que não precisaríamos se tivéssemos uma produção maior de etanol e uma maior confiança dos consumidores nesse produto e se houvesse garantias de abastecimento.

A lei Kandir fez com que as exportações brasileiras que chegam anualmente a algo em torno de um trilhão de reais – uma vez que grande parte desse saldo é isento de impostos – não representasse uma riqueza para todo o país, pois a maior parte fica concentrada nas contas bancárias dos mais ricos, os grandes exportadores ou os bancos que financiam o agronegócio brasileiro (<https://affemg.com.br/blog/lei-kandir-privilegio-de-poucos-empobrecimento-de-muitos>).

É por causa desse cenário que países como a Alemanha, converteram-se em grandes exportadores de café solúvel sem plantar um grão de café. O Brasil, por sua vez, ao exportar o grão *in natura*, além de gerar pouquíssimos impostos já que esse produto é beneficiado com isenções, gera pouquíssimos empregos na agricultura. Na Alemanha por sua vez, esse grão será beneficiado na indústria, gerando mais empregos, gerando mais impostos que serão aplicados para o todo da população e o país exportará café solúvel com valor agregado de cerca de 70 vezes o valor do quilo do grão *in natura* comercializado pelo Brasil (<https://affemg.com.br/blog/lei-kandir-privilegio-de-poucos-empobrecimento-de-muitos>).

ECO-REBEL

Todo esse processo de acumulação de riquezas na mão de poucos e subtração de recursos dos cofres públicos foram demonstrados segundo os dados reunidos no artigo “Agrotóxicos, capital financeiro e isenções tributárias”, escrito por Marcelo Carneiro Novaes e Thomaz Ferreira Jense, texto que é um dos 38 artigos que compõem o livro *Direitos Humanos no Brasil 2020*. Segundo o artigo, todas as exportações de produtos do agronegócio brasileiro em 2019 renderam aos cofres públicos apenas R\$ 16,3 mil em impostos de exportação. Esse montante significa 0,000003% do montante total das vendas, isto é, o governo federal brasileiro arrecadou um centavo em imposto de exportação a cada R\$ 323 mil faturados (NOVAES; JENSEN, 2020).

O artigo ainda agrega dados que demonstram a pequena contribuição do agronegócio nas receitas públicas. Em 2019, o estado brasileiro coletou R\$ 1,04 trilhão de reais, excluídos os encargos previdenciários, dos quais as atividades da Agricultura, Pecuária e Serviços Relacionados contribuíram somente com 0,27% dessas receitas (NOVAES; JENSEN, 2020).

Ainda segundo dados do artigo e Novaes & Jensen (2020), em São Paulo a contribuição da agricultura e pecuária no ICMS do estado não passa de 0,1% do total. O texto esclarece ainda que São Paulo distribui ao setor agroexportador subsídios que representam mais do que toda a economia conseguida com a reforma da Previdência do Servidor Público paulista e com a venda de empresas e estatais estaduais nos últimos dez anos.

Portanto, a partir do princípio ecossistêmico de análise, podemos perceber que o modelo do agronegócio de exportação não contribui como gerador de riquezas para o todo ecossistêmico da economia brasileira, uma vez que as riquezas produzidas vão ficar nas mãos de um grupo reduzido de indivíduos, as custas de um sistema legal, a Lei Kandir, cujo exercício efetivo instaura um processo duplo de acumulação dessa riqueza nas mãos de poucos e ao mesmo tempo interdita qualquer processo de redistribuição dessa riqueza mesmo que de forma indireta pela aplicação dos impostos gerados.

Considerações finais

Como afirmado na introdução, essa análise pretendia analisar discursivamente o enunciado “Agro; a indústria riqueza do Brasil” a partir de dois postulados próprios da Análise do discurso ecossistêmica, o princípio da inscrição histórica desse enunciado e a sua inserção no interior de um ecossistema.

Nesse ínterim, vimos que a inscrição histórica desse enunciado se dá a partir de um sistema-mundo capitalista, de economias globais, e qual o lugar do Brasil nesse sistema-mundo ao dar preferência ao agronegócio como o carro-chefe das exportações brasileiras. O que podemos perceber a partir de nossa análise é que esse enunciado *Agro; a indústria ...* – cumpre a finalidade discursiva de mascarar que o Brasil ao se colocar como exportador de produtos *in natura* se instaura como um país periférico no cenário global, pois o agronegócio não é indústria e os países centrais nesse sistema-mundo capitalista são os países exportadores de produtos industrializados.

Já em relação à inserção ecossistêmica do agronegócio brasileiro na economia geral brasileira, vimos que por meio da Lei Kandir o agronegócio brasileiro se colocou como um setor privilegiado da economia sobre o qual não incidem as tributações correntes do sistema de impostos do estado brasileiro. Isso tem como consequência direta que a riqueza produzida pelo agronegócio brasileiro não contribui direta ou indiretamente para o enriquecimento do todo da população brasileira, mas apenas para um grupo pequeno de grandes empresas agropecuárias e grandes produtores rurais.

Referências

ALMEIDA, BARROS E CLEITON. *Lei Kandir: privilégio de poucos, empobrecimento de muitos.*

Em: <https://affemg.com.br/blog/lei-kandir-privilegio-de-poucos-empobrecimento-de-muitos>, acessado em 18/01/2024.

ABAGRP. *Números do Agro.* Em: <https://www.abagrp.org.br/numeros-do-agro#:~:text=Balan%C3%A7a%20comercial%20do%20Brasil&text=Em%202021%20o%20sup>

ECO-REBEL

[er%C3%A1vit%20foi,43%2C8%20bilh%C3%B5es%20de%20d%C3%B3lares.](#) Acessado em 18/01/2024.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacro e Simulação*. Lisboa: Relógio da Água, 1991.

LEI KANDIR. <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/lei-kandir>. Acessado em 05/01/2024.

NOVAES; JENSEN. *Agrotóxicos, capital financeiro e isenções tributárias*. In: Direitos humanos no Brasil 2020: relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, Daniela Stefano e Maria Luisa Mendonça (Orgs). Editora: Outras Expressões, 2020.

PARK, Margareth Brandini. De jeca tatu a Zé Brasil: a possível cura da raça brasileira. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Outubro, p. 143 – 150.], 1999.

PORTAL DA INDÚSTRIA. Comercio exterior e exportação no Brasil. Em: <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/exportacao-e-comercio-exterior/#:~:text=Exporta%C3%A7%C3%B5es%20Brasil&text=Em%202020%2C%20as%20exporta%C3%A7%C3%B5es%20brasileiras,os%20exportadores%20mundiais%20de%20bens>.

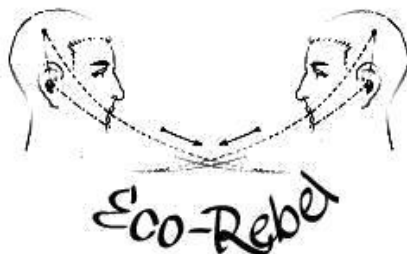
Acessado em 18/01/2024.

SILVA, Samuel S. **A César o que é de Deus: Análise Discursiva Ecológica do slogan publicitário-político: “Brasil acima de Tudo, Deus acima de Todos”**. Boletim do Geple, Número 10, 2022. <http://www.ecoling.unb.br/images/BG10.pdf>.

WALLERSTEIN, I. **The rise and demise of the world capitalist system: concepts for comparative analysis**. In: _____. *The Essential Wallerstein*. New York: The New Press, 2000, capítulo 5, p. 71-105.

Aceito em 26 de julho de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.



ECOLOGIAS LINGUÍSTICAS COMPLEXAS E EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO SENEGAL – ECEBS

Djiby Mane

Abstract: In African countries, people are, in general, bi/multilingual – a competence denied when they go to school, which imposes on them a language different from their own: that of the former colonizer. Given the multilingual context (Complex Linguistic Ecologies), the objective of the present study is to analyze Bilingual Education in Senegal and the challenges of Glottopolitics used in its implementation. Based on the ideas of Calvet (1987, 1999, 2004, 2016a, 2016b), Couto (2007), Guespin & Marcellesi (1986) and Ouane & Glanz (2011), the qualitative methodology of an exploratory nature was adopted, in compliance with the analysis of the *Modèle Harmonisé d'Enseignement Bilingue au Senegal* (2019). It became clear that Bilingual Education, in the implementation phase, is a good way to value the country's mother tongues and sociocultural aspects. Furthermore, it can avoid retakes, delays and school dropouts by students.

Keywords: *Bilingual Education; Complex linguistic ecologies; Glottopolitics.*

Resumo: Nos países africanos, as pessoas são, em geral, bi/multilíngues – competência negada quando vão à escola, que lhes impõe uma língua diferente da sua, a do ex-colnizador. Diante do contexto multilíngue (Ecologias Linguísticas Complexas), o presente estudo buscou analisar a Educação Bilíngue no Senegal e os desafios da Glotopolítica para a sua implementação e sucesso. Tomando por base as ideias de Calvet (1987, 1999, 2004, 2016a, 2016b), Couto (2007), Guespin e Marcellesi (1986) e Ouane e Glanz (2011), adotou-se a metodologia qualitativa de caráter exploratório, em observância à análise do *Modèle Harmonisé d'Enseignement Bilingue au Senegal* (2019). Evidenciou-se que a Educação Bilíngue, em fase de implementação, é um bom caminho para a valorização das línguas maternas e dos aspectos socioculturais do país. Além disso, pode evitar reprovações, atrasos e abandonos escolares pelos alunos.

Palavras-chave: Educação Bilíngue; Ecologias linguísticas complexas; Glotopolítica.

1. Considerações iniciais

No Senegal, assim como em grande parte dos países africanos, as línguas maternas ocupam lugar primordial na vida sociocultural, mas, nos ambientes escolares, ainda prevalece o ensino da língua do colonizador, o francês. De fato, levar em conta a língua materna na escola é um pré-requisito na formação intercultural, uma vez que os alunos iniciam a escolaridade em uma língua diferente daquela(s) que usam na família ou na comunidade. A adoção da língua do colonizador

em todos os níveis de ensino contribui para a dificuldade dos alunos que vivem em ambientes sociais multilíngues onde a(s) língua(s) nativa(s) – língua veicular usada na região, mesclada de falares (pidgin) – do pai e da mãe são misturadas.

Se a questão da(s) língua(s) de instrução surgiu desde a independência, e até antes dela, nos círculos intelectuais, atualmente, tem-se o seguinte questionamento, denunciando uma educação que simbolizava a dominação colonial: faz-se importante continuar a ensinar em língua francesa? De modo particular, quais são as consequências do não uso das línguas maternas nas escolas senegalesas?

Do período da independência até o presente momento, o Senegal, assim como grande parte dos países africanos, vem buscando se livrar desse passado linguístico sombrio, tentando introduzir as línguas maternas/nacionais no sistema de ensino via ensino bilíngue. Assim, o presente artigo analisou a Educação Bilíngue no Senegal, caracterizado por uma ecologia linguística complexa. A metodologia adotada é de cunho qualitativo, com base na análise do *Modèle Harmonisé d'Enseignement Bilingue au Senegal* (MOHEBS) (Sénégal, 2019), documento que regulamenta o ensino bilíngue local. No tocante ao referencial teórico, os conceitos desenvolvidos em torno da Ecolinguística (ecologia das línguas e política linguística, por exemplo) pareceram adequados na medida em que permitem apreender a realidade linguística de uma escola e da comunidade na sua totalidade, integrando tanto as línguas faladas pelos professores e alunos como a diversidade das línguas ensinadas. Para a teoria linguística recorreu-se à Ecolinguística, como praticada por Bastardas I Boada (2002a), Calvet (1987, 1999, 2004, 2016a, 2016b) e Couto (2007). Para a política linguística recorreu-se às ideias de Guespin e Marcellesi (1986) e, para a Educação Bilíngue, às ideias de Ouane & Glanz (2011).

Nas linhas que seguem, tem-se o desenvolvimento do contexto teórico que abarca a concepção de Ecolinguística e sua relação com o ensino de línguas e com o contato de línguas; o ecossistema linguístico no Senegal, em observância ao modelo gravitacional de Calvet (1999); o contexto metodológico da pesquisa; e, a análise do documento MOHEBS (Sénégal, 2019), para averiguar os desafios da implementação da Educação Bilíngue no contexto senegalês.

2. Ecologias linguísticas Complexas e Ecologia das Línguas

Falar sobre as ecologias linguísticas complexas significa contextualizá-las na ecologia das línguas, que dizem respeito “às migrações de populações, provocando contato de povos e respectivas línguas mutuamente inteligíveis” (Couto, 2007, p. 281).

Com base em Couto (2007), a ecologia das línguas pode ser abordada sob três vieses, quais sejam: 1) Ecologia do contato de línguas; 2) Ecologia da evolução linguística; e, 3) Ecologias linguísticas complexas, que tratam, por um lado, do bilinguismo e multilinguismo e, por outro, da língua padrão, dos dialetos e das linguagens especiais. Tais abordagens são de fundamental importância, mas, para a realização da presente empreitada, abordaremos apenas a ecologia do contato de línguas e as ecologias linguísticas complexas.

2.1. Ecologia do Contato de Línguas

A ecologia do contato de línguas tem como precursor Calvet (1999), com a publicação intitulada *Pour une écologie des langues du monde*, que trata das relações entre as línguas e a sociedade. Para aquele autor, as línguas, equivalentes às espécies, são organizadas em populações em constante relação com o meio ambiente, evoluindo em resposta aos estímulos provenientes

desse meio ambiente. É nesse sistema ecolinguístico que as línguas se multiplicam, variam, se cruzam, influenciam-se, competem ou convergem.

Diante da diversidade linguística mundial, Calvet (1999) propôs o que chamou de modelo gravitacional – uma abordagem da pluralidade linguística planetária e das relações entre as línguas e o seu meio ambiente, para explicar a complexidade da comunicação social.

É possível ordenar essa grande bagunça babeliana usando o que chamei de modelo gravitacional (Calvet, 1999), partindo da ideia de que as línguas estão ligadas entre si por bilíngues. Em torno de uma língua hipercentral, o inglês, cujos falantes têm uma forte tendência ao monolinguismo, existem assim cerca de dez línguas supercentrais cujos falantes, quando bilíngues, tendem a falar ou uma língua do mesmo nível ou o inglês. Em torno dessas línguas supercentrais gravitam uma centena de línguas centrais, que por sua vez são o centro de gravidade de milhares de línguas periféricas (CALVET, 2004, p. 288).

O uso desse modelo é visto como uma via de estruturação da pluralidade linguística e análise da natureza da evolução linguística. Em outras palavras, consiste em explicar o plurilinguismo e a hierarquização das línguas do mundo, isto é, uma ação ecolinguística para gerenciar a glotodiversidade.

Por exemplo, o inglês é uma língua hipercentral, onde gravitam as línguas supercentrais (espanhol, francês e português, por exemplo). Considerando o francês, língua supercentral, em seu entorno gravitam algumas línguas centrais, tais como bambara, suali, mandinga e wolof, faladas (trans)nacionalmente.

De fato, a dimensão plurilíngue do planeta resulta de um contato contínuo e dinâmico entre os povos, sobretudo, quando não porque a globalização é um flagelo inevitável, sem contar o contato constante das pessoas via *internet* por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Diante desse plurilinguismo planetário, o contato de línguas se torna um fenômeno inevitável, visto que é o dinamismo do plurilinguismo que caracteriza quase todas as comunidades do mundo, podendo acarretar a competição ou guerra das línguas (CALVET, 1987), tornando algumas ameaçadas de extinção.

Para conceber a Ecologia de Contatos, Calvet (2016a ou 2016b, p. 31) propõe três principais configurações da situação linguística do planeta com base em princípios organizadores diferentes: “[...] uma configuração gravitacional (baseada em sistemas de bilinguismo), uma configuração genética (baseada na relação genética entre línguas), uma configuração política (baseada nas línguas utilizadas para gestão dos Estados)”. Para a configuração gravitacional, a globalização mostra a supremacia do inglês em detrimento das demais línguas. Em torno do inglês, língua hipercentral, gravitam línguas supercentrais (francês, espanhol e português, por exemplo), ao lado das quais gravitam as línguas centrais (wolof, mandinga e suali, por exemplo), como já vimos.

Por sua vez, a configuração genética evidencia as relações existentes entre as línguas, a ponto de classificá-las, pelas suas semelhanças, em famílias linguísticas. Na África, por exemplo, é possível citar a família linguística nigero-congolesa, que compreende sete grupos aqui de interesse, entre os quais, o grupo oeste-atlântico e mandé, por envolver as línguas faladas no Senegal.

A fim de combater a supremacia do Inglês (língua hipercentral), as línguas supercentrais precisam se organizar via configuração política. Logo, se a globalização econômica é também linguística, tem-se o surgimento da Xfonia (CALVET, 2016), a organização de alguns países por meio das afinidades cultivadas durante a colonização, em prol da organização política, econômica e linguística. Por exemplo, a Froncofonia, também conhecida por Organização Internacional da

Francofonia (OIF), agrupa todos os países que falam francês e/ou o tem como língua oficial. Inclui ainda países amigos, que não têm o francês como língua oficial, mas o falam ou ensinam.

A globalização da economia e a ascensão da *internet* destacam a importância das línguas em sua diversidade. Assim, é possível afirmar que a economia global é uma economia multilíngue (BASTARDAS I BOADA, 2002a), segundo o qual o inglês é amplamente considerado como a língua comercial internacional.

Levar em consideração os efeitos da globalização sobre as línguas é, sem dúvida, ter consciência de que a diversidade linguística é muito grande, além do medo do espectro da padronização e de uma língua única, o Inglês, considerado hipercentral, conforme o modelo gravitacional de Calvet (2016).

2.2. Ecologias Linguísticas Complexas

A terceira e última abordagem tem a ver com “um domínio político (*polity*), um estado, que delimita determinado espaço (no qual convivem diversas línguas) como sendo o seu território” (COUTO, 2007, p. 281). Assim, as ecologias linguísticas complexas referem-se, por um lado, ao bilinguismo e ao multilinguismo e, por outro, à língua padrão, aos dialetos e às linguagens especiais.

Como resultados de contato de línguas, o bilinguismo ou o multilinguismo se referem à coexistência de duas ou mais línguas em um mesmo território ou no domínio dessas línguas por uma pessoa. Couto (2007) denomina as situações de bilinguismo e multilinguismo de ecologias linguísticas complexas em oposição às ecologias linguísticas simples (que dizem respeito às situações de monolinguismo), que são a exceção em vários países africanos que entraram em contato com outros povos e suas respectivas línguas durante o processo de colonização.

Em um contexto de multilinguismo estatal, as línguas são, em geral, hierarquizadas, sendo que uma tem mais prestígio em relação às outras. No caso do Senegal, apenas o francês, língua oficial no país, é preconceituosamente considerada língua, enquanto as línguas maternas são chamadas dialetos e até línguas indígenas.

3. Política Linguística ou Glotopolítica

Para gerenciar as ecologias linguísticas complexas (bi/multilinguismo e a relação entre a língua padrão, os dialetos e as linguagens especiais), faz-se importante a implementação de uma política linguística. Também chamada glotopolítica (de *glotta*, glossa, que significa língua e política), gerencia a interação entre a política e as línguas. De acordo com Guespin & Marcellesi (1986, p. 5), o termo “Glotopolítica” “[...] permite a análise de uma rede de ações realizadas em nome de um governo, de um ministério, de instituições, de associações ou de atores individuais”. Por sua vez, Calvet (1987, p. 154) entende por política linguística como “o conjunto de escolhas conscientes feitas na relação entre língua e vida social, especialmente entre a língua e a vida nacional”, ou seja, centra-se na influência das decisões políticas na promoção, regulação ou marginalização de diferentes línguas dentro de um estado ou comunidade.

De fato, a abordagem glotopolítica busca compreender como as escolhas políticas podem ter impacto na glotodiversidade, no *status* das línguas minoritárias e na construção da identidade nacional. Por exemplo, para fins de Educação Bilingue e alfabetização, o Senegal implementou políticas linguísticas que visam mudar ou não o *status* de línguas maternas para línguas nacionais (LN). Para uma língua adquirir o *status* de LN, precisa ser codificada, isto é, passar por um processo de descrição linguística, no intuito de codificar seus padrões fonético-fonológicos e gramaticais.

4. Educação Bilíngue

No que tange às línguas, os países africanos são anglófonos, francófonos ou lusófonos, conforme a língua imposta pelo ex-colonizador em detrimento das línguas maternas. Após as independências, uma das primeiras ações das autoridades das ex-colônias foi buscar valorizar suas línguas. Assim, apesar de uma política linguística de língua única, com base na relação povo (P)-território (T)-língua (L), conforme a ecologia fundamental da língua (EFL), com o ensino se dando em francês, tiveram início programas alternativos de inclusão de LNs no ensino, por meio da Educação Bilingue, que Ouane & Glanz (2011, p. 10-11) definem como segue:

[...] originalmente se referia ao uso de duas línguas como meio de ensino. Incluía o aprendizado de duas línguas como disciplinas, mas não se limitava a elas. Como resultado, geralmente significava o uso da língua materna (L1) mais uma segunda língua (L2) como língua de instrução. [...] Ou seja, tornou-se sinônimo de sistema de ensino ministrado principalmente em um segundo idioma. Este uso da expressão tornou-se generalizado em muitos países de África onde as pessoas descrevem os programas como bilíngues, mesmo quando envolvem muito pouco uso da L1.

Também chamada de Bilinguismo Escolar, a Educação Bilíngue consiste em fazer uso, na escola, de duas línguas, como vetores de instrução, isto é, quando as disciplinas escolares são lecionadas em ambas as línguas (Sénégal, 2019). Assim, não corresponde à aprendizagem das duas línguas na escola.

Falar sobre a Educação Bilíngue não é fácil, uma vez que essa expressão funciona como um hiperônimo válido teoricamente para todos os ecossistemas escolares. Dessa feita, a mesma Educação Bilíngue aplicada em um país rico (Estados Unidos da América, por exemplo) não pode ser aplicada em um país pobre (Senegal, por exemplo), ou seja, têm-se razões políticas ou econômicas para se optar por uma Educação Bilíngue.

De fato, a Política Linguística, devido à imposição do francês como língua oficial no Senegal, por exemplo, é uma forma de não somente valorizar os aspectos socioculturais do país, mas para evitar evasões escolares, uma vez que o ensino é totalmente ministrado em língua estrangeira, nem sempre dominada por alunos e professores. Além disso, as raízes econômicas do ensino bilíngue dependem da escolha dos países que almejam preparar o futuro de seus filhos.

Atualmente, existem muitos modelos de Educação Bilíngue, em que as línguas são, ao mesmo tempo, objeto e meio de aprendizagem, o que significa que os alunos, no caso do Senegal, adquirem conhecimentos disciplinares através de duas línguas: uma LN escolhida, conforme a abrangência geográfica, e o francês, língua oficial do país (Sénégal, 2019).

A fim de especificar a Educação Bilíngue adequada para cada contexto, Ouane e Glanz (2011, p. 11-12) propõem os seguintes modelos/programas:

a) o modelo de ensino subtrativo consiste em levar os alunos a abandonar a língua materna e usar a língua oficial/estrangeira como língua de ensino o mais rápido possível; b) o modelo de saída precoce (transição) consiste em ter apenas uma língua no final da escolarização, sendo a língua-alvo a língua oficial/estrangeira; c) o modelo de saída tardia (transicional) implica que a transição da língua materna como língua de instrução para outra língua-alvo é adiada até os 5-6 anos e d) o modelo de ensino aditivo (bilíngue) consiste em utilizar a língua materna como língua de instrução ao longo da escolaridade (tendo a língua oficial/estrangeira ensinada como disciplina) ou utilizar a língua materna mais a língua oficial/língua estrangeira como meios duplos de instrução até o final da escolaridade.

Com base na articulação entre LN e francês, veremos na quarta parte desse artigo qual desses modelos se adéqua à educação bilíngue no Senegal.

5. Ecossistema linguístico em escolas senegalesas

Assim como no país, as escolas senegalesas constituem um exemplo de ecologia linguística complexa, pela convivência diária de línguas de diferentes *status*, quais sejam, as línguas maternas, uma língua nacional e o francês, língua oficial.

A língua materna, também conhecida por primeira língua (L1), é definida por Ouane & Glanz (2011, p. 13) como sendo “a língua que uma criança aprende pela primeira vez com a pessoa que desempenha o papel de “mãe” ou tutor”. Trata-se, em geral, da língua falada pelos pais e/ou responsáveis imediatos.

Pelo fato de grande parte dos países africanos constituírem ecologias linguísticas complexas, a noção de língua materna acaba adquirindo uma definição mais ampla, envolvendo não somente a língua dos pais, mas também a(s) língua(s) do ambiente imediato. A este respeito, Ouane & Glanz (2011, p. 13) afirmam:

[...] trata-se da(s) língua(s) do ambiente imediato e das interações cotidianas que “constroem” a criança durante os primeiros quatro anos de sua vida. Assim, a língua materna corresponde a uma ou mais línguas com as quais a criança cresce e aprende a estrutura antes da escola. Em contextos multilíngues, como muitas sociedades africanas, as crianças crescem naturalmente com mais de uma língua materna porque várias línguas são faladas na sua família ou na sua vizinhança imediata. Assim, o ensino poderia ser ministrado numa das primeiras línguas familiares à criança.

A língua materna nem sempre é única (*stricto sensu*). *Lato senso*, refere-se ao domínio de duas ou mais línguas desde muito jovem. Assim, no Senegal, as crianças são geralmente nativas de uma língua e vivem ao lado de outras que também podem ser suas línguas maternas. Por exemplo, uma pessoa nativa da língua manjaca pode falar balanta e mandinga, ou seja, línguas que constituem línguas maternas por terem sido adquiridas no ambiente imediato.

Sobre a expressão “línguas maternas”, Tomi Ungerer (1996, p. 48 *apud* MUS; VANDEMEULEBROUCKE, 2011, p. 2) prefere a expressão “línguas fraternas” ao afirmar: “Não tenho língua materna. Simplesmente tenho várias línguas fraternas”, ou seja, todas as línguas adquiridas no ambiente imediato podem ser consideradas “fraternas”.

Afinal, o que significa “língua materna” para as crianças que crescem no Senegal, onde se falam duas ou mais línguas? Para tais infantes, o bi/multilinguismo não é excepcional, uma vez que adquirem a capacidade de falar através do contato de línguas. Estas línguas fazem parte do “repertório linguístico”, que se refere a todas as variedades linguísticas conhecidas (ativa ou passivamente) pelos falantes (GUMPERZ, 1964).

O repertório linguístico em questão permite a cada falante escolher uma ou outra variedade, conforme as exigências das diferentes situações comunicativas. Dentro desse repertório, a “irmandade”/“fraternidade” entre as línguas é perceptível quando, por exemplo, crianças bilíngues misturam suas línguas. Assim, o fato de terem o domínio de mais de uma língua lhes possibilita brincar com as palavras, podendo navegar de uma língua para outra (UNGERER, 1996 *apud* MUS; VANDEMEULEBROUCKE, 2011).

Por meio da glotopolítica, as línguas maternas podem adquirir *status* de LN, ou seja, de língua veicular (língua franca) falada local, regional ou nacionalmente.

Mas, afinal, será que toda a língua falada no país pode ser considerada nacional? Para ter *status* de LN, deve apresentar os seguintes critérios de elegibilidade:

ser objeto de codificação prévia (documento base, decreto, plano de ação decenal); ser objeto de pesquisa relativamente suficiente em termos de descrição linguística (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, terminologia, dialetologia etc.); ter boa produção de caráter didático, literário e científico; ter obras de referência (dicionário, gramática escolar, léxico especializado etc.); e antes de uma língua ser mantida como língua de instrução, deve primeiro ter sido escolhida pela comunidade (SÉNÉGAL, 2019, p. 26).

No Senegal, a concepção de LN, assim como em grande parte dos países africanos, é diferente da relação língua-nação. Por exemplo, a noção de LN em Portugal tem a concepção de língua falada em todo território português, sendo também a língua oficial do país. Mas, no caso do Senegal, nenhuma língua local é falada por todos os senegaleses. Pode acontecer que uma língua seja falada pela maioria da população, como é o caso, por exemplo, do wolof, falado por quase 70% de senegaleses.

Aqui, a noção de língua e nação se refere à política linguística do governo para a alfabetização em línguas maternas. Assim, uma língua materna se torna LN após sua descrição e codificação, o que estabelece seu sistema fonológico usando o *International Phonetic Alphabet* (IPA), e a gramática. Assim, no Senegal, atualmente, das 37 línguas existentes, 21 adquirem *status* de LN (SENEGAL, 2024b).

A codificação das línguas senegalesas, em prol da obtenção, por meio da glotopolítica, do *status* de LN, é de fundamental importância para cada uma delas. Este título parece ser um prêmio de consolação (Couto, 2007), uma vez que o *status* de LN não lhes garante um *status* especial em relação ao francês, que é a língua oficial do país.

A codificação leva à padronização das línguas maternas, o que inclui os aspectos lexicais, gramaticais e ortográficos. Toda língua necessita passar por um processo de descrição linguística.

Utilizado particularmente no âmbito da administração, o francês é também a língua em que o ensino é ministrado nas escolas públicas e privadas. Entretanto, ocupa um lugar menos importante no dia a dia do senegalês do que sua língua materna. É a língua do estado ou língua estatal (*Staatsprache*) ou “de trabalho”, como a denominam as autoridades locais (COUTO, 2007). É uma “segunda” língua, sobre a qual as crianças têm pouco ou nenhum domínio, e são obrigadas a receber suas aulas.

Recapitulando, o ecossistema linguístico no contexto senegalês apresenta línguas de diferentes *status*, a saber: línguas maternas, LN e língua oficial. Tal ecologia linguística complexa caracterizada por línguas de diferentes *status* cria uma situação de um multilinguismo selvagem, onde a “língua é um lobo para a própria língua”, deixando as menores sujeitas à extinção.

6. Descrição da metodologia adotada

O presente estudo teve por objetivo analisar a implementação da Educação Bilíngue no Senegal. Para tanto, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa que, segundo Marconi & Lakatos (2011, p. 269): “é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”.

O paradigma qualitativo é utilizado em pesquisas exploratórias, cujo objetivo é “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2010, p. 27). Gil (2010) atenta que esses tipos de pesquisas tendem a ser mais flexíveis em seu planejamento, pois pretendem observar e compreender os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado pelo pesquisador.

Por se concentrar na revisão de documentos, a presente pesquisa seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2010, p. 29), “é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. Em outras palavras, a finalidade da pesquisa bibliográfica consiste em colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa.

Urge ressaltar que as linhas que se seguem têm por base aquilo que foi feito no passado: referencial teóricos, como ressalta Gil (2010, p. 29-30):

Praticamente toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica. Tanto é que, na maioria das teses e dissertações desenvolvidas atualmente, um capítulo ou seção é dedicado à revisão bibliográfica, que é elaborada com o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema.

A pesquisa bibliográfica é obrigatória na maioria dos trabalhos científicos, pois é por meio dela que se toma conhecimento sobre a produção científica existente, tais como: livros, artigos científicos e trabalhos, que dizem respeito ao aspecto do problema analisado. Tal procedimento se enquadra no presente estudo, pois foi utilizado o *Modèle Harmonisé d’Enseignement Bilingue au Senegal* (MOHEBS) (SÉNÉGAL, 2019), documento elaborado para atender a implementação da Educação Bilíngue no Senegal.

A coleta de dados é uma das características da pesquisa documental, uma vez que os dados são obtidos em documentos. Assim, os dados levantados para a realização deste trabalho foram obtidos por meio do MOHEBS (SÉNÉGAL, 2019), documento oficial do Ministério da Educação do Senegal. Tais dados se referem à política e ao processo de implementação da Educação Bilíngue no Senegal, desde a independência até os dias atuais.

Em prol da análise dos dados coletados na pesquisa em voga, recorreu-se à metodologia de análise de dados textuais (ADT), que, segundo Fallery & Rodhain (2007, p. 1), “reúne métodos que visam descobrir as informações “essenciais” contidas em um texto”. Nesse viés, aqueles autores distinguem quatro abordagens principais para a execução de uma ADT, quais sejam: 1) Abordagem lexical (lexicometria); 2) Abordagem linguística, que responde ao questionamento “como falamos sobre isso?”; 3) Abordagem de mapeamento cognitivo: responde ao questionamento “como estruturar um pensamento?”; e 4) Abordagem temática para interpretar o conteúdo: aqui, o tema trata da implantação da educação bilíngue no contexto escolar senegalês. Ou seja, no presente estudo buscou-se analisar o processo de implementação da Educação Bilíngue no Senegal, por meio do documento MOHEBS (SÉNÉGAL, 2019).

7. Análise do *Modèle Harmonisé d’Enseignement Bilingue* sobre a Educação Bilíngue no Senegal

A Educação Bilíngue no Senegal é o resultado do contato de diferentes povos com suas respectivas línguas durante a colonização. Para sua implantação, o MOHEBS (SÉNÉGAL, 2019) selecionou algumas LN ao lado do Francês, língua oficial do país, como consta no art. 1º da Constituição de 2019, que define o seu *status* e o das LN: “A língua oficial da República do Senegal é o francês. As LN são diola, malinké, fula, wèrère, soninké, wolof e qualquer outra língua nacional que venha a ser codificada” (SÉNÉGAL, 2001).

ECO-REBEL

Além das línguas supracitadas, a Constituição de 2019 promete o *status* de LN a todas as línguas locais que são e serão codificadas. O art. 22º diz: “Todas as instituições nacionais, públicas ou privadas, têm o dever de alfabetizar os seus membros e de participar no esforço nacional de alfabetização numa das línguas nacionais” (SÉNÉGAL, 2001), obriga todas as instituições públicas e privadas a alfabetizar em uma das LN.

Se o francês é uma língua estrangeira para as crianças senegalesas, o problema é saber como as crianças de 6 anos de idade podem aprender novos conhecimentos de forma sustentável e desenvolver efetivamente sua inteligência por meio dessa língua. Para evitar os problemas acarretados pelo ensino de/em língua francesa, Senegal, por meio do MOHEBS (SÉNÉGAL, 2019), vem introduzindo, desde os anos 1970, a Educação Bilíngue nas escolas.

A Educação Bilíngue, como o próprio nome sugere, é a educação que se dá em duas línguas ao mesmo tempo, sendo a língua 1, nesse caso, uma das LN, e, a língua 2, o francês. Assim, no referido modal educacional, o aluno é confrontado e exposto às duas línguas simultaneamente, perfazendo o meio de aprendizagem disciplinar. “O tipo de bilinguismo proposto no Senegal baseia-se no uso das línguas nacionais e do francês como meio e objeto de aprendizagem ao longo do ciclo elementar” (SÉNÉGAL, 2019, p. 24-25).

Na Educação Bilíngue, a língua não é considerada como uma disciplina em si, mas sim, integrada no ensino. Ela não é o objeto ensinado, mas sim, o instrumento utilizado para ensinar. Então, não é ensinada uma língua, mas, o ensino se dá nessa língua. No caso em tela, as disciplinas não linguísticas (DNL) são ministradas em LN e em língua oficial. Como disciplinas, essas línguas são ensinadas no intuito de levar os alunos a aprender a ler, escrever e falar uma língua diferente da língua de casa (ou uma variedade da língua familiar), principalmente para aquelas que não têm a LN como língua materna. Assim, para proporcionar a Educação Bilíngue no Senegal, o MOHEBS (SÉNÉGAL, 2019) propõe o quadro 1, a seguir, como via de articulação entre a LN e a língua oficial.

Quadro 1 – Articulação entre L1 e L2.

ÁREAS		1ª etapa		2ª etapa		3ª etapa	
		CI	CP	CE1	CE2	CM1	CM2
				EF1	EF2	EM1	EM2
LC	CO	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr
	CE	LN	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr
Matemática		LN	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr
ECVS		LN	LN	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr
EFEA		LN	LN	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr	LN/Fr

Onde: CE – Comunicação Escrita; CE – Curso Elementar (Ensino Fundamental); CI – Curso Introdutório; CM – Curso Médio (Ensino Médio); CO – Comunicação Oral; CP – Curso Preparatório; ECVS – Educação para a Ciência e a Vida Social; EFEA – Educação Física Esportiva e Artística; LC – Linguagem e Comunicação;

Fonte: Adaptada de Sénégal (2019).

ECO-REBEL

Com base no quadro 1, faz-se importante explicar a estrutura do Ensino Fundamental no Senegal, onde a Educação Básica, destinada a crianças de 7 a 12 anos de idade, consiste em adquirir competências básicas previstas no Currículo da Educação Básica (CEB). Crianças a partir de 6 anos de idade e que tenham concluído o ciclo pré-escolar também são acolhidas no Ensino Fundamental.

O Ensino Fundamental senegalês compreende seis etapas, equivalentes a seis anos de estudos atestados pelo Certificado de Conclusão do Ensino Fundamental (CCEF). Seu currículo é dividido em três etapas, a saber:

1. Curso Introdutório (CI) e Curso Preparatório (CP);
2. Ensino Fundamental primeiro ano (EF1) e Ensino Fundamental segundo ano (EF2); e
3. Ensino Médio primeiro ano (EM1) e Ensino Médio segundo ano (EM2) (Sénégal, 2024a).

No que diz respeito às etapas do Ensino Fundamental senegalês, o quadro 1 evidencia que na primeira etapa (CI-CP), a LN é o principal meio de ensino/aprendizagem para a Linguagem e Comunicação Oral e Escrita (LCOE), a Matemática, a Educação para a Ciência e a Vida Social (ECVS) e a Educação Física Esportiva e Artística (EFEA). Tal situação se equilibra na segunda e terceira etapas, isto é, as duas línguas têm o mesmo tempo de uso.

Para as disciplinas ensinadas por meio de LN/Francês, o quadro 1 evidencia que na comunicação oral, as duas línguas (LN/Francês) são utilizadas desde o início do CI e continuam até EF2. A comunicação escrita começa no CI com a LN, sendo o francês introduzido a partir do CP, e ambas continuam até o EM2.

Assim como na comunicação escrita, no ensino de Matemática, a LN é o único meio de ensino no CI. A partir do CP, o francês se torna, ao mesmo tempo que a LN, um meio para o ensino de Matemática.

Para as disciplinas ESVS e EPSA, as aulas são ministradas exclusivamente em LN durante o CI e o CP (primeira etapa), sendo o francês introduzido nas duas últimas etapas.

A Educação Bilingue no Senegal é potencialmente parte de uma didática do plurilinguismo, ou seja, o ensino de disciplinas por meio de duas línguas: uma nacional e outra oficial (francês). Trata-se do modelo “aditivo” (OUANE; GLANZ, 2011), que visa articular as duas línguas até o final do Ensino Fundamental.

O projeto La Scolaf (2010 *apud* SÉNÉGAL, 2019, p. 23) assim ressalta a importância na articulação de LN e francês:

por manter a utilização significativa da LN (L1) até o final do ensino fundamental, e considera que “este modelo de bilinguismo “aditivo”, onde a língua nacional mantém um lugar significativo pelo menos até ao final da escolaridade primária, parece preferível à transição precoce, modelo de bilinguismo “subtrativo” com abandono da LN (L1) no meio do ciclo primário após a transição para a Fr (L2) como único meio de ensino.

Para implantar a Educação Bilíngue, através do MOHEBS (SÉNÉGAL, 2019) optou pelo modelo aditivo, uma vez que a LN se dá até o final do Ensino Fundamental, ao passo que a valorização das LNs e a L2 (francês) continua para os demais ciclos.

Os desafios da Educação Bilíngue têm o contato de línguas como questão central tanto para alunos e professores como para o próprio estabelecimento escolar e o sistema educativo, no que se refere à escolha da LN.

Ao contrário do que prega o MOHEBS:

ECO-REBEL

O desenvolvimento de um plano de desenvolvimento linguístico baseado no mapeamento linguístico realizado em cada comunidade escolar e em cada escola permitirá determinar as línguas de ensino a ter em conta por zona (SÉNÉGAL, 2019, p. 31).

no Senegal, tal modal educacional não envolve todas as escolas do país.

Um outro desafio importante é a formação dos professores, uma vez que eles são, em sua maioria, voluntários ou contratados temporariamente. Alguns deles têm apenas o *Bacalauréat*: um diploma obtido em uma prova que marca o fim de estudos secundários. Um equivalente do vestibular, ou seja, não possuem licenciatura. Quem passa em um concurso para professores deve participar de um curso de formação, com duração de nove meses.

No Senegal, a partir dos anos 1960, os professores têm sua formação em Centros de Formação de Professores (CFPs), Escolas Normais Regionais (ENRs), Centros de Formação e Desenvolvimento Pedagógico (CFDPs), Centros de Formação Pedagógica Especial (CFPEs), Escolas de Formação de Professores (EFPs) ou Centros Regionais de Formação de Pessoal da Educação (CRFPEs) (SÉNÉGAL, 2024a).

Os critérios para ser professor são: ter entre 18 a 35 anos de idade; possuir *Bacalauréat*; passar no concurso nacional; e, passar por uma formação de nove meses, chancelada por um exame de saída (Certificado de Fim de Estágio – CFE). Posteriormente, o professor em fase de estágio probatório precisa fazer uma prova para se efetivar no cargo, prova chancelada pelo certificado Certificado de Aptidão Pedagógica (CAP).

A inclusão das línguas maternas no sistema de ensino senegalês constitui, em parte, a realização do sonho de Diop (1979), que sempre defendeu a importância do uso das LN no ensino. Desde a década de 1950, aquele cientista e egiptólogo senegalês demonstrou, por exemplo, que uma criança wolof, aos 7 anos de idade, era capaz de compreender Matemática, sendo a única condição que esta disciplina fosse explicada em sua língua materna (wolof). Por meio da escola francesa pós-colonial, são necessários mais sete anos de aprendizado desnecessário da língua francesa para entendê-la.

Para Diop (1979), muitas vezes, a expressão estrangeira é como uma cobertura impermeável que impede a mente de aceder ao conteúdo das palavras que aponta a realidade. Assim, o ensino ministrado na língua materna evitaria anos de atraso na aquisição de conhecimentos.

Ki-Zerbo (2006, p. 93, 151) partilha a mesma ideia de Diop (1979) ao afirmar: “Quero dizer com isto que a educação africana deveria ser endógena e basear-se ao máximo na acumulação dos conhecimentos africanos. [...] Sem uma verdadeira educação africana, não há nada a esperar”. O desejo de Diop (1979), assim como de Ki-Zerbo (2006), é ver as escolas africanas ministrarem seu ensino através das LN, sem as quais, o desenvolvimento da especialização africana não tem futuro melhor.

A língua materna, também chamada de primeira língua ou L1, é de capital importância no estabelecimento dos padrões fundamentais essenciais para a compreensão do universo, bem como na construção da própria identidade e autoconfiança. Essa importância da língua materna é demonstrada por Ntahokaja (1993, p. 24), ao afirmar:

assim como um pai adotivo não pode realmente reivindicar o equivalente de um pai biológico, nenhuma outra língua pode substituir validamente a L1 em sua função vital de garantidor e transmissor de valores culturais fundamentais.

Por ser o principal repositório e veículo de riqueza cultural, é por meio da língua materna que o ser humano descobre, explora e compreende o mundo. É também graças a ela que a maior parte do conhecimento cultural é transmitido de geração em geração, cada língua contribuindo para a formação do patrimônio cultural universal.

8. Considerações finais

A política de francização total no continente africano, resultante da aventura colonial, foi um entrave educacional na referida região. A discrepância linguística entre o ambiente familiar da criança e a escola é tal que a escolarização produz alunos desorientados e sem fundamento cultural. Nesse viés, promover as LN é o objetivo da Educação Bilíngue que, no entanto, ainda é experimental no Senegal e engloba apenas algumas línguas.

O uso de LN na educação, um compromisso de Diop (1979) e Ki-Zerbo (2006), pode contribuir para uma educação libertadora (FREIRE, 1985) uma vez que pode afirmar a liberdade e a capacidade das pessoas de decidirem seus próprios destinos. É um processo crítico e ativo, onde a cultura do silêncio é superada e estilhada (FREIRE, 1985). Este tipo de educação é muito relevante para a África atual.

Além das ideias de Diop (1979), Freire (1985) e Ki-Zerbo (2006), as contribuições da Ecolinguística, por meio da ecologia do conato de línguas, são de fundamental importância, uma vez que a introdução das LN é essencial, tanto na aquisição de conceitos e conhecimentos gerais básicos como na aquisição de outras línguas. Ademais, a introdução das LN faz referência a uma abordagem holística, por permitir integrar conteúdos culturais no processo de ensino-aprendizagem.

A Educação Bilíngue, do ponto de vista senegalês, pode contribuir para o desenvolvimento das capacidades intelectuais, linguísticas e culturais; a valorização das LNs; preparar os alunos para a aprendizagem de uma segunda língua (francês) e de uma LN para aqueles que não a têm como língua materna.

Embora a Educação Bilíngue seja de fundamental importância no contexto senegalês, ela apresenta alguns desafios, tais como a escolha das línguas como meio de ensino; a pouca abrangência da implementação no contexto nacional; a formação de professores que nem sempre são licenciados. Tem-se ainda um problema geolinguístico relacionado à área de abrangência da LN adotada na escola, uma vez que os professores podem não ser falantes nativos dessa língua, não dominando-a completamente. Ademais, das 21 LN, apenas seis estão sendo utilizadas na Educação Bilíngue senegalesa.

Ecolinguisticamente, as LN escolhidas como meios na Educação Bilíngue no Senegal não levam em conta a relação povo (P)-território (T)-língua (L), que é muito bem delimitada no Senegal. Por exemplo, não foi contemplada a LN balanta falada no território (T) balantacunda pelo povo (P) balanta. Assim, parece que a escolha não levou em conta a abrangência geográfica, mas sim, o número de falantes. Além disso, urge ressaltar que em um mesmo território podem conviver duas e até três línguas.

De fato, um modelo linguístico ideal para a educação deve refletir as diferentes dimensões da realidade linguística de um país, buscando conectar todos os níveis da sociedade e promover a comunicação, o conhecimento, a partilha de poder e riqueza, bem como a política democrática e participativa.

Atualmente, a barreira de comunicação entre falantes de línguas locais e a língua oficial e internacional é imensa, o que acentua as divisões sociais, criando, por um lado, os incluídos no sistema e, por outro, os excluídos do sistema. Assim, ao invés de fomentar a inclusão na

glotodiversidade, o sistema escolar é uma grande instituição social que reforça barreiras, pois depende fortemente da língua oficial, configurando-se como um padrão que não corresponde às formas utilizadas pela maioria da população senegalesa no dia a dia.

Diante do exposto, tem-se que nem sempre a língua materna é a única falada em um país, principalmente em ecologias linguísticas complexas, como é o caso do Senegal, onde as crianças crescem em um ambiente bilíngue ou mesmo multilíngue, falando duas ou mais línguas da comunidade. Ou seja, pela imersão em ambientes multilíngues, muitas crianças senegalesas têm um bilinguismo adquirido, podendo falar a(s) língua(a) dos pais e adquirem outra língua no contato com seus coleguinhas. Além disso, ela aprende uma ou mais línguas estrangeiras na escola (francês), no ensino médio (árabe, inglês e/ou português) na universidade.

Caracterizadas pela diversidade de línguas de diferentes *status* que ali convivem, no Senegal, as escolas constituem um ecossistema desequilibrado, frágil ou doente, uma vez que as interações em sala de aula se dão geralmente em francês (L2/LE) e uma LN, que nem sempre é falada por todos, ignorando as línguas nativas, que somente existem no meio ambiente mental e social dos alunos.

Referências

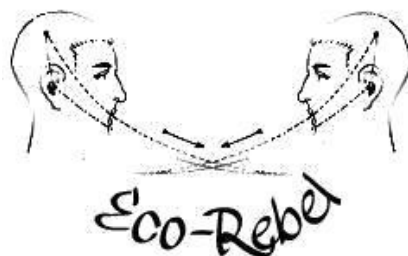
- BASTARDAS i BOADA, Albert. Llengua i noves migracions: les experiències canadenques i la situació a Catalunya. *Revista de Llengua i Dret*, [s. l.], n. 37, p. 153-190, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. *La guerre des langues et les politiques linguistiques*. Paris: Payot, 1987.
- _____. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.
- _____. La diversité linguistique: enjeux pour la Francophonie. *Hermès: La Revue*, [s. l.], n. 40, p. 287-293, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4267/2042/9561>
- _____. Contacts de langues et géopolitique des langues romanes. *Cadernos de Letras da UFF* [s. l.], n. 53, p. 29-38, 2016a. DOI: <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2016n53a434> Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43746/24989> Acesso em: 6 mar. 2024.
- _____. Quels fondements pour une écologie des langues? *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 2, n. 2, p. 19-35, 2016b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9687/8554> Acesso em: 9 nov. 2023.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- DIOP, Cheikh Anta. *Nations nègres et cultures: de l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire d'aujourd'hui*. 4. ed. Paris: Editions Présence Africaine, 1979.
- FALLERY, Bernard; RODHAIN, Florence. Quatre approches pour l'analyse de données textuelles: lexicale, linguistique, cognitive, thématique. In: *XVIème Conférence de l'Association Internationale de Management Stratégique AIMS*, 2007, p. 1-16. Disponível em: <https://hal.science/hal-00821448/document> Acesso em: 18 nov. 2023.
- FREIRE, Paulo. *The politics of education: culture, power and liberation*. South Hadley: Bergin & Garvey, 1985.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean-Baptiste. Pour la glottopolitique. *Langages* n. 83, p. 5-34, 1986.
- GUMPERZ, John J. Linguistic and social interaction in two communities. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6, p. 137-153, 1964.

ECO-REBEL

- KI-ZERBO, Joseph. Para quando a África?: entrevista com René Holenstein. Tradução: Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MUS, Francis; VANDEMEULEBROUCKE, Karen (eds.). *La traduction dans les cultures plurilingues*. Arras: Artois Presses Université, 2011. 256 (Coleção Traductologie). DOI: <https://doi.org/10.4000/books.apu.5181>
- NTAHOKAJA, Jean-Baptiste. *Plaidoyer pour l'Afrique*. Bujumbura: Université du Burundi; Faculté des Lettres et Sciences Humaines, 1993.
- OUANE, Adama; GLANZ, Christine. Optimiser l'apprentissage, l'éducation et l'édition en Afrique: le facteur langue. Étude bilan sur la théorie et la pratique de l'enseignement en langue maternelle et l'éducation bilingue en Afrique subsaharienne. Hambourg: UIL/Tunis: ADEA; Banque Africaine de Développement, 2011.
- SÉNÉGAL. Constitution de la République du Sénégal. Dacar, 22 jan. 2001. Disponível em: <http://sigif.gouv.sn/app/uploads/2016/12/constitution-senegal.pdf> Acesso em: 20 nov. 2023.
- SÉNÉGAL. Ministère de L'Éducation Nationale. Dacar, 2024a. Disponível em: <https://www.education.sn/fr/standard/87> Acesso em: 12 fev. 2024. Antes MEN
- SÉNÉGAL. Ministère de l'Éducation Nationale. Direction de l'Enseignement Élémentaire. Modèle Harmonisé d'Enseignement Bilingue au Senegal (MOHEBS). Dacar, 2019. Antes MOHEBS
- SÉNÉGAL. Summer Institute of Linguistics. Langues du Sénégal. Dacar, 2024b. Disponível em: <https://senegal.sil.org/fr/ressources/langues-du-senegal>. Acesso em: 23 fev. 2024.

Aceito em 28 em junho de 2024.

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.



PHYTOMEDICAL INTERVENTION AS A DOUBLE BIOSEMIOTIC ROAD TO HEALTH: TOWARDS A THEORETICAL MODEL

Marta Bogusławska

ORCID ID 0000-0001-8364-9857

Resumo: As sociedades pós-Covid passaram a trabalhar com a complexidade do tema da boa saúde e qualidade de vida. Os modelos padrão da ciência biomédica concentram-se na maquinaria biológica do corpo e aplicam as lentes teóricas da biologia (celular), química, neurologia e estatística clássica, para mencionar apenas estas metodologias científicas. Este texto conciso investiga a possibilidade teórica de ampliar o escopo da pesquisa médica para (i) abranger pela atenção médica um contexto mais amplo, essencial para propor uma intervenção médica ideal; (ii) e convidar para a investigação médica outras disciplinas (como linguística interdisciplinar moderna, biossemiótica), que podem facilitar a construção de novos modelos médicos e, posteriormente, programas de intervenção nos cuidados de saúde. O ponto focal deste texto são as terapias fitoterápicas e seu suposto envolvimento de duas vias no processo de cura.

Palavras-chave: Ervas; Fitomedicina; Neoholismo; Qualidade de vida; Processo de cura; Comunicação.

Abstract

Post-Covid societies start to work with the complexity of the theme of good health and quality living. Standard models of biomedical science focus on the biological machinery of the body, and apply the theoretical lens of the classical (cell) biology, chemistry, neurology and statistics, to mention but these scientific methodologies. This concise text delves into the theoretical possibility to expand the scope of medical research in order to (i) embrace by the medical attention a larger context essential to propose optimal medical intervention; (ii) and to invite into the medical research other disciplines (i.e. modern interdisciplinary linguistics, biosemiotics), which can facilitate building new medical models and, later, intervention programs in health care. The focal point of this text are herbal therapies and their hypothesised two-road involvement in the healing process.

Key-words: Herbs; Phytomedicine; Newholistic; Quality living; Healing process; communication.

1. Introduction

This theoretical study marries up several current scientific methodologies. It focuses on how to build a complex theoretical model which offers an explanatory proposal for the effectiveness of herbal therapies in quality health care and health regulation. The working hypothesis which is presented here for further discussions is that herbal remedies work to allow the patient's health improvement: (i) through substance-bound-healing effects and (ii) through non-substance-bound-healing effects. In both cases we observe the biosemiotics process involving the organismic response to signs. The starting-point theoretical stance we take is that what herbal remedies do to the patient is more complex and multispectral than the traditional biomedical model in the medical research assumes (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2021; BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA; LECKO, 2022).

To pinpoint this complexity we embark here on the short tour across several sciences, towards the multidisciplinary field of (bio)semiotics and ecolinguistics. We will for a while adopt the position of the philosophers of science as our proposal requires a change of the paradigmatic base from which we depart and start to construct our theoretical model. Our study proposes leaving the classical paradigmatic framework of the main stream of the Western sciences and employing the assumptions and interpretations of life systems of the postclassical (newholistic) paradigm. We will benefit in this brief analysis from the complementarity model of life and human proposed by Walach (2005 a; 2005 b), which allows to identify this double healing road of herbal treatments in the healing process.

2. Herbal therapies. Methodology in the current research of the classical biomedical paradigm

Herbal therapies involve using plant's seeds, leaves, berries, roots, bark or flowers in medical interventions or health-promoting therapies. This category of therapies belongs to the historically oldest types of healing practices developed locally in the world cultures, usually exerted within the context of a given geocultural region. In other words, phytomedicine is one of the proto-sciences. Apart from tradition, there is the essential factor of relative safety of using herbs in treatments; and their effectiveness in healthcare which make herbs an important medical tool.

(...) in developed Western countries, researchers have found that antibiotics have only a limited effective lifespan, so consumption of herbal medicines has also increased in these countries (...) (AHMAD ZARE JAVID ET AL., 2017).

Today, in the globalisation era, we can not only benefit from local herbal traditions, but also can reach for i.e. Ayurvedic or Chinese phytoremedies, easily accessible on the Western market of remedies and food supplements.

The scientific research in the mainstream biomedical paradigm has been analysing the ways herbal therapies work within the human organism. In this paradigm, the human system is conceptualised as a physical complex algorithmically steered, where structures and processes are based on complex linear and nonlinear chemical, neurological and biological phenomena (WALLECZEK, 2000). Hence, from this perspective the healing effect of plants in the therapeutic process comes down to providing the organism with supporting, biochemically active ingredients which act as biochemical signs and

- (i) nourish the system, level up the biochemical resources and strengthen its self-repairing potential – the literature calls such remedies 'functional foods' for healthcare (AHMAD ZARE JAVID ET AL., 2017);

- (ii) (ii) fight the pathogens which de-regulate the organism and cause a given health problem (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2021).

In order to proceed with our thought pathway proposed in this study, in the subsequent section we present several examples of the mainstream biomedical research into the healing process of phytomedicines. From this sample report one can learn about the current general direction of the mainstream research which uses standard medical models.

2.1 Herbs as biochemically active medicines

The first exemplary study is on the effects of the Ayurvedic specifically composed herbal supplements on the vasomotor, psychosocial, physical and sexual well-being of 117 menopausal, overall healthy women demonstrated a significant positive result of the herbal intervention on the menopausal symptoms (STEELS ET AL., 2018). This research illustrates how the phytotherapy can level up and regulate the organismic biological and chemical supplies. The researchers chose a formulated Ayurvedic herbal medicine which contains 75 mg *Tinospora Cardifolia*, 100 mg *Asparagus racemosus*, 100 mg *Withania somnifera* and 225 mg *Commiphora mukul* per capsule. The subjects in the study were taking one capsule twice a day, for the period of 12 weeks. The researchers describe the active influence of the tested herbal medicine in terms of the following active biochemical ingredients of the composing herbs:

1. *Tinospora cordifolia* is rich in bioactive components, such as aliphatic compounds, alkaloids, steroids, lactones, glycosides, sesquiterpenoids, polysaccharides, various fatty acids, essential oils, arabinogalactan, a polysaccharide with prebiotic and immunological activity.
2. *Asparagus racemosus* has phytochemical ingredients such as steroidal saponins, alkaloids, quercetin and glycosides of quercetin. These components are used in the Ayurvedic medicine to regulate the female reproductive system, the nervous system and the immune system.
3. *Withania somnifera* contains alkaloids, steroidal lactones, steroids (β -sitosterol, diosgenin, sitoinosides), flavonoids (quercetin) and nitrogen-containing compounds (withanol), which have anti-stress and neuroprotective functions.
4. *Commiphora mukul* includes volatile oils, steroids, flavonoids, guggultetrols, lignans, sugars and amino acids. This herb is used in Ayurveda for obesity, diabetes and inflammatory conditions such as arthritis.

In this study, the scholars concentrated on measuring the biological positive influences of the herbal remedy (as containing specific ingredients active biochemically) on the organisms of the female subjects.

Another illustration of the research into the biochemical activeness of herbs is the study on the therapeutic effects of Valerian root and lemon balm extracts on child symptoms of restlessness, insomnia, hyperactivity and impulsiveness (GROMBALL ET AL., 2014). While analysing the healing/regulating processes of the remedies, the scientists were focused on the active biochemical ingredients included in the plants which were used to treat the children involved in the study. As the researchers reported,

Lemon balm extract (600 mg) improved mood, cognitive performance and attentiveness in young adults under mental stress (...) presumably via increasing activity of acetylcholine. Essential oils (...) as well as constituents of the aqueous extract like cis- and trans-rosmarinic acid (...) inhibit acetylcholinesterase. Moreover, lemon balm extract binds to the nicotinic and muscarinic acetylcholine receptor (...) as was also demonstrated for human tissue (...).

There are indications that the effects of valerian arise from interplay of several constituents. Valerenic acid binds to β_2 - and β_3 -subunits of GABA_A-receptors (...) which can explain anxiolytic, calming and mild anti-depressive

properties of the extract. In addition, effects of valerian on the 5-HT_{5A}-receptor are reported (...) which has been suggested to be involved in regulation of circadian rhythms (...).

In the paper the researchers point out that ‘efficacy of herbal medicines strongly depends on the quality of the specific extracts, i.e., on the concentration of effective ingredients and a constant batch-to-batch composition’ (GROMBALL ET AL., 2014).

Active biochemical substances in herbal remedies are the biochemical signs. They straightforwardly supply the organism’s biological resources, as a result strengthening the immune and nervous systems and overall biological condition.

Another clinically essential function of herbs is their potential to fight antigens which have caused disturbance to the patient’s health. To give an example, the recent research reports on the efficacy of *Melissa officinalis* in treating patients with chronic stable angina (JAVID ET AL., 2018). The researchers report that supplementation of *Melissa Officinalis* may improve the results of echocardiography, exercise stress test, cardiovascular serum biomarkers such as lactate dehydrogenase, and nitric oxide, and blood pressure in patients with chronic angina. The therapeutic influence of this plant is due to polyphenolic compounds and some flavonoids in their leaves. Rosmarinic acid, as its major polyphenol, is pointed out to prevent cardiac complications and hypertension in the research on rats. The results showed that this supplementation can prevent cardiac hypertrophy and decreases blood pressure. Herbal tea made from the leaves of the *Melissa Officinalis* strengthens antioxidant defence of the organism.

To summarise this section, the clinical research into the healing mechanisms and facilitating potential of herbal remedies concentrates on the biochemically operating ingredients which naturally appear in plants. Biochemical ingredients in herbal remedies act as biochemical signs in the biosemiotic process to health. This is a straightforward way to naturally support and supply the biological apparatus of the human body – using natural substances taken from the planet’s ecosystem. What we aim to point out is that in herbal intervention this *biological road* to health is complemented by *the communicational road*, operating on another paradigmatic plane, though the nonlocal mechanism of generalised entanglement (WALACH; ROEMER, 2011; WALACH; VON STILLFRIED, 2011). In other words, when we consider the postclassical, expanded paradigmatic framework of life processes, we can attempt to model theoretically the parallel healing process that takes place when herbs are the medicine in the healing process. So, the sections below elaborate on what seems possible in the healing process in the reality of nonlocal phenomena.

3. Nonlocal phenomena in the healing process

To repeat, the working hypothesis in our analysis has it that the healing process is based on the response to signs (WALACH, 2015; GOLI, 2016). It is the basic meta-principle to enter the expanded paradigmatic line of reasoning. In the previous sections we briefly presented how biochemical substances included in herbs act as biochemical signs; as a result, the biological intervention on a biological system takes place. Now, we aim to discuss the parallel road to health, where there are signs primarily communicational/relational, bringing about the biochemical effects to the organism (GOLI, 2016,p. 17). In fact, in this parallel road, signification occurs only in the psycho-semiotic sense being a type of a ploy or a tool to open the patient to the nonlocal relation with the therapist, and, ultimately, incite self-healing processes of the organism (WALACH, 2015). Let us now attempt to disambiguate this complex theoretical proposal.

3.1 General characteristics of the postclassical paradigm

Complementarity lies at the heart of the postclassical paradigm and, much as unstudied it still remains, this presently very peculiar to us phenomenon probably is one of the major organising principles in the living reality of the universe. The postclassical physics (quantum physics mostly) is a thoroughly scientifically scrutinised physical theory, as physicists acknowledge (GREENE, 2011, p. 76). However, its emergence in the transdisciplinary debate and research still has the sense of a novelty. And, what is essential, the scientific phase when the quantum theory is applied in the disciplinary research and applicational programs not only in the area of modern physics but of other disciplines as well, is still before us.

The research into the expanded paradigmatic plane in modern science, the medical science included, is challenging for two reasons. First, we still are moving within the unstudied territory; much is to be done and relatively little is already achieved. Second, most, if not all, of the considerations we undertake in the post-Newtonian physics – is based not on logic but on the idea of a paradox. It violates all our intuitions, cognitively-based knowledge systems, and the folk knowledge we nonconsciously refer to as well. In Table 1 the two paradigms, the classical paradigm and the postclassical paradigm, are briefly characterised by means of several key terms/concepts. These specification lists are by no means complete; we have chosen here the most telling, general characteristics to give the interdisciplinary reader some idea about the profound character of the paradigmatic change we talk about here.

The classical, ‘Newtonian’ paradigm: basic explanatory concepts and terms	The post-classical, newholistic paradigm: basic explanatory concepts and terms
materialistic atomistic/structuralist deterministic dualistic reductionist local binary causal logic	complementarity entanglement probabilistic holistic unity/continuum local and nonlocal causal and acausal paradoxical/inclusive

Table 1. General characterisation of the two paradigms: the classical one and the newholistic one.

As regards the phenomenon of complementarity, entanglement being its special case, through the lens of this model we can look at and try to analyse nonlocal processes of life, one of them being the process of healing.

3.2 Signs initiating self-healing: one of the postclassical paradoxes

Complementarity and entanglement are the theoretical tools which help us to make sense of the nonlocal effect of herbal therapies on the patient’s health.

Harald Walach, interdisciplinary scholar and internationally renowned authority on the current CAM research, points out that all healing is self-healing. “All so-called specific effects, causal

interventions etc. are only manoeuvres that help marshal this most powerful therapeutic ally: the self-healing response” (WALACH, 2015, p.112). The manoeuvres the scholar refers to involve the active initiation of signs in the organism’s creating the response in the form of self re-organisation and optimization. Here a postclassical paradox reveals itself, where self-healing mechanism needs some triggering sign to start it.

Signs which can awake the subjective organismic response towards self-regulation have various nature, from linguistic signs (spoken, written, etc.), through human artefacts like homeopathic pills, human symbolic/ritualistic behaviour (i.e. a visit to a medical doctor), to a biochemical substance(s) which can function as signs to the biochemical body. All of the signs can be divided into two general categories:

- a. ‘local’ signs, working within the plane of the classical, form/substance based processes; these can be involved in linear or nonlinear processes; we characterised their functions in sections 2 and 2.1 of this paper;
- b. ‘nonlocal’ signs, working within the plane of the postclassical reality.

Looking at case *a*, in our example of rosmarinic acid in *Melissa Officinalis*, the acid can act as a sign to the body circulatory system to activate complex biological process of the blood pressure decrease. It is both the linear chemical influence of the plants onto the biology of the organism. And, simultaneously, the nonlinear organismic interpretation of the chemical agents as signs (GOLI, 2016, p. vii). I. Walleczek says that ‘nonlinear dynamics is critical to understanding biological function and order (...)’ (2000, p. 13). The scholar adds that ‘(...) modern medicine might greatly benefit from a better understanding of the self-organized biodynamical processes that appear to be involved at all levels of physiological organization (WALLECZEK, 2000, p. 327). Hence, to encapsulate this thought pathway, when healing occurs as a result of the biochemical intervention of a given herbal remedy on the linear and nonlinear biochemical activity of the organism, we talk about the local effects of the treatment; or the local processes enabling healing.

Looking now at case *b*, in a given phytomedical intervention the parallel healing/regulating process takes place, this time of the nonlocal nature. So, again, just like in case of the biochemical chain of reactions, the nonlocal phenomena use signs to activate the healing response in the patient. The healing trajectory is different, though. We do not have a biological or chemical connective chain reactions to evoke the healing response (this feature is known in the literature as the binding problem). We do not talk about the ‘causes’ of the healing effect; nonlocal processes are a-causal. The framework of space-time is not applicable in these types of processes. And, nonlocal processes operate beyond the to-date recognised as the ultimate limit of life phenomena, the speed of light (GREENE, 2011; JIBU; YASUE, 1995).

4. Through the lens of the complementarity model: how herbs can work both locally and nonlocally

To construct our working hypothesis, we need to move this analysis onto the postclassical, holistic paradigm, where fundamental differences are occurring in the ways the reality around is structured (ontology), in the ways this reality is made sense of (epistemology), and in the ways it can be studied (methodology). For a more detailed presentation of the postclassical paradigm the reader is asked to reach for other sources which focus on exactly these topics (JIBU; YASUE, 1995; VITIELLO, 2001; PLOTNITSKY, 2004; WALACH; VON STILLFRIED, 2011; KITTO ET AL., 2011). We, at this point of our analysis, are looking at the complementarity model of the mind-body interaction (WALACH, 2005; 2015 a; 2015 b). This model is based on the paradigmatic precepts of the Generalised Quantum Theory (GQT) which is a bridge, theoretical proposal

ECO-REBEL

between quantum theory as studied by physics and the modern interdisciplinary, holistic research (ATMANSPACHER, RÖMER, WALACH, 2002; WALACH; RÖMER, 2011; WALACH; VON STILLFRIED, 2011). The complementarity model is based on the idea of the material/bodily/brain aspects of the human organism and the nonmaterial/mental aspects being co-primary and equal in status within the organism's structure. What is essential for our analysis is that the two co-primary dimensions of the human organism remain in the state of generalised entanglement, where there are mutual influences, without actual biochemical/material causes. The mutual communication and influence between the mind and the body are a-causal. No material or energetic signal is transmitted; nor any other detectable physical impulse triggers the reaction. So, in simpler words, we have here a cross-disciplinary, scientific, theoretical model, derived from the generalised quantum theory, which addresses the mind-body, or the material-nonmaterial interface healing mechanisms. This model can refer to such alternative healing modalities as distant healing, homeopathy, psychotherapeutic or psychological interventions, and herbal medicine. As a matter of fact this model can be related to all healing modalities, mainstream medical modalities as well, but for the purpose of our present chapter, we focus on herbal healing.

So, what is needed for the nonlocal healing to take place? There needs to be a system of global and local variables, constructing an entangled structure. In the therapeutic process it may be a communication dyad doctor-patient, or (herbal) therapist – healee. The global variable is the community or unity, the therapist and the patient temporarily form in the intervention procedure, while the local variable is the individuality or uniqueness. H. Walach describes this process as follows:

The healer creates a bond of community between him- or herself and the healee, either by a ritual or in the healer's mind, and lets his or her own individuality merge to a certain extent with the one of the healee, thus creating a kind of unity or community. By still upholding a certain sense of individuality at the same time, entanglement between the healer and healee could become instantiated, since community or unity and individuality are complementary, the one being a global and the other a local description. By virtue of this connectedness with the healee the healer might be in a position to enact, on behalf of the healee, in the healer's mind or in a symbolic reality, what would be a desired state for the healee, which then through this entanglement might be installed within the patient through a nonlocal correlated action (WALACH, 2005, p. 555).

The healing on this plane of the healing process happens without an exchange of any signal; thus is a-causal. The whole mechanism is based on the entanglement which, however magically it presents itself today to the Western mind, belongs to the solid scientific proposal in the micro scale; the research now has been focused to sort it out in the macro scale of large-scale material objects. L. R. Milgrom assures that:

As Fisher pointed out, non-locality has been verified experimentally many times, most famously by Aspect et al. (...) Therefore non-locality or EPR entanglement at least at a nanoscopic level of subatomic particles, atoms and molecules (...) is a fact (...) (2005: 101).

This nonlocal, a-causal mechanism of the living system's regulatory processes has not been scientifically and systematically inspected by the main stream of the medical or biological sciences. The very idea that immunological processes of the human organism are to be studied beyond the materialistic approach of the cause and effect model, has been now entering the wider scientific debate as a serious hypothesis to pursue.

5. Herbal treatment seems to have it all

In this study we delineate a theoretical model in which herbal therapies operate within the semiosphere where the biosemiotic process brings a meaning response in the organism, through (i) the biochemical supplementation and intervention of the herbal active ingredients – being referred to as the specific effects; and (ii) through the nonlocal meaning effect created by the entangled healing dyad between the patient and the therapist, activating a patient's self-healing processes. We can actually risk a step further in these conclusions and say after F. Goli that (...) paying attention to these factors and analysing them make these seemingly non-specific effects specific' (2016, p. 3). The 'nonspecific' feature of the nonlocal pathway in the intervention actually refers to a specific process.

To encapsulate the main tenets of this theoretical study, what makes phytoremedies a promising healing modality of the integrative medicine of the future is their lack of biochemical side-effects and the non-toxicity for the biological organism, as plant remedies come from nature and are not processed or synthesized pharmacologically in any way. In addition, we propose to consider phytoremedies as an even more elevated healing modality than homeopathy is, because phytomedicines, unlike homeopathy, operate on the double healing axis, i.e. signification the biochemical/local plane; and signification in the nonlocal realm in the quantum/entanglement-induced plane. Herbal medicines, thus, seem to be seated on both the material paradigm and the newholistic/postclassical paradigm, and addressing a health issue within both paradigmatic dimensions.

6. Concluding: communicational processes in phytotherapy

The complementarity model allows to theoretically grasp one coherent local-nonlocal healing mechanism in all types of phytotherapies. In this model, communication processes of meaning generating transpose the whole mechanism onto the domains of the ecolinguistic and biosemiotics research. Linguistic aspects involved here require an expanded research program to theoretically model what awareness and behaviours are required from medical practitioners to actually work with the nonlocality of healing in a conscious way. It seems that the linguistic and communicational awareness are key in this healing model under discussion in this paper. Nonlocal processes happen anyway in any healing intervention (these are life processes); however, when the participants of a healing procedure understand what is actually going on in the healing intervention, when the process is more consciously moderated (through language and communication), we can optimise the whole procedure and maximize its awaited effectiveness. Actually, a new narration in practicing medicine is what we need, which will reflect this expanded awareness of the healing process and which will be – as a matter of fact – a major therapeutic tool in it (cf. project description on new narration in medical practice: BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2021). When considering contemporarily active research theories of language in modern linguistics one notices the advantage of ecolinguistics. Ecolinguistics is so wide and multilayer as a theory of communication that it has the features of a metamodel, a models' model (BOGUSŁAWSKA, 2022). Ecolinguistic perspectives are very elastic. This capacity and multidimensionality of the ecolinguistic paradigm will allow to smoothly incorporate the linguistic aspects into the interdisciplinary medical research on linear/nonlinear healing.

7. References

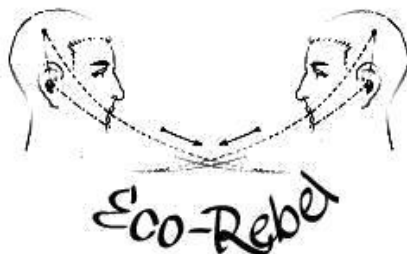
ATMANSPACHER, H., ROEMER, H. and H. WALACH. Weak quantum theory: complementarity and entanglement in physics and beyond'. *Foundations in Physics*, 32, 2002, pp. 379-406.

- BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, Marta. *Towards an ecology of language, communication and the mind*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2013.
- BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, Marta. *Ecolinguistics. Communication processes at the seam of life*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2016.
- BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, Marta. New Narration in practicing Western integrative medicine: linguistic, ecolinguistic, and biosemiotic aspects. In *Journal of Linguistic and Intercultural Education – JoLIE*. 13/2020, 2021, pp. 45-62.
- BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, M. and A. LECKO. (In)applicability of statistical methods in the studies on living systems: theoretical lens. *International Journal for Quality Research*, Vol. 16, No 1, 10.24874/IJQR16, 2022, pp. 01-19
- BOGUSŁAWSKA, M., DRAGOESCU URLICA, A.A. and L. KAMBERI (eds). *From Cognitivism to Ecologism in Language Studies*. Berlin: Peter Lang, 2022.
- BOGUSŁAWSKA, Marta. Introduction. Ecolinguistics in the New Millenium (noted in the Year 2022). In BOGUSŁAWSKA, M., DRAGOESCU URLICA, A.A. and L. KAMBERI (eds). *From Cognitivism to Ecologism in Language Studies*. Berlin: Peter Lang, 2022, pp. 9-16.
- CIBANGU, S. K. Paradigms, methodologies, and methods. *Library and Information Science Research*, vol. 32, 2010, pp. 177-178.
- GOLI, F. *Biosemiotic medicine. Healing in the world of meaning*. Dordrecht: Springer, 2016.
- GREENE, B. *The hidden reality. Parallel universes and the deep laws of the cosmos*. London: Penguin Books, 2011.
- FONNEBO, V., GRMISGAARD, S., WALACH, H., RITENBAUGH, Ch., NORHEIM, A. J., MACPHERSON, H., LEWITH, G., LAUNSO, L., KOITHAN, M., FALKENBERG, T., BOON, H. and M. AICKIN. Researching complementary and alternative treatments – the gatekeepers are not at home. *BMC Medical Research Methodology*, 2007.
- GROMBALL, J., BESCHORNER, F., WANTZEN, Ch., PAULSEN, U. and M. BURKART. Hyperactivity, concentration difficulties and impulsiveness improve during seven weeks' treatment with valerian root and lemon balm extracts in primary school children. In *Phytomedicine*. Elsevier: <https://doi.org/10.1016/j.phymed.2014.04.004>, 2014.
- JAVID, A.Z., HAYBAR, H., DEHGHAN, P., HAGHIGHIZADEH, H., M., MOHAGHEGH, S. M., RAVANBAKSH, M., MOHAMMADZADEH, A. and S. S. BAHROLOLUMI. The effects of melissa officinalis on echocardiography, exercise test, serum biomarkers, and blood pressure in patients with chronic stable angina. In *Journal of Herbal Medicine*. Elsevier: <https://doi.org/10.1016/j.hermed.2017.10.002>. 2018.
- JIBU, M. and K. YASUE. *Quantum brain dynamics and consciousness*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- KITTO, K, RAMM, B., SITBON, L. and P. BRUZA. Quantum Theory beyond the physical: information in context. *Axiomathes*, 21, 2011, Springer: published online 14 January 2011. pp. 331-345.
- MILGROM, L.R. The sound of two hands clapping: could homeopathy work locally and nonlocally? In *Homeopathy*, 94, 2005, pp. 100-104.
- MIN-CHI LU, HUI-FANG CHIU, CHIH-PING LIN, YOU-CHENG SHEN, KAMESH VENKATAKRISHNAN and CHIN-KUN WANG. Anti-*Helicobacter pylori* effect of various extracts of *ixeris chinensis* on inflammatory markers in human gastric epithelial AGS cells. In *Journal of Herbal Medicine*. Elsevier: <https://doi.org/10.1016/j.hermed.2017.08.002>, 2018.
- PLOTNITSKY, A. The unthinkable: nonclassical theory, the unconscious mind and the quantum brain'. In GLOBUS, G. G., PRIBRAM, K. H. and G. VITIELLO (eds.). *Brain and being. At the*

- boundary between science, philosophy, language and arts*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's, 2004, pp. 29–45.
- SALE, J., LOHFELD, L. and K. BRASIL. Revisiting the quantitative-qualitative debate: implications for mixed –methods research. In *Quality and Quantity*, Vol. 36, 2002, pp. 43-53.
- SCHMIDT, S. and H. WALACH (eds.). *Meditation – neuroscientific approaches and philosophical implications*. Dordrecht: Springer, 2014.
- Steels, E., Steele, M., Harold, M., Adams, L. and S. Coulson. 2018. ‘A double-blind, randomized, placebo-controlled trial evaluating safety and efficacy of an Ayurvedic botanical formulation in reducing menopausal symptoms in otherwise healthy women’. In *Journal of Herbal Medicine*. Elsevier: <https://doi.org/10.1016/j.hermed.2018.01.001>
- VAN DER VALK, J. M. A., LEON, Ch. J. and M. NESBITT. Macroscopic authentication of Chinese *materia medica* (CMM): A UK market study of seeds and fruits. In *Journal of Herbal Medicine*. Elsevier: <https://doi.org/10.1016/j.hermed.2017.03.007>, 2017.
- VITIELLO, G. *My double mind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- VON BERTALANFFY, L. *General systems theory*. New York: George Braziller, 1968.
- WALACH, H. Magic of signs: a nonlocal interpretation of homeopathy. In *British Homeopathic Journal*, Vol. 89, 2000, pp. 127-140.
- WALACH, H. Generalised entanglement: a new theoretical model for understanding the effects of Complementary and Alternative Medicine. In *The Journal of Complementary and Alternative Medicine*, Vol. 11, No 3, 2005 a, pp. 549-559.
- WALACH, H. The complementarity model of brain-body relationship’. In *Medical Hypotheses*, 65, 2005 b, pp. 380-388.
- WALACH, H. and H. ROEMER. Generalised entanglement: a nonreductive option for a phenomenologically dualist and ontologically monist view on consciousness’. In Walach, H., Schmidt, S. and W.B. Jonas (eds.). In *Neuroscience, consciousness and spirituality*. Dordrecht: Springer, 2011, pp. 81–95.
- WALACH, H. and N. VON STILLFRIED. Generalised Quantum Theory–Basic Idea and General Intuition: a Background Story and Overview’. In *Axiomathes*. vol. 21, 2011, pp. 185–209.
- WALACH, H. Criticisms of transpersonal psychology and beyond – the future of transpersonal psychology: A science and culture of consciousness’. In *The Wiley Blackwell Handbook of Transpersonal Psychology*. Chichester: Wiley Blackwell, 2015 a, pp. 62-87.
- WALACH, H. Reconstructing the Meaning Effect - The Capacity to Self-Heal Emerges From the Placebo Concept. In *Tidsskrift for Forskning i Sygdom og Samfund*, 23, 2015 b, pp. 111-139.
- WALLECZEK, J. *Self-organized biological dynamics and nonlinear control*. New York/ Cambridge: CUP, 2000.

Aceito em 09 de julho de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.



A CRIATIVIDADE NA PRODUÇÃO ESCOLAR DE GÊNEROS TEXTUAIS: UMA ESCUTA DOS ALUNOS PELO VIÉS DA ECOLINGUÍSTICA

Beatriz de Castro Resende & Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto

Abstract: This article describes a field research carried out in a public school in Goiânia (GO) about creativity in teaching and producing narrative textual types and the TikTok video genre, using Ecosystemic Linguistics as a theoretical basis, especially due to the fact that it sees language as interaction. This interaction takes place within an ecosystem, which can be natural, mental or social. The choice of the TikTok genre is due to the fact that it is highly appreciated by teenagers and the multisemiosis associated with it: images, videos, audios, texts, etc. General objectives of the research are: to verify creativity in TikToks, through the use of external and internal stimuli coming from the environment, to analyze the languages and interactional rules present in Tiktoks and to reflect on the students' experience, through the responses of the questionnaire. The textual and audiovisual production methodology used is Liberating Writing (Redação Libertadora) proposed by Couto (2012), which encourages students to produce based their texts on a theme chosen by themselves, without the teacher's interference, and to review and correct their texts autonomously, looking for colleagues or the teacher to ask for opinions about the content of the text. Through freedom of production, the aim is to achieve the productive and creative self-realization of students (COUTO; FERNANDES, 2021), who will feel good about creating based on their own ideals.

Key-words: Creativity; Textual genres; Text production; Retextualization; Basic edictaion.

Resumo: O presente trabalho descreve uma pesquisa de campo realizada em uma escola pública de Goiânia (GO) acerca da criatividade no ensino e produção de tipos textuais narrativos e do gênero vídeo TikTok, utilizando a Linguística Ecosistêmica (LE) como base teórica, sobretudo pelo fato de ela encarar a língua como interação. Essa interação no interior de um ecossistema, que pode ser de cunho natural, mental ou social. A escolha do gênero TikTok se deve ao fato de ele ser muito apreciado pelos adolescente e da multissemiose a ele associada: imagens, vídeos, áudios, textos etc. Os objetivos da pesquisa são: verificar a criatividade nos TikToks, por meio dos usos dos estímulos externos e internos provenientes dos meios ambientes da LE, analisar as linguagens e as regras interacionais presentes nos Tiktoks e refletir sobre a experiência dos alunos, por meio das respostas do questionário. A metodologia de produção textual e audiovisual utilizada foi a

Redação Libertadora, de Couto (2012), que se traduz em incentivar os alunos a produzirem redações a partir de um tema escolhido por eles mesmos, sem a interferência do professor, e a revisarem e corrigirem seus textos de forma autônoma, procurando os colegas ou o professor para pedir opiniões acerca do conteúdo do texto. Por meio da liberdade de produção, objetiva-se atingir a autorrealização produtiva e criativa dos estudantes (COUTO; FERNANDES, 2021), que certamente se sentirão bem em criar a partir dos próprios ideais.

Palavras-chave: Criatividade; Gêneros textuais; Produção de textos; Retextualização; TikTok; Educação Básica; Ecolinguística.

Apresentação

De acordo com Bakhtin (1997, p. 279), os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” constituídos por uma temática, estilo e estrutura composicional. Dos gêneros do discurso, derivam-se os gêneros textuais, que se diferenciam dos primeiros pelas formas que eles são analisados. Os gêneros do discurso são estudados com uma base enunciativa e os textuais com uma base textual, com foco no conteúdo temático e na forma (DIAS ET. AL, 2011).

Para Bakhtin, “cada esfera dessa atividade [virtual humana] comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.” (1997, p. 279). O surgimento e modificação de gêneros são constantes, sendo que a popularização da internet possibilitou a criação de diversos gêneros do discurso, sendo um deles o vídeo TikTok.

Quando se pensa no ensino de gêneros textuais na escola, vêm à mente os gêneros historicamente consolidados, como a receita, o conto, a carta, a dissertação etc. Entretanto, a contemporaneidade exige que novos gêneros sejam incorporados no ensino. Na Base Nacional Comum Curricular, por exemplo, a norma pede a diversificação na análise e ensino de textos: “cabe ao Ensino Médio aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos” (BRASIL, 2018, p. 500).

A incorporação de novos gêneros no ensino escolar pode provocar diversos benefícios, entre eles a exposição a novas formas de produção (sonoras e visuais, por exemplo), a aproximação entre a escola e o contexto social dos estudantes, a diversificação da grade de ensino – estimulando a curiosidade dos alunos, que enfrentarão uma quebra na rotina – e o estímulo à criatividade que, de acordo com Marina (1993) e Couto (2015), depende dos estímulos internos e externos que o homem recebe, sendo necessária sua diversificação para que o estudante ponha em prática seu conhecimento, repertório e imaginação.

Para a Ecolinguística, mais especialmente a Linguística Ecolinguística, a língua é interação e essa interação se dá no seio dos ecossistemas ou meios ambientes linguísticos. De acordo com Couto (2015), esses ecossistemas são quatro, divididos didaticamente em 1) meio ambiente natural, 2) meio ambiente mental, 3) meio ambiente social e 4) meio ambiente integral, que contém os três primeiros. Para Couto (2015), o primeiro traduz as influências que um indivíduo pode sofrer do seu *habitat* natural e dos contextos dos atos de interação comunicativa, o segundo são as conexões mentais que se dão no cérebro do indivíduo e o terceiro é constituído pelas influências que o indivíduo sofre da sociedade e da coletividade. O quarto é a convergência dos ecossistemas anteriores, admitindo que todos os ecossistemas estão interligados no funcionamento da língua, de forma que “a existência de uma língua (L) pressupõe a de um povo (P) que a tenha formado e que a use, bem como de um lugar ou território (T) em que esse povo se encontra” (COUTO, 2015, p. 61).

Como dito anteriormente, o conceito de criatividade utilizado neste estudo se refere aos estímulos externos e internos recebidos pelo indivíduo tratados por Marina (1993). Entretanto, com o objetivo de teorizar um conceito que seja aplicável à análise textual, junta-se ao conceito a visão ecossistêmica da língua, e descreve-se a criatividade como a mobilização dos meios ambientes natural, mental e social nas produções textuais.

Neste artigo, será discutido um estudo realizado em uma escola estadual de Goiânia (GO), com alunos do segundo ano do Ensino Médio, com objetivo de investigar a criatividade dos estudantes por meio da produção de textos narrativos e, a partir deles, vídeos TikTok. Os objetivos específicos são:

- Entender como foi a mobilização da criatividade na produção dos TikToks por meio dos conceitos de meio ambientes natural, mental e social da Linguística Ecossistêmica;
- Analisar quais linguagens foram mobilizadas nos TikToks;
- Compreender quais as ferramentas interacionais que possibilitaram que certas regras interacionais virtuais existissem nos TikToks produzidos;
- Refletir sobre as experiências dos alunos produzindo os TikToks.

Metodologia

A pesquisa apresentada neste artigo é uma pesquisa de campo e foi realizada por meio de um estudo etnográfico, no qual a pesquisadora se inseriu no ambiente dos alunos, ministrou aulas a eles, observou os seus comportamentos e conduziu atividades e aplicou questionários. O método do estudo etnográfico é descrito por Caria (2002, p. 14 *apud* GOMES, 2016, p. 4) como “uma análise holística (...) centrada na construção social do cotidiano, partilhado em rotinas de ação e negociado em consensos e conflitos sobre regras de significação e de uso legítimo de recursos”. Por isso esse método foi escolhido para guiar uma pesquisa de observação participante, na qual seria necessário que o comportamento dos alunos fosse não somente observado, mas, também estimulado por.

O estudo foi conduzido em cinco etapas: 1) aulas sobre criatividade, tipos e gêneros textuais, 2) produção de textos narrativos, 3) produção de TikToks, 4) realização de questionário e 5) análise de dados a partir da Linguística Ecossistêmica. Na primeira etapa, foram trabalhados os conceitos de criatividade de Marina (1993) e dos meios ambientes natural, mental e social da Linguística Ecossistêmica, com o objetivo de apresentar a pesquisa aos alunos e o que seria estudado nela. Além disso, também foram trabalhados os tipos textuais e os gêneros textuais, com o objetivo de entender como esses são classificados, por meio do conceito de gêneros do discurso de Bakhtin (1997).

Por fim, foram ministradas aulas sobre três gêneros textuais do tipo narrativo (relato de memória, conto e crônica), dos quais os alunos escolheram um para redigir. De acordo com a Ecolinguística, língua é interação, portanto, a construção de ideias e de conhecimento depende da comunicação entre os seres humanos. Por isso, todas as aulas foram expositivas dialogadas, procurando instigar o papel ativo dos alunos por meio de perguntas orais, leituras coletivas de textos e atividades escritas e orais sobre os textos lidos.

Na segunda etapa, os alunos foram orientados a produzir um texto do tipo narrativo, de temática livre. O gênero, entretanto, deveria ser um relato de memória, conto ou crônica. Foi orientado também que, posteriormente, o texto seria retextualizado em um TikTok. A metodologia usada tanto na produção do texto narrativo quanto na produção do TikTok foi a da Redação Libertadora, de Couto (2012), que é uma proposta de ensino autônomo de redação, na qual o aluno não fica dependente da avaliação do professor para aperfeiçoar o seu texto. Essa proposta conversa com o

ECO-REBEL

conceito de “autorrealização”, originado na Ecologia Profunda e utilizado pela Linguística Ecológica, que, segundo Couto & Fernandes (2021), é a procura constante de todos os seres vivos pelo bem-estar e por atitudes que evitam o que causa dor e desconforto. Nesse sentido, a liberdade na escolha de como será feito o próprio texto pode fornecer essa autorrealização criativa para o aluno, haja vista que ele estará escrevendo de acordo com os próprios ideais, satisfazendo a si próprio.

A produção foi feita da seguinte forma: os alunos foram orientados a refletir sobre um assunto que desejavam escrever e, a partir disso, escolher um tema. Após a escolha do tema, eles deveriam pensar em como desejavam escrever sobre ele - contando uma história, fazendo um relato ou uma reflexão. A partir disso, os alunos deveriam escolher um dos três gêneros, no qual a sua ideia de escrita se encaixasse melhor, para dar forma ao seu texto. Esse sistema de reflexão sobre a organização da escrita e escolha do gênero a partir da temática tem sua origem no princípio de Couto (2012) de que o texto parte do conteúdo, não da forma:

Teoricamente, poder-se-ia começar enfatizando o conteúdo, deixando o burilamento da forma para uma segunda etapa, etapa de revisão, como é proposto aqui. Poder-se-ia começar também dando prioridade à forma, como faz grande parte dos professores do ensino tradicional. [...] O grande problema é que, como já observado, o segundo procedimento é mais árduo, além de provocar desmotivação nos alunos. Seria melhor partir do conteúdo, e só em etapas posteriores cuidar da forma. Agindo assim, estamos indo do mundo para a linguagem, obedecendo o processo natural das coisas (COUTO, 2012, p. 202).

Após a escolha do tema e do gênero textual, os alunos estavam livres para escrever como desejassem: linguagem formal ou informal, primeira ou terceira pessoa, na sala de aula ou em casa. A única condição imposta às produções foi a data de entrega dos textos, que foi flexibilizada diversas vezes, devido às dificuldades de comparecimento às aulas e à dificuldade de escrever de alguns alunos. A revisão e reescrita dos textos também foram feitas de acordo com a metodologia da Redação Libertadora, pois, para Couto (2012, p. 203),

não basta conhecer bem todos os truques normativistas recém-mencionados para se escrever bem. [...] Além disso, pode-se avaliar se determinado texto é de alguém gabaritado ou de um novato pelo estilo, mesmo que não haja nenhum ‘erro’

A proposta de escrita e revisão do autor é que o próprio aluno produza, revise e corrija o seu texto, recorrendo aos colegas e ao professor para tirar dúvidas, acrescentar ideias e pedir suas opiniões. Essa proposta se diferencia da "correção de textos" realizada no ensino regular, que entrega o processo de revisão ao professor. Dessa forma, o aluno terceiriza o processo de lapidação da sua escrita, comprometendo o desenvolvimento de um estilo autônomo e das suas próprias ideias.

Os alunos produziram seus rascunhos, revisaram-nos e corrigiram-nos. Em seguida foi incentivado que eles lessem os seus textos para os colegas e para a pesquisadora, pedindo sugestões sobre o que poderia ser melhorado. A partir dessa leitura, os alunos revisaram os seus textos novamente e corrigiram-nos (ou não, ficou à escolha do aluno) de acordo com as observações feitas pelos colegas, pela pesquisadora e por eles mesmos.

Após a finalização da escrita dos textos narrativos, foram ministradas aulas que abordavam os vídeos TikTok, com o objetivo de familiarizar os estudantes com o gênero e expor as estruturas formais por trás de um tipo de vídeo tão assistido por eles no dia a dia. Para isso, foram ministradas aulas expositivas que tratavam da estrutura formal e temática do gênero, sendo mostrados exemplos cujos temas e formas se assemelhavam aos gêneros narrativos estudados (relato, conto e crônica), nos quais os alunos poderiam se basear quando fossem produzir os seus vídeos. Houve ainda um momento dedicado ao conceito de retextualização, no qual foi explicado que os alunos deveriam transformar os seus textos narrativos em um vídeo TikTok, levando em consideração as diferenças semióticas de um gênero para o outro. Para ajudá-los nessa tarefa, foi destacado também o gênero roteiro, que é usado no meio audiovisual para planejar e descrever o que será feito nas cenas do vídeo, filme ou animação.

Na produção do TikTok, as condições de tempo de duração, formas e estruturas do vídeo, local de produção e data de entrega também foram flexíveis. Foi utilizada também a metodologia da Redação Libertadora, ou seja, os alunos produziram seus vídeos, assistiram, refizeram, mostraram para os amigos, re-assistiram e refizeram novamente, com o objetivo de chegar a um produto final. Após a finalização das produções textuais e audiovisuais, os alunos responderam a um questionário sobre as suas experiências durante a pesquisa. O questionário contém as seguintes perguntas: 1) Durante a produção da narrativa (conto, crônica ou relato) e do TikTok, você sentiu que a atividade mobilizou a sua criatividade? () Sim () Não; 2) O que motivou a escolha do tema para a sua produção e como foi o processo de criação da narrativa e do vídeo?; 3) Como você realizou a retextualização do texto para o vídeo?; OPCIONAL: Caso queira comentar algo a mais sobre a sua experiência criativa na realização das atividades, teça suas considerações no espaço abaixo.

A partir das respostas dos alunos e dos TikToks produzidos por eles, foi criado o *corpus* da pesquisa. O *corpus* será analisado com base na Linguística Ecológica, que será aplicada aos TikToks, e na reflexão quantitativa e qualitativa acerca das experiências dos alunos, que será realizada a partir dos questionários.

Na análise dos TikToks, foi realizada uma investigação por meio da Linguística Ecológica que, como dito anteriormente, compreende a língua como interação realizada dentro de um ecossistema linguístico, que pode ser natural, mental ou social. Como dito anteriormente, o conceito de criatividade utilizado neste estudo é a mobilização dos meios ambientes (natural, mental, social), uma vez que eles são afins aos estímulos internos e externos necessários para criar, de acordo com Marina (1993). Além da análise da criatividade por meio da Linguística Ecológica, também analisou-se as linguagens mobilizadas nos vídeos, a partir da perspectiva de que, por ser multisemiótico, o gênero TikTok permite não só o texto escrito, mas o uso de imagens, vídeos, áudios etc.

Objetiva-se, com essas análises, compreender como a criatividade dos alunos foi mobilizada nas produções por meio da classificação e quantificação (em ecossistemas linguísticos) das temáticas que eles utilizaram (experiências de vida, sentimentos, relacionamentos etc.) e por meio das linguagens presentes na estrutura do vídeo (músicas, textos etc.), admitindo-se que, quanto maior foi a quantidade de temáticas e linguagens identificadas, maior foram as referências para se criar, maior foi o esforço dedicado às produções e, conseqüentemente, maior foi a mobilização da criatividade.

No questionário, a análise teve foco na perspectiva dos alunos sobre a pesquisa, ou seja, suas motivações para escolha das temáticas dos vídeos e suas experiências com a produção dos textos e dos vídeos foram contempladas. Por meio das suas respostas, também realiza-se uma análise acerca da mobilização da criatividade durante a produção dos vídeos.

Resultados e discussão

22 alunos participantes produziram 18 TikToks, que fazem parte do *corpus* de análise desta pesquisa. Além dos TikToks, também fazem parte do *corpus* de pesquisa o questionário, respondido por 21 alunos. Ressalta-se que os alunos que produziram os vídeos não são, necessariamente, os mesmos que responderam aos questionários, devido à falta de controle da presença ou não desses alunos na sala de aula e nas realizações das produções. Entretanto, todos os alunos que responderam ao questionário participaram de uma ou mais fases do estudo etnográfico.

Nos vídeos, foram analisados os meios ambientes ecolinguísticos, as linguagens mobilizadas e as regras interacionais utilizadas e, nos questionários, foi analisado se os alunos identificaram a mobilização da sua criatividade e como foram as suas experiências produzindo os textos e os vídeos. Na primeira análise, foram classificadas, nos vídeos, as referências feitas explicitamente aos meios ambientes natural, mental e social. Por exemplo, em um vídeo no qual a temática era uma comunidade de seres humanos que viviam em uma cidade e suspeitavam de que um dos indivíduos não era são (a partir daí desenvolve-se a história), é possível identificar três referências principais: uma comunidade (social) em uma determinada cidade (natural) com um conflito psicológico (mental). Em outro vídeo, entretanto, havia dois personagens que conversavam entre si (social), mas não havia referências explícitas ao território onde eles se encontravam ou a alguma questão psicológica que os acometiam (além do uso da língua, presente em todas as produções). Por isso, é importante destacar que a separação feita entre os meios ambientes é apenas para fins de análise, pois os ecossistemas linguísticos são interligados entre si, formando um só ecossistema integral. Os aspectos sociais identificados, por exemplo, não se desvinculam dos aspectos naturais, pois o ser humano só existe dentro de um território. Logo, as referências explícitas identificadas são classificadas isoladamente no gráfico abaixo. Entretanto, nas produções dos alunos, elas estavam interligadas com outras referências explícitas e implícitas, pois a língua (mental) não existe fora de um povo (social) e um povo não existe fora de um território (natural). É importante ressaltar que todas as produções são realizadas por meio da língua e que todos os vídeos produzidos são assistidos em um contexto assíncrono, no qual a resposta que o ouvinte produz não chega à pessoa que produziu o vídeo. O ecossistema mental (onde se origina a linguagem e onde se dá o processamento dela) é o de maior presença nos vídeos produzidos. Contudo, neste trabalho, elimina-se esses fatores a fim de compreender como os meios ambientes são mobilizados dentro das temáticas dos vídeos, sem se pensar nesses fatores da estrutura do gênero.

Como visto no gráfico 1, concluiu-se que as temáticas das produções faziam referências explícitas principalmente a aspectos sociais da vivência humana, como conversas, relacionamentos, acidentes etc. Em segundo lugar, ficaram as referências a aspectos naturais, como seres da natureza presentes nas histórias e cenários, naturais ou citadinos, nos quais as histórias se passam. Por último, os aspectos mentais, como sentimentos, emoções e paixões, foram os menos abordados.

ECO-REBEL

Meios ambientes mobilizados

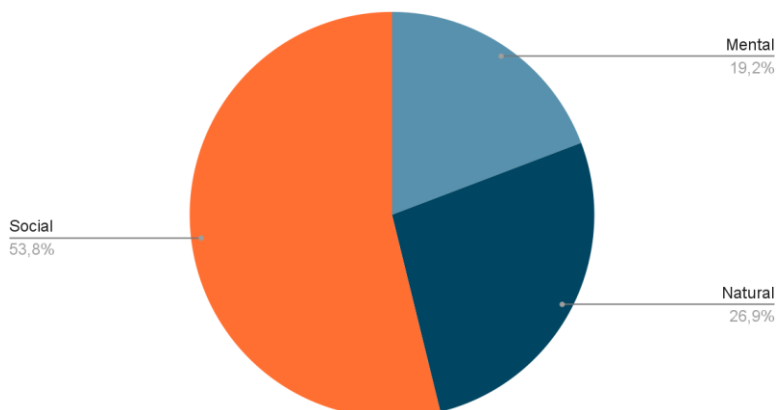


Gráfico 1 - meio ambientes mobilizados

Percebe-se que, assim como preconizado por Couto (2015) e Marina (1993), houve a influência de estímulos externos e internos nas produções dos alunos. Apesar de terem sido mobilizados em diferentes níveis, todos os meios ambientes estão presentes nas produções dos alunos com alta a média frequência. Percebe-se que houve uma alta estimulação da criatividade, afinal, os estudantes produziram a partir de referências retiradas das três meios ambientes classificadas pela LE, o que permite a pluralidade de temas e a alta reflexão para conexão destes, a fim de elaborar uma história coesa e interessante.

Percebe-se também que o meio ambiente social (estímulo externo), foi o de mais destaque nos vídeos. Isso pode se dar por diversos fatores, dentre eles: o fato da convivência em sociedade ser uma característica natural marcante dos seres humanos, diferenciando-o de outras espécies e, portanto, causar grande impacto na formação do sujeito e de suas ideias. Além disso, os gêneros textuais escolhidos para basear as produções (relato de memória, conto e crônica) podem ter influenciado nesse resultado, haja vista que histórias são produzidas a partir de interações entre seres. No caso dos TikToks, prevaleceram as interações entre seres humanos.

Na segunda análise, como visto no gráfico 2, nota-se que os alunos utilizaram diversas linguagens para produzir os seus vídeos, respeitando a multissemiose que o TikTok permite. Dentre as linguagens utilizadas, legendas, músicas, linguagem oral (contação de histórias oralmente), imagens e narração (*voice over*) foram as mais populares. Em menor quantidade foram utilizadas a linguagem do teatro (esquetes), efeitos de imagem, gírias, ilustrações e efeitos de voz.

Quanto às regras interacionais dos TikToks, o que se destaca é que, por serem vídeos publicados em uma rede social, eles têm a característica de serem, inevitavelmente, públicos ou compartilhados com determinadas pessoas. Essa característica transparece na estrutura de alguns vídeos, nos quais o autor estabelece uma interlocução direta com o ouvinte/leitor, cumprimentando-o ou tratando-o na segunda pessoa do singular. Em suas produções, muitos dos alunos se utilizaram dessa interlocução, principalmente nos vídeos de contação de histórias (linguagem oral), afinal, conta-se uma história a alguém. Nos outros vídeos, como nos de esquete ou que possuíam narração (*voice over*), a interlocução direta com o ouvinte já não foi utilizada, sendo essa restrita aos personagens.

ECO-REBEL

Linguagens utilizadas

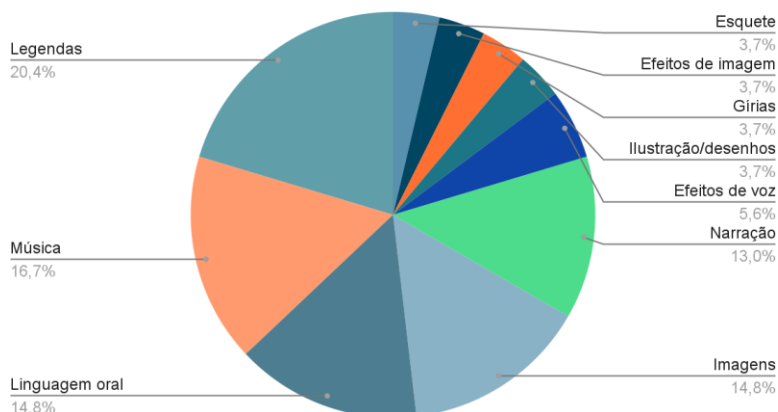


Gráfico 2 - linguagens mobilizadas

Visualiza-se que, além da pluralidade de meio ambientes mobilizados, os alunos também mobilizaram diversas linguagens para a construção dos seus vídeos, permitindo a familiarização com outros gêneros textuais e tecnologias/aplicativos. Considerando-se a virtualização do mundo e das relações humanas, torna-se importante o manejo de gêneros e tecnologias que não dizem respeito somente ao texto escrito, com o objetivo de administrar a comunicação virtual de forma plural, sabendo usar vídeos, imagens, músicas e aplicativos a favor do que se deseja dizer.

Na terceira e última análise, observou-se que 100% dos alunos que responderam ao questionário sentiram que a sua criatividade foi estimulada durante o desenvolvimento dos textos narrativos e dos TikToks. Ou seja, todos os alunos participantes sentiram que houve a mobilização das suas capacidades criativas, seja na escolha de um tema, nas escolhas das referências ecossistêmicas que seriam feitas, e/ou nas escolhas das linguagens que seriam utilizadas nos vídeos. Além disso, os alunos também relataram as suas motivações para as produções e como foram os processos de escrita e retextualização.

Para alguns alunos, a escrita do texto foi a parte mais difícil, entretanto, se tornou fácil a partir da escolha do tema, que era livre e, portanto, permitia que fosse escolhido um tema que os alunos consideravam fácil de discutir e se sentiam à vontade para se expressar, deixando que novas ideias surgissem livremente para, então, intensificá-las, dramatizá-las e transformá-las em vídeo. Contudo, para outros alunos, a produção do vídeo foi mais complexa que a escrita do texto, devido à linguagem principal escolhida (como ilustrações) e a alguns problemas técnicos que ocorreram com os aplicativos usados durante a edição dos vídeos. As motivações das temáticas dos vídeos foram, para alguns alunos, suas experiências em sala de aula, histórias que viram ou vivenciaram e vídeos que já haviam assistido.

Durante o processo de retextualização, no qual os alunos transformaram os textos narrativos em vídeos TikTok, foi relatado que, para que o vídeo fosse elaborado, os alunos precisaram ler e reler seus textos diversas vezes, pensando em como ele seria organizado audiovisualmente. Alguns optaram por ilustrações, outros, pela leitura do texto em voz alta. Os alunos também relataram que, após a organização das ideias do vídeo, foram necessárias a gravação e regravação, até que se obtivesse um produto final. Outras respostas ao questionário relataram que o texto narrativo serviu de base para que os alunos tivessem noção de como seria a confecção do vídeo. Ademais, durante essa confecção, eles usaram diversos recursos tecnológicos de aplicativos de edição e do próprio aplicativo TikTok para incrementar os seus vídeos.

A partir dos resultados aqui obtidos, pode-se pensar, novamente, se a autorrealização dos alunos (COUTO & FERNANDES, 2021), o seu bem-estar, foi alcançado durante a pesquisa. Como eles tiveram que produzir um vídeo de um gênero novo, com o qual não estavam formalmente familiarizados, houve alguns desconfortos durante o processo. Entretanto, percebe-se, pelas respostas dos estudantes ao questionário, que a livre temática e o livre uso de linguagens possibilitou que esse bem-estar fosse, então, alcançado. Dessa forma, os alunos relataram que as escolhas temáticas e estruturais dos vídeos foram feitas com base nos seus gostos pessoais ou no nível de dificuldade que o trabalho exigia, procurando sempre formas mais fáceis, ou seja, menos desconfortáveis de realizá-lo.

Considerações finais

A partir do estudo conduzido e dos resultados discutidos, é possível constatar muitos aprendizados em relação ao trabalho de gêneros textuais e da escrita criativa em sala de aula na educação básica, principalmente quando se trabalha com gêneros contemporâneos. São destaques desses aprendizados: a possibilidade de alta mobilização da criatividade por meio da liberdade e autonomia da produção e da pluralidade de multissemiões, o conhecimento que se adquire a partir do uso de novas tecnologias e o incentivo à participação e à produção dos alunos a partir de temas e gêneros com os quais eles se conectam.

Quanto à análise da mobilização da criatividade, foi importante a construção de um conceito que unisse a teoria de Marina (1993) e a Linguística Ecológica, possibilitando uma análise linguística das temáticas das produções dos alunos que contemplasse os ecossistemas da língua, que permitem que a os estímulos internos e externos recebidos pelo ser humano se manifestassem linguisticamente. Além disso, o conceito de autorrealização permitiu uma reflexão sobre como o trabalho do professor impacta o bem-estar do aluno. Nessa perspectiva, é importante que o docente busque ouvir ativamente os seus alunos, pensando em metodologias de ensino que atinjam os seus objetivos e contribuam para o bem-estar dos estudantes que, conseqüentemente, se sentirão mais motivados a aprender, buscando a autorrealização discente.

Em relação ao gênero TikTok e à sua consolidação social recente, depreende-se que os alunos já estão familiarizados com os vídeos TikTok, entretanto, é importante ressaltar que, para além da observação, a teoria e a prática do gênero sejam explicitadas em sala de aula, de forma que o aluno se torne um observador reflexivo e, também, um criador.

Novamente, destaca-se que o vídeo TikTok é multissemiótico e permite que os alunos trabalhem diversas habilidades ao elaborá-los. Na pesquisa atual, o foco do trabalho era a mobilização da criatividade e a produção autônoma dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa. Entretanto, os TikToks também podem ser usados em outras áreas do conhecimento, ou para trabalhar conteúdos específicos. Se houver a demanda dos alunos para criar algo novo e diferente, o professor pode pedir, por exemplo, que os estudantes criem um vídeo sobre um conteúdo da disciplina que é importante para a sua formação ou que eles estão tendo dificuldades para aprender. Combinar tecnologias inovadoras ao ensino regular pode ser uma forma interessante de integrar o contexto social dos alunos à escola.

Nesse aspecto, é importante que haja também uma inovação tranquila, que mescle atividades que os alunos já conhecem com outras com as quais eles ainda não têm tanta familiaridade. Por exemplo, nesta pesquisa, a escrita de um gênero textual ao qual os estudantes já estavam habituados facilitou a transição para um gênero totalmente novo, com o qual muitos não tinham familiaridade para criar.

Quanto à liberdade na escolha temática, característica da metodologia da Redação Libertadora, também se mostrou muito proveitosa, haja vista a variedade de temas que foram tratados e,

ECO-REBEL

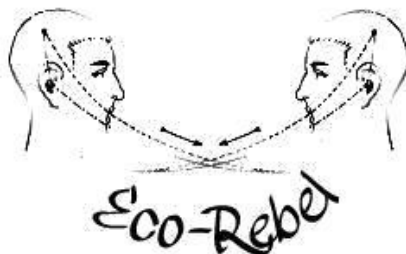
principalmente, o quanto os alunos se mobilizaram criativamente – naturalmente, mentalmente e socialmente – para buscar inspirações e produzir seus vídeos. É necessário destacar que, a partir dessas produções, também é possível compreender muito sobre os alunos: quais são suas inspirações, o que lhes afeta, suas histórias de vida etc. Esse conhecimento pode ajudar o professor na compreensão dos contextos sociais dos estudantes e, conseqüentemente, ajudá-lo na tentativa de ensiná-los a partir do que eles conhecem ou gostam. É necessário ressaltar também que, por meio da produção autônoma que a Redação Libertadora permite, é importante que os alunos se reconheçam como donos das suas ideias e saibam lapidá-las e estruturá-las sozinhos, construindo o seu discurso e estilo aos poucos.

Referências

- DIAS, Eliana *et. al.* Gêneros textuais e(ou) gêneros discursivos: uma questão de nomenclatura?. *Interações*, n. 19, 2011, p. 142-155.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, tradução de Maria Ermantina, 1997.
- MARINA, José Antônio. Tratado de proyectar. In: MARINA, José Antônio. *Teoría de la inteligencia creadora*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1993, p. 149-173.
- COUTO, Hildo Honório do. Expressão harmoniosa: a redação libertadora. In.: *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas: Editora Pontes, 2012, p. 201-222.
- COUTO, Hildo Honório do. Linguística Ecológica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. [Brasília, DF]: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 fev. 2022.
- GOMES, C. J. M. *O método etnográfico: ensaio metodológico*. Vila Real, 2016.

Aceito em 11 de julho de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.



RESENHA

*Boletim do GEPL*E, número 10, 2022, monográfico, dedicado à ADE (com 8 artigos e resenhas)
Disponível em: <https://www.ecoling.unb.br/images/BG10.pdf>

Resenhado por Mayara Macedo Assis (UFG, PPGLL, NELIM, CAPES)

Já faz dois anos que este número monográfico do *Boletim do GEPL*E foi publicado, mas, dada a importância dos tópicos que ele abrange, os organizadores de *ECO-REBEL* consideraram válido apresentá-lo aos leitores da revista. Afinal, a Análise do Discurso Ecológico (ADE) de que ele trata ainda é muito jovem, portanto, quanto mais divulgação se fizer dela, melhor. A propósito, no próximo número (v. 11, n. 1, 2025), teremos a resenha de outro livro dedicado à ADE: *Análise do discurso ecológico: Teias e trilhas do ecossistema mental*, de Elza Kioko do Couto e Maria Ivoneti Ramadan (Campinas: Pontes Editores, 2024).

*GEPL*E é o *Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB), cujo boletim é organizado pelos pesquisadores Hildo Honório do Couto e Anderson Nowogrodzki da Silva. O número em questão foi publicado dia 1º de abril de 2022 e foi inteiramente dedicado à Análise do Discurso Ecológico (ADE), sendo constituído por um poema, uma introdução, 8 artigos e, por fim, uma menção a resenhas já publicadas sobre a ADE. O conteúdo de cada uma dessas contribuições será apresentado doravante.

O poema que abre o volume intitulado *Guerra* é de autoria de Francisco Gomes de Matos. O autor é apresentado como um pioneiro da Linguística Aplicada e da Ecolinguística, cujo trabalho tem se dedicado à promoção de uma linguística da paz, o que está em consonância com os princípios da ADE, que valoriza a vida, a harmonia e a diversidade. Dessa forma, um poema que versa sobre a desumanização da guerra é a abertura perfeita para os conteúdos que virão a seguir.

Na *Introdução*, é explicado que o número comemora 9 anos de existência da ADE (agora 11), anteriormente chamada de *Linguística Ecológica Crítica* e também *Análise do Discurso Ecológico*. Dessa forma, além de dar um panorama geral da disciplina e suas aplicações, a publicação também celebra todo o percurso da ADE de 2013 a 2022, dando ênfase à aplicação da teoria em análises de casos concretos, evidenciando os seus desafios e ao mesmo tempo as suas possibilidades. Nesta seção há também uma breve apresentação da temática dos artigos presentes no volume e suas contribuições.

O primeiro artigo é intitulado *Novas reflexões sobre Análise do Discurso Ecológica – ADE*, assinado por Hildo Honório do Couto. O texto dá uma visão panorâmica do que é a ADE e quais foram os seus principais avanços, passando por alguns conceitos-chave, tais como: ecometodologia, ecoideologia, texto-discurso e visão holística. Dentre os tópicos abordados, o autor ressalta que um diferencial da ADE é a inclusão dos três ecossistemas na análise: parte do ecossistema natural para se chegar ao social, incluindo também a dimensão mental, que é a mediadora entre os dois. Apesar da preferência pelo texto-discurso dialógico, qualquer texto-discurso pode ser analisado e seus conceitos e categorias são em grande parte compartilhados com a LE, mas a disciplina tem as suas especificidades, tais como os princípios da defesa incondicional da vida e luta contra o sofrimento evitável.

No que diz respeito à ecoideologia, Couto explica que as relações de poder político-ideológico podem ser mobilizadas, desde que subordinadas à ideologia da vida. A possibilidade de se recorrer a diversas metodologias e disciplinas quando necessário (multimetodologia e multidisciplinaridade), por sua vez, se articula com a visão ecológica de mundo (VEM) própria da ADE, pois o pesquisador pode se valer de uma teoria-metodologia específica para analisar um dado, mas deve interpretar seus resultados de modo abrangente e holístico, a perspectiva da VEM. Por fim, são tecidas algumas considerações acerca do caráter de engajamento da ADE, segundo o qual cabe ao pesquisador sugerir modos de intervenção quando identificada uma situação de desarmonia. Conflito e ruptura existem naturalmente e são gatilhos para a evolução, o que significa que a ADE não necessariamente toma um partido, mas sim vai na direção do equilíbrio, da comunhão e da homeostase. Trata-se, de certa forma, de uma ciência da vida.

No segundo artigo, *O conceito de Discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica*, de Anderson Nowogrodzki da Silva, é esmiuçado o termo *discurso*, nem sempre tão claro para os novos leitores e estudiosos da Análise do Discurso (AD), seja em qual vertente for. Pensando nisso, Silva explana o conceito de discurso em diferentes perspectivas: para Foucault, para a Análise do Discurso de linha francesa, para a Análise Crítica do Discurso (ACD), para Bakhtin e, por fim, para a ADE. Antes de adentrar nos conceitos em si, o autor faz uma breve apresentação da ADE, reforçando a importância de dar atenção aos conceitos de base, ao ponto de partida, para melhor compreensão do objeto de análise e operacionalização da teoria. Em sequência, explica que o objetivo de abordar o conceito de discurso em diversas perspectivas é observar os pontos de convergência e dissonância com outras vertentes da AD.

Sem delongas, apresenta de modo didático e sucinto as diferentes definições. Para Foucault, o discurso é um conjunto de enunciados no qual é possível encontrar regularidade, sendo uma representação social, histórica e cultural da realidade. A AD Francesa segue a mesma linha de raciocínio, mas acrescenta a noção de sujeito, que é múltiplo e dinâmico, comportando diversas posições e inserido em relações de poder. Para a ACD, o discurso engloba a dimensão do texto, da prática discursiva e da prática social, o que significa que reproduz a sociedade como ela é, mas permite sua transformação. Para Bakhtin, é uma construção linguística vinculada a um contexto social e formada nas relações dialógicas.

De modo geral, para todas as vertentes o discurso vai além da língua, do texto e do dizer, pois transcende os elementos linguísticos estruturais. Dessa forma, cada AD tem o mesmo objeto de análise sob perspectivas diferentes. O autor encerra com uma definição sucinta e didática do discurso para a ADE: “a relação entre os modos de ver/interpretar o mundo (perspectivas) em dado ecossistema linguístico e como se pode interagir comunicativamente/agir a partir deles” (p. 19), enfatizando a importância do texto-discurso e do pesquisador ativo, que age sobre a realidade.

O terceiro artigo, *Contribuições para a discussão em torno da Análise do Discurso Ecológica*, de Rui Ramos, explicita logo de início que pretende levantar questões e não dar respostas

definitivas sobre a ADE. O autor retoma a conferência de Einar Haugen, em 1970, que abordou a relação entre língua e ambiente e abriu as portas para o surgimento da Ecolinguística. Feito isso, destaca alguns pontos que considera de destaque na ADE, tais como: a consideração dos meios ambiente natural, mental e social, a visão da língua como repositório da experiência de uma comunidade, dentre outros.

O autor fala também sobre alguns pontos que considera polêmicos ou carentes de maior explicitação na ADE, dando ênfase à “multimetodologia”, à “multidisciplinaridade” e ao engajamento do pesquisador. As primeiras, na sua percepção, podem levar a uma perda da especificidade científica e resultar em generalidades; já o segundo leva ao risco do comprometimento da credibilidade do pesquisador. Um aspecto de destaque aqui é que Ramos não chega a ser incisivo nas suas colocações, inclusive mencionando que pode haver na verdade uma maior necessidade de apreensão de sua parte. O próprio Couto traz na introdução uma visão contrária à crítica feita sobre a “multimetodologia” e “multidisciplinaridade”. Trata-se, entretanto, de um artigo valioso para que os próprios pesquisadores atentem para os pontos que carecem de maior explicação em seus trabalhos.

O quarto artigo, *A César o que é de Deus: análise discursivo-ecossistêmica do slogan publicitário-político: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos"*, assinado por Samuel de Sousa Silva, tem a pretensão de contribuir para a solidez e validação da ADE como uma nova Análise do Discurso fundamentada na Ecologia, para isso analisando o enunciado da campanha presidencial de 2018. O autor explica que a análise na perspectiva ecossistêmica não pode ser apenas de conteúdo, mas deve atravessar o texto, o que implica ver o objeto a partir de suas inter-relações e sua relação com a totalidade. Sendo assim, o slogan é analisado em sua inscrição histórica e ecossistêmica.

No enunciado há dois grupos em oposição, Brasil e Deus x tudo e todos, em que o primeiro está em posição de ascensão subjugando o outro. Trata-se da nação e da religião em posição de sujeito, acima da "massa" que ocupa a posição de objeto. Trata-se de um slogan cunhado por um grupo de nacionalistas da época da ditadura militar, acrescido da ideologia religiosa, que culmina na relação do cristofacismo com o bolsonarismo. Em uma perspectiva ecossistêmica, é preciso analisar as inter-relações que compõem o bolsonarismo: há um lento processo discursivo utilizado para tirar a humanidade do “outro” – neste caso representado por “todos” e “tudo”, sem uma identidade definida, o que vai contra os princípios da visão ecológica de mundo (VEM). Por fim, esse processo não apenas leva ao desequilíbrio do ecossistema discursivo-político, como também do ecossistema maior que é o Brasil.

O quinto artigo, *Florestas '(im)plantadas' e o discurso 'verde' do agronegócio: um olhar sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecossistêmica*, de Gilberto Paulino de Araújo, traz uma reflexão acerca da “defesa” do meio ambiente. Segundo o autor, o assunto não é mais uma preocupação exclusiva dos movimentos sociais, mas, ao mesmo tempo, não é refletido nas práticas sociais. Para explicitar seu argumento, recorre ao que é publicizado pela mídia em nome dos setores do agronegócio, que difundem o agro como a base política-econômica do país e diluem o aspecto ambiental em meio a fatores como riqueza e crescimento.

O uso do termo "florestas plantadas" pelo agronegócio leva a uma reflexão sobre as definições de "floresta", que normalmente não abarcam a complexidade dos ecossistemas. Os setores monocultores se dizem sustentáveis por expandirem as "florestas plantadas", sendo que o monocultivo de espécimes visa sobretudo ao lucro e é incompatível com floresta e sustentabilidade. Ao analisar o discurso da "economia verde" a partir dos princípios da defesa da vida, luta contra sofrimento evitável, diversidade e visão de longo prazo, conclui-se que o discurso é inconsistente, pois desconsidera a complexidade dos ecossistemas e a inter-relações entre diferentes formas de vida.

O sexto artigo é intitulado *A presença da linguística em livros didáticos de ensino médio: uma proposta pela Análise do Discurso Ecológica*, de autoria de Davi B. Albuquerque. Visa a investigar a presença da teoria linguística em livros didáticos (LD) de Ensino Médio (EM), verificando os discursos existentes nessas obras. Segundo o autor, o LD é elaborado de acordo com a política governamental vigente, o que o torna instável e nem sempre articulado com as preocupações do ensino. Na teoria, com o advento dos PCNs e da BNCC, a Linguística passou a ganhar espaço no EM com a inserção das temáticas de letramento, gêneros textuais/discursivos, variação linguística e análise linguística, tornando os alunos críticos a respeito das necessidades sociodiscursivas.

Entretanto, na prática, estudos sobre LD em outras vertentes da AD concluíram que os LDs perpetuam visões excludentes, possuem um caráter prescritivo e não articulam Linguística e Gramática. O autor destaca que, ao se fazer uma análise na perspectiva da ADE, é preciso focar no lado positivo e valorizar o conteúdo em detrimento da forma, o que implica encarar todas as mudanças – desde a inserção de conteúdos até a nova modalidade do EM – sob uma "ótica de boas intenções", mas sem deixar de lado o olhar crítico. Dessa forma, o autor encerra suas reflexões propondo o que chama de "solução híbrida", que seria um equilíbrio entre o tradicional e a inovação, com espaço para o conhecimento linguístico e o extralinguístico.

O penúltimo artigo do volume, *A vulnerabilidade comunicativa em audiências do juizado especial cível à luz da Análise do Discurso Ecológica*, é assinado por Tadeu Luciano Siqueira Andrade. O artigo apresenta diálogos possíveis entre a ADE e o Direito Processual, para isso analisando uma audiência, parte de um processo relativo ao consumo. O autor explica que a vulnerabilidade faz parte das relações jurídico-consumeristas porque o cidadão comum não convive com a norma jurídica e sua linguagem hermética. É reconhecida pelo Código de Defesa do Consumidor (CDC) e influenciada por questões sociais, políticas, culturais e econômicas.

É analisada uma audiência relativa a um celular adquirido por um carpinteiro na Bahia. O aparelho apresenta defeito, o carpinteiro encaminha para a assistência técnica da loja e, um tempo depois, o problema volta a persistir. Sendo assim, o autor da ação pleiteia a restituição do valor pago pelo aparelho. É relatado que, durante a audiência, a barreira da linguagem jurídica faz com que o carpinteiro passe de interlocutor a apenas ouvinte, pois não há a compreensão necessária para que ele possa de fato interagir. Só quando o juiz "traduz" as informações apresentadas pelos advogados da loja que a função social da linguagem é de fato cumprida, havendo uma adaptação mútua, conforme os preceitos da ADE. Após a discussão do caso, o autor encerra com a reflexão de que a ADE pode ser aplicada ao Direito, levando a uma visão ecológica a respeito da vulnerabilidade e da justiça.

Por fim, o último artigo de Ubirajara Moreira Fernandes, *Breve histórico da jovem Análise do Discurso Ecológica*, se propõe a reconstituir a trajetória da ADE a fim de tornar sua história conhecida. Trata-se de um texto curto que, ao contrário dos demais, não aplica os preceitos teóricos a casos concretos, mas faz um levantamento do que já foi produzido até então.

O primeiro registro que se tem da ADE é de 2013, quando se constatou a necessidade de uma disciplina específica para tratar do texto-discurso, o que vai além do que é proposto pela Linguística Ecológica (LE). O primeiro livro inteiramente dedicado à disciplina é publicado em 2015 (Couto; Couto; Borges, 2015), trazendo considerações teóricas e exemplos de análises. Logo em sequência, surge o nome que perdura até hoje, *Análise do Discurso Ecológica*, por sugestão de Arran Stibbe, e também há a primeira defesa de dissertação. Outros marcos importantes são mencionados, tais como a antologia de 2016 (Couto; Couto, 2016) e o livro de 2021 (Couto; Fernandes, 2021), bem como artigos da *ECO-REBEL*, o próprio *Boletim do GEPL* e demais produções acadêmicas.

Enfim, o autor é minucioso na sua pesquisa e traz várias referências a respeito da ADE que podem facilmente ser consultadas no próprio texto. Por fim, conclui que se trata de uma disciplina inovadora por ser genuinamente ecológica, parte da ciência da vida. Após este artigo, na última seção do volume, há a menção a três resenhas já publicadas de livros referentes à ADE, todos inclusive mencionados no decorrer do volume, com a respectiva indicação dos autores e *links* de acesso.

Um aspecto a ser observado é que vários dos textos presentes no volume apresentam a ADE como parte da LE. Por se tratar de uma teoria em constante desenvolvimento, antigos conceitos são revistos e novos conceitos são introduzidos quando necessário, o que de forma alguma compromete a credibilidade da disciplina, mas apenas enriquece a discussão teórica e comprova que de fato se trata de uma vertente ecológica, sempre aberta a novos influxos do ecossistema. Tendo isso em mente, em Couto e Ramadan (2024), há uma discussão acerca da ADE estar vinculada à LE, afinal ambas partem da Ecologia e por isso compartilham conceitos e a visão ecológica de mundo. Entretanto, para as autoras cada uma se desenvolveu de acordo com seus objetivos e objetos de estudo, tendo agora existência independente de modo que uma não necessariamente é parte da outra, o que vai de encontro aos trabalhos anteriores, segundo os quais ADE é uma subteoria da LE. Trata-se de um aspecto importante a ser levado em consideração em futuros trabalhos.

O ponto forte do número em questão é, sem dúvida, a ordem estratégica dos textos. Com um intrigante poema de abertura e uma introdução objetiva, o número contém três artigos consideravelmente mais teóricos, seguidos de quatro artigos com aplicações práticas e, por fim, um texto que não necessariamente apresenta informações ou análises novas, mas faz um retrospecto de muito valor da disciplina. Os textos mais teóricos servem tanto como apresentação para aqueles ainda não familiarizados com a disciplina, tanto como retomada para aqueles que já se depararam com ela em algum momento. Os artigos que apresentam análises de situações concretas são extremamente bem selecionados, visto que perpassam por textos-discursos de diferentes âmbitos – político, midiático, escolar e judiciário – evidenciando assim que a teoria de fato é relevante para todo e qualquer discurso, não se restringindo apenas a questões ambientais. Por fim, vale ressaltar aos interessados que há muito material adicional e de fácil acesso a ser consultado sobre ADE, cujas referências podem ser encontradas no próprio volume. Para os incrédulos que pensavam se tratar de apenas mais um “-eco modismo”, os 11 anos de existência da disciplina, o rico número aqui apresentado e os demais trabalhos que continuam a ser produzidos e publicados comprovam que, como uma ciência da linguagem e da vida, a ADE já tem o espaço mais do que validado, tendendo apenas a se expandir e conquistar mais espaço.

Referências:

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; RAMADAN, Maria Ivoneti. *Análise do discurso ecossistêmica: teias e trilhas do ecossistema mental*. Campinas: Pontes Editores, 2024.

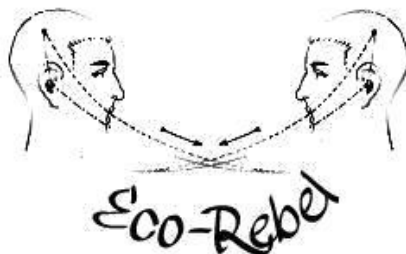
COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do (orgs). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

ECO-REBEL

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. *Análise do discurso ecológica – (ADE)*. Coleção: Linguagem e Sociedade vol. 9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

Aceito em 20 de julho de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.



RESENHA

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto & Maria Ivoneti Busnardo Ramadan. *Análise do discurso ecossistêmica: teias e trilhas do ecossistema mental*. Campinas: Pontes Editores, 2024, ISBN: 9786556379685.

Resenhado por Ubirajara Moreira Fernandes, *Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*

Este livro é o terceiro que se publica sobre análise do discurso de base ecossistêmica/ecológica. O primeiro foi *Análise do discurso ecológica – ADE*, de autoria de Hildo Honório do Couto, Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto & Lorena Araújo de Oliveira Borges, publicado pela Pontes Editores, de Campinas, em 2015. O segundo saiu com o título *Análise do discurso ecossistêmica – ADE*, em 2021, de autoria de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto & Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (ISSBN 978-65-994624-0-5). Como se vê, aqui há uma alteração no nome da disciplina, usando-se “ecossistêmica” em vez de “ecológica”, embora a sigla tenha permanecido a mesma, ADE. Ele está disponível *online* no site da Linguística Ecossistêmica em <https://www.ecoling.unb.br/images/E5.pdf>

Quanto ao livro ora resenhado, *Análise do discurso ecossistêmica: teias e trilhas do ecossistema mental*, ele está assinado por Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto & Maria Ivoneti Busnardo Ramadan, publicado também pela Pontes Editora, em 2024.

Sabemos que a Análise do Discurso Ecossistêmica, juntamente com a Linguística Ecossistêmica, reconhece três dimensões na língua e nas atividades linguísticas em geral, chamadas ecossistema natural, ecossistema mental e ecossistema social da língua. Como se pode ver no subtítulo do livro (teias e trilhas do ecossistema mental), ele tem por objetivo primordial explorar o lado mental da atividade languageira, no que vai de encontro à esmagadora maioria dos ensaios sobre análise do discurso, que têm enfatizado o lado social. A propósito, pode-se dizer que até mesmo no âmbito da Ecolinguística se tem subvalorizado a dimensão natural, esquecendo que os humanos são antes de tudo carne e osso e são dotados de um cérebro e uma mente, que é o cérebro em funcionamento. É aí que se dão grade parte dos sofrimentos que afligem os humanos, além dos sofrimentos físicos e os sociais (difamação, desmoralização perante aos demais membros da comunidade etc.). Após esses comentários preliminares, passo em revista o conteúdo do livro de Elza Kioko do Couto e Maria Ivoneti Ramadan.

ECO-REBEL

O livro consta de uma Introdução, quatro capítulos e as Considerações finais, além do prefácio de Zilda Dourado Pinheiro. Já na Introdução as autoras apresentam o cenário em que a ADE se faz necessária diante da piora da vida dos mais pobres devido ao “desequilíbrio ecológico” que está levando à “extinção de recursos naturais” (p. 13). A despeito das críticas que fazem à desenfreada busca por desenvolvimento científico, elas tentam vislumbrar um lado positivo na ciência, no qual se deve “priorizar a interdependência entre os seres vivos, restaurar a natureza, dessacralizada pela ganância humana, e adotar uma visão complexa da realidade e do homem em suas contradições, imprevisibilidades e incertezas” (p. 14). Enfim, o livro nos instiga a reconhecer que nós, humanos, somos não apenas seres de carne e osso que têm uma vida social. Como a ADE reconhece três dimensões na linguagem e na vida, vemos que medeando as duas dimensões extremas (natural e social), temos uma vida mental que, no fim das contas, é a que determina grande parte de nossa personalidade, nossas incertezas, fobias, neuroses, depressões etc. Vale dizer, na tríade “ecossistema natural da língua”, “ecossistema mental da língua” e “ecossistema social da língua”, é preciso valorizar a ligação que há entre os dois extremos. É o que se diz na Introdução, que termina com um breve histórico da ADE e suas fontes de inspiração. É o que as autoras pretendem fazer neste livro, contrariamente ao que se tem feito tradicionalmente.

O capítulo 1, “Análise do Discurso Ecológico (ADE)”, é uma apresentação detalhada da ADE e de seus pressupostos ecológicos. Ele tem 48 páginas, sendo ultrapassado em extensão apenas pelo terceiro, “A ADE, as neurociências e os pressupostos jungianos” com 62 páginas, sendo o segundo, “Ecossistema mental”, o mais curto, com apenas 12 páginas.

Já na Introdução (1.1) do capítulo 1 as autoras apresentam uma síntese de seu conteúdo.

Iniciamos com algumas considerações sobre a Ecologia Profunda, na qual a ADE se baseia, bem como sobre a Ecologia em si, que é a base epistemológica da disciplina. Explicamos os conceitos de ecossistema linguístico (e quais são eles), de texto-discurso e de interação comunicativa. Elencamos os elementos de uma Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), as contribuições da Gramática Sistêmico-funcional e os métodos e categorias de análise da ADE. Por fim, mas não menos importante, repensamos a questão do sofrimento dentro da teoria, de modo a nortear melhor o pesquisador no momento de uma análise” (p. 19).

Aí está, em miniatura, o conteúdo do capítulo. Ele explora as fontes da ADE na Ecologia biológica, na Ecologia Profunda e as influências da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday. Mas, um componente importante é a discussão sobre o fato de a Linguística Ecológica ver a língua como interação, não como instrumento de interação. Mas, entram mais fundo no diferendo da ADE, a questão biológica, com os sofrimentos que ela implica.

No que concerne à Ecologia profunda, as autoras expõem seus oito princípios propostos por Arne Naess em 1973, entre os quais eu gostaria de salientar dois. Primeiro, a ideia de que nós somos apenas mais uma espécie viva no mundo, o que mostra que nada justifica nosso antropocentrismo. Segundo, a sugestão de que quem adota esses princípios tem a obrigação de intervir em prol da defesa da vida, o que inclui uma luta contra o sofrimento evitável. Estas últimas constituem o núcleo da ADE. O cientista, o linguista e o ecolinguista com mais razão, devem se engajar em prol da defesa da vida na face da terra para evitar o sofrimento e a morte.

Em seguida as autoras aprofundam um pouco mais as “raízes da ADE”. Aqui eu faço uma crítica a elas, pois, afirmam que “a ADE é parte da Ecologia” [...] “não da LE” (Linguística Ecológica). “Assim, não pensamos que uma é parte da outra”, fato que expõem numa figura em que haveria apenas intersecção entre ADE e LE. Ora, isso vai contra tudo que foi dito antes na literatura sobre ADE e LE, desde 2014. Como o próprio nome já diz, “Análise do Discurso

Ecossistêmica” é, sim, parte da Linguística Ecossistêmica. A literatura tem mostrado que a ADE também é ecossistêmica pelo fato de visibilizar mediante um *zoom* o que fica invisível da perspectiva macro da LE, ou seja, a defesa incondicional da vida e a luta contra o sofrimento evitável. Nesse ponto o livro não é convincente, o que não desmerece seus outros grandes méritos. No restante do capítulo o livro se volta para o que é discurso e que discurso estudar na ADE. Enfatiza bastante a ecologia da interação comunicativa, que põem em primeiro lugar, sendo que deveriam ter posto os dois princípios recém-mencionados, pois a ideia de língua como interação já é parte da Linguística Ecossistêmica. Uma faceta interessante do capítulo é a breve discussão sobre as contribuições que a Linguística Sistêmico-Funcional pode trazer para a Ecolinguística e, por extensão, para a LE e a ADE. Discute-se o “papel do pesquisador”, apresentam-se “algumas categorias da ADE”. Discutem a questão metodológica da análise do objeto de estudo (nível micro) e da interpretação dos resultados, no nível macro da visão ecológica de mundo (VEM). Entre as categorias que discutem incluem-se a ecologia da interação comunicativa, para as autoras o núcleo da ADE, e a intertextualidade, categoria de outros modelos de análise do discurso. Alinham categorias da Ecologia como holismo, diversidade, adaptação, evolução, reciclagem, porosidade, sustentabilidade, visão de longo prazo etc.

Na última seção do capítulo (1.12), as autoras adentram mais profundamente o busílis da questão para a ADE, a “ecologia da vida”, na qual se incluem as já mencionadas defesa da vida e a luta contra o sofrimento evitável, no espírito de uma ética do cuidado com o fim de superar a vulnerabilidade dos seres vivos na face da terra.

O capítulo 2, o mais curto do livro (12 páginas) tem por título “Ecossistema Mental”. Por não verem a ADE como parte da LE como na tradição dos estudos ecossistêmico-linguísticos, as autoras não expõem os pilares ecossistêmicos do ecossistema mental. Na verdade, no ecossistema mental da língua o agente das interações, seu lado P, é constituído pelos neurônios, intitulados P₂. As interações entre eles se dão no cérebro, que é o *locus* delas, seu território (T₂). As próprias interações constituem a língua da perspectiva mental, ou seja, L₂. Mas, acertadamente elas enfatizam o papel das “ciências auxiliares” do mental. Entre elas a Linguística Cognitiva, e a teoria antropológica do imaginário de Gilbert Durand, especialidade da primeira autora. Aí entram ainda a Psicolinguística, as neurociências e outras.

Por sinal, as neurociências, juntamente com ideias da teoria psicanalítica de Jung, constituem o objeto do capítulo 3 que, como já assinalei acima, é o mais longo do livro. Dessas ciências, as autoras aproveitam a “abordagem comportamental e cognitiva, pois, por meio da língua e do discurso, pode-se chegar ao entendimento do funcionamento do cognitivo, emocional e social de um indivíduo ou de uma comunidade, visto que emoção, atenção, memória, pensamento, dentre outros, se manifestam na linguagem e no discurso” (p. 81-82). Elas citam, entre outros, o conhecido neurologista e neurocientista português António Damásio. Entram na conceituação de cérebro, mente e psique, além de alguns “pressupostos jungianos”.

Seção 3.3.1 do capítulo é dedicada à “análise de textos” (p. 91-127). Os textos analisados são *As mil e uma noites*, *Eros e psique* (Fernando Pessoa) e *Metade* (de Oswaldo Montenegro). Independentemente da qualidade da análise, que parece boa, me parece que esta seção está um tanto deslocada no livro. Na verdade, ela deveria constituir um capítulo à parte, como quarto, “Análises segundo a ADE”. Na parte 3.3.2 falam de “Linguagem, mito e comunicação de arquétipos”, de certa maneira retomando a discussão teórica, mesmo que pontilhada de exemplos de figuras arquetípicas, mas terminando com um exemplo retirado de *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.

A seção 3.4 volta-se para “O ato de imaginar: exercício essencial da mente/cérebro”, portanto, retoma-se a teoria, desta vez ilustrada pela discussão de uma pintura rupestre da Serra da Capivara,

no Piauí. Salientam-se as íntimas imbricações que grupos étnicos antigos viam entre as imagens das coisas do mundo e eles próprios. Em seguida, voltam-se, de novo, para a teoria, discutindo a concepção de imaginação de Kant, Durand, Cassirer e Bachelard, passando pelas “Convergências entre a ADE e o ideário de Edgar Morin” (seção 3.4.2). Com sabemos, Morin é um dos grandes estudiosos dos sistemas complexos, sempre com um pé na Ecologia, terminando com uma retomada de “Damásio e as imagens” (3.4.3). Por fim, o capítulo se volta para a “Análise de quadros” (seção 3.5). Entre os exemplos que analisam encontram-se “O jardim” de Monet, um quadro de Salvador Dalí sobre a aparição de um rosto em uma fruteira. Após mostrarem um “Mapa do funcionamento dos neurônios” (p. 135), arrematam a discussão citando o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis e, de modo mais extenso, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que comenta a *selfie*, típico exemplo de isolamento social, individualidade exacerbada e da impessoalização de nossa época. Aliás alguém já disse que *selfie* é uma masturbação fotográfica. Vale dizer, não há mais tempo “para a imaginação, o pensamento, o devaneio, a racionalidade e a fantasia, componentes inerentes da espécie” (p. 139). O capítulo é finalizado retomando Edgar Morin. Elas veem nas ideias do autor que o “objetivismo científico, o conluio da ciência com os ditames neoliberais e com o mercado, a disjunção da subjetividade humana da ciência, o conflito entre ética e ciência, tudo isso são questões que devem estar na ordem do dia de um pesquisador” (P. 141).

Embora tenham sido feitas diversas análises de dados concretos nos capítulos dedicados à teoria, o capítulo 4, o último, se intitula “Análises segundo a ADE” (p. 143). No primeiro parágrafo as autoras informam que “serão abordados dois exemplos práticos de como a ADE pode ser mobilizada, utilizando-se todo o exposto até então, na análise de textos-discursos”, que serão uma “propaganda de lançamento de um edifício de luxo no bairro dos Jardins em São Paulo, veiculada na mídia televisiva em horário nobre”, e o conto “A sétima árvore” de Milton Hatoum. A propaganda procura se inserir no que há de mais moderno, atual, em sintonia com o mundo globalizado. O prédio foi planejado por arquitetos renomados e executado por engenheiros renomados, auxiliados por decoradores também renomados. Na mensagem em si, usa-se uma linguagem acessível e cara às classes ricas, pois o local são os Jardins em São Paulo.

O conto de Hatoum trata de algo diametralmente oposto, a vida na floresta, com tudo que isso implica. Parece que o conto está transcrito na íntegra. Como se lê no início dos comentários, “Por se tratar de texto narrativo ficcional, os sujeitos, o tempo e o espaço devem ser tomados como redes de interações que se dão em seu interior, construídas por meio do ecossistema natural – marcação temporal e espacial; do ecossistema mental – imagens e símbolos estéticos; e do ecossistema histórico social – personagens e narrador com suas visões de mundo, experiências e sentimentos”. Vale dizer, as autoras explicitam que a análise será feita com base nos parâmetros da ADE. Eu não vou entrar nos detalhes da fina análise feita do conto, bem como da propaganda televisiva. Em vez disso, gostaria de terminar essa resenha com um texto que se encontra no *site* da Pontes Editora sobre o livro.

*Levantar a bandeira da ética do cuidado com o outro e com os vulneráveis não é mais exclusividade de movimentos assistencialistas. Em tempos de complexidade nas ciências e na sociedade, observa-se o compromisso de algumas áreas de pesquisa em dialogar com metodologias convergentes, ou seja, com disciplinas que possam ampliar o entendimento de seus objetos de pesquisa com vistas às necessidades humanas. É o que este livro – **Análise do Discurso Ecológico: teias e trilhas do ecossistema mental** – propõe.*

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma disciplina recente, que trabalha a linguagem integrada à ecologia e elege a noção de “ecossistema” como ponto de partida na abordagem de seus elementos constituintes: as dimensões natural, mental e social. Além de revisitar a ADE,

ECO-REBEL

explicitando suas raízes e sua metodologia, o que este livro traz de inovador é o foco no ecossistema mental, já que o compromisso com o bem-estar do outro demanda ir além das motivações concretas que o mobilizam.

Por isso, o livro aproxima-se interdisciplinarmente de ciências auxiliares articuladas à linguagem, como as neurociências, as teorias da psique e nelas o papel dos arquétipos e da imaginação. Estas linhas oferecem a estudantes dispostos a conhecer a ADE um panorama geral da disciplina e exemplos de análise textual-discursiva, de modo a guiar futuros pesquisadores em seus próprios trabalhos.

Para além dos muros acadêmicos, qualquer leitor, voltado para a problemática dos dias atuais, pode tirar proveito destas páginas e redimensionar o alcance desse patrimônio inigualável da espécie: a linguagem e a mente humanas. Disponível em:

https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/linguistica/analise-do-discurso-ecossistemica-teias-e-trilhas-do-ecossistema-mental/

Aceito em 29 de junho de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.